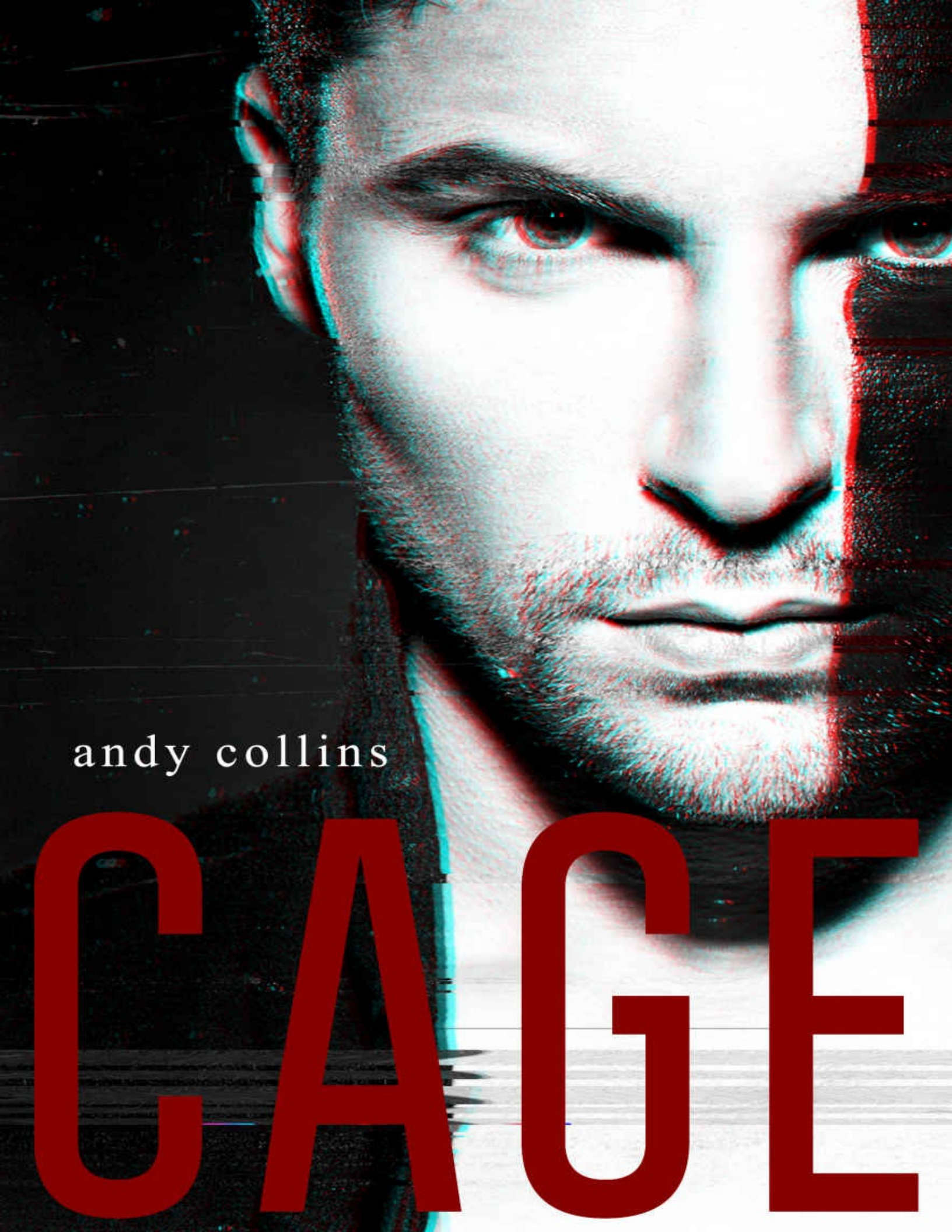




andy collins

CAGE



PERIGOSAS

andy collins

CAGE

NACIONAIS-ACHERON

Copyright © 2017 Andy Collins

Copidesque e Revisão: ***Samantha Silveira***

Capa: ***Dri K.K. Design***

Diagramação: ***Cristiane Saavedra***

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ESTE LIVRO SEGUE AS REGRAS DA NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito da autora.



Cage

SUBSTANTIVO: CELA, PRISÃO

VERBO: PRENDER, ENJAULAR.

SUMÁRIO

Capa

Ficha Catalográfica

Cage

1

Onze anos atrás

2

Presente

3

Presente

4

Onze anos atrás

5

Presente

6

7

Onze Anos Atrás

8

Presente

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

Epílogo

Cinco anos depois

Agradecimentos

Nota da Autora

Biografia

Cage

Onze anos atrás

— Gravata estúpida — murmuro em frente ao espelho, tentando pela quinta vez fazer o nó da maldita gravata.

— O que há de errado? — Meu pai entra no quarto e ao perceber meu desespero, sorri. — Está tentando se enforcar, Cage?

— Muito engraçado, papai. — Ele se aproxima apoiando a bengala ao lado da minha cama, segura a gravata e faz um nó perfeito.

Suspiro aliviado.

Já estou alguns minutos atrasado para encontrar Erin, eu tenho certeza de que ela está uma fera comigo. Sei disso por causa das treze mensagens de texto que enviou nos últimos trinta minutos.

— Você está elegante. — Meu pai diz orgulhoso. — Erin vai gostar.

— Espero que sim, esse terno custou uma grana. — Meu pai sorri.

— Não há dinheiro que pague o sorriso daquela garota quando ela te ver assim.

Eu sorrio, sei que meu pai está realmente orgulhoso. Não é apenas um terno que estou usando, é o terno da minha formatura. Ele foi meu maior incentivador, e eu logo me mudaria para cursar faculdade e seguir meu sonho. Jogar na NFL.

Foram oferecidas várias bolsas de estudo, meu pai, eu e Erin analisamos cada uma delas, e no final, Erin me convenceu a ir para Nova Iorque, ela sabia que meu sonho era jogar nos *Jets*.

— Sabe de uma coisa, Cage — ela disse no dia que aceitei a bolsa de estudos. — Quando tudo isso acabar, você estará tão cheio de mim que provavelmente irá me mandar embora. — Ela sorriu, mas sabia que nada no mundo faria com que eu a mandasse embora, de jeito nenhum.

Erin ia para Massachusetts, cursar literatura Inglesa, ela queria ser professora.

— Vamos nos ver sempre, e também passaremos os fins de semana juntos. — eu disse, lembrando-a que estávamos separados por apenas poucas horas de distância.

— Eu sei. — disse ela quando tocou meu queixo. — Quando vai ver o apartamento?

— Na segunda pela manhã. Você tem certeza que não quer ir comigo?

— Ainda tenho algumas coisas para ver, então não posso ir. — Ela encostou a cabeça no meu peito. — Mas eu sei que vou amar qualquer um que escolher.

— Onde está o seu irmão? — pergunta meu pai, fazendo-me voltar ao presente.

— Ele saiu mais cedo. — Dou de ombros.

— Às vezes eu me pergunto que tipo de brincadeira a vida quis fazer. — resmunga e pega a bengala.

— Como assim? — pergunto sorrindo porque eu já sei a resposta.

— Me pergunto como dois irmãos podem ser tão diferentes, em absolutamente tudo.

Dou de ombros mais uma vez, meu pai sempre menciona isso. Enquanto trilhava meu caminho pelo futebol, meu irmão seguia o dele para se tornar médico.

Somos como o dia e a noite.

Meu pai é um jogador aposentado que ganhou rios de dinheiro durante sua carreira, e depois que a nossa mãe morreu, em um acidente que o deixou com um problema permanente na perna, não foi só sua carreira que tinha ido por água abaixo.

Tom Nolan se tornou amargo, e nos criou com punhos de ferro. Nunca disfarça sua repulsa na escolha de Luke pela medicina, mas meu irmão simplesmente ignora, ele treina tanto quanto eu, e tenho certeza de que se não fosse sua paixão pela medicina, estaríamos indo jogar juntos.

Mas, existe algo primordial para exercer qualquer profissão, paixão, e Luke não tem isso pelo futebol, diferente de mim. Eu respiro o campo, anseio pelos treinos, meu corpo é condicionado para isso. E aos dezessete anos, já tinha conseguido mais propostas do que qualquer jogador na história.

Nem preciso mencionar o quanto meu pai está orgulhoso.

— Estou atrasado. — Pego a flor que comprei para Erin.

— Luke deveria ter esperado, vocês dois tinham que tirar uma fotografia juntos, ou alguma merda dessas, como manda a tradição. — Meu pai começa a resmungar enquanto descemos as escadas.

— Prometo que assim que o encontrar, tiro uma foto para o senhor.

— Tem certeza que é seu irmão que irá para a faculdade de medicina? Luke não tem responsabilidade nenhuma.

— Papai... — advirto, é sempre o mesmo discurso.

— Estou falando sério, Cage, seu irmão não pensa em ninguém além de si próprio. Como no mundo ele vai conseguir se tornar médico?

— Não preciso ser Madre Tereza para me tornar um médico, papai, — Luke entra na sala, ele está sem gravata e com o terno pendurado em um dos braços.

— Você vai salvar vidas, Luke, vidas diferentes da sua, pense nisso. — aconselha meu pai.

— Eu já pensei, e é por isso que vou me tornar o melhor cirurgião que essa cidade já viu. — Ele abre um enorme sorriso.

— Eu não duvido. — Coloco a mão no ombro dele. — Você será o melhor, meu irmão.

— Quebre alguns ossos no campo, e eu irei consertá-los. — responde, e acredito mesmo na capacidade dele.

— Contanto que não sejam os meus. — sorrio e paro ao seu lado.

Luke fica ao meu lado enquanto nosso pai tira uma fotografia, três cliques depois e estamos saindo pela porta. Luke me avisa que irá me encontrar no baile, enquanto vou buscar Erin.

Ela deve estar uma fera, e eu adoro vê-la assim.

Observo a picape do Luke se afastar, enquanto abro a porta da minha e entro. Bem, talvez nosso pai possa estar enganado, Luke e eu temos muitos gostos semelhantes, a prova disso está nos carros que usamos. O mesmo modelo, um Discovery da Land Rover, cada um ganhou o seu no mês passado, como presente de formatura.

Ligo o som e “When You Were Young”, do The Killers está tocando, é impossível conter o sorriso no rosto. Erin adora essa música, e só em pensar no sorriso dela, eu fico mais ansioso ainda.

Tenho planos para essa noite, planos que envolvem Erin e eu no meio de lençóis numa suíte reservada no melhor hotel da cidade. Depois que ela me avisou que poderia passar a noite fora, providenciei tudo, e eu quero fazer com que cada minuto valha a pena.

Nossa primeira vez foi rápida, confusa e dolorida. Quero fazer mais, quero dar a ela a melhor noite. Ela é a minha garota, a mulher que eu amei desde a primeira vez que coloquei os olhos naqueles cabelos ruivos e nas sardas em seu rosto.

Ela merece o mundo, e estou mais do que disposto a dá-lo para ela.

Erin

Presente

— Papai! Papai!

Acordo atordada, a cama balança à medida que Liam pula em cima. Puxo as cobertas para cobrir o rosto. Hoje é sábado e eu queria dormir um pouco mais.

— Você prometeu, papai! Aaacoordaaaa! — grita de novo, e eu gemo quando sinto braços fortes me envolverem, puxando meu corpo para mais perto.

— De quem foi a ideia? — Sua voz rouca por causa do sono me faz dar um pequeno sorriso involuntário.

— Sua. — respondo sem abrir os olhos.

Essa noite foi uma das melhores em muito tempo, dormir bem não é algo que eu faço com frequência. Mas ontem à noite, havia algo especial, e eu ainda não sei o que é.

— Vamos, papai, vou chegar atrasado! — Liam suplicava tentando acordar o pai.

Acho que ficou tão ansioso que nem dormiu direito, hoje teria um jogo importante do time de futebol da escola, e nosso filho tem falado sobre isso por semanas, inclusive o motivo do pai estar em casa era esse. Sua folga foi programada para acompanhar Liam em seu jogo.

Aos dez anos, nosso filho tornou-se praticamente uma celebridade na cidade, seus feitos dentro do campo não passavam despercebidos. Seu pai adora, eu acho exaustivo, Liam é apenas uma criança e ter que lidar com assédio das pessoas não deveria fazer parte da sua rotina.

O futebol americano é ótimo, mas confesso que gostaria que ele se interessasse por mais coisas e agisse apenas como uma criança. Infelizmente, minha opinião é minoria, já que até mesmo seu avô é a favor da promissora

carreira do neto.

— Tudo bem, campeão, vá se vestir que eu já estou indo.

Ouvi Liam dar um beijo no rosto do pai, seguido de uma gargalhada que ecoou pelo quarto. Adoro dias como esse.

— Tem certeza de que não quer vir junto? — Sua voz no meu pescoço causa arrepios por todo meu corpo.

— Tenho, esse momento é de vocês. Vou ficar e preparar algo para comermos quando chegarem.

— Não se preocupe, apenas vista algo confortável. — Ele planta um beijo no meu ombro.

— Qual é o plano? — pergunto ainda de olhos fechados.

— Quero levar vocês para almoçar fora, tudo bem? — Abro os olhos e viro para encará-lo.

— Tudo bem. — Sorrio e em retribuição, o sorriso dele se alarga. Minha pele se arrepia novamente, é tão raro ver esse sorriso, é como se ele o mantivesse para si.

Ele beija meus lábios com carinho e em seguida, sai da cama, deixando-me confortável para voltar ao mundo dos sonhos.

Um mundo onde aquele sorriso não é algo raro, e esse modo de despertar é constante.

— Mais uma vez, tem certeza que não quer ir com a gente? — Abro os olhos e me deparo com meu marido e filho, ambos sorrindo para mim. — Se ficar pronta em dez minutos, dá tempo de nos acompanhar.

— Ia curtir uma manhã preguiçosa. — Alongo o corpo.

— Vamos lá, querida.

— Vamos, mamãe. — Liam sorri com expectativa.

— Certo, tenho dez minutos, então?

— Contados no relógio. — Eles se afastam e eu saio da cama. — E Erin?

— Sim?

— Use aquele vestido que dei para você, o azul. Você fica linda nele.

Luke pisca e sai do quarto. Um arrepio familiar percorre minha espinha, e dessa vez não é de desejo, é de resignação.

Mesmo a contragosto, preciso admitir que Luke tinha razão, o calor está escaldante e o tecido do vestido é confortável, mesmo tendo certeza de que não foi exatamente essa a intenção quando o sugeri.

Liam está brilhando no campo, destacando-se entre as crianças. Luke e o Sr. Nolan estão lado a lado, gritando a cada vez que Liam marca um ponto. Eles são torcedores animados, devo dizer.

— Ele é ótimo. — Luke senta novamente ao meu lado e segura minha mão.

— Ele é. — Olho para meu filho em campo, tão imponente.

— Ele tem a sua determinação, Luke. — comenta o Sr. Nolan, então pega uma garrafa de água e me oferece.

— Ele tem. — Luke sorri, admirando nosso filho em campo. É ele quem treina Liam quando está de folga, é o momento em que os dois se conectam mais. Liam escuta cada instrução atentamente, e é muito disciplinado. Ele tem o pai como um mestre, como um herói que além de salvar vidas no hospital, é capaz de lhe ensinar seu esporte favorito.

Eu sei que se não fosse sua paixão pela medicina, ele seria um excelente jogador.

Tão bom quanto Cage. Pensar nisso causa uma pontada de dor. Meu corpo fica tenso e Luke percebe.

— O que foi? — Ele me encara.

— Nada, apenas calor. — Bebo um pouco da água que meu sogro me ofereceu e volto a atenção para o campo, tentando apagar a dor que senti, e que sinto toda vez que assisto a um jogo.

Erin

Presente

Nossa manhã é tranquila, depois do jogo vamos direto para um restaurante de frutos do mar, o favorito do Luke, ele e Liam não param de falar sobre o jogo. O Sr. Nolan não quis nos acompanhar, e seguiu direto para casa, então éramos somente nós três.

— O que tem de tão interessante aí? — Luke pergunta quando percebe que estou no celular.

— Libby está perguntando se Liam pode ir dormir lá hoje, parece que David tem alguns jogos novos. — Mostro a tela para que ele veja a mensagem.

Libby é a minha melhor amiga, desde quando tínhamos apenas oito anos, ela é uma das poucas coisas boas que sobraram na minha vida. Uma, das poucas coisas do meu passado, que ainda mantenho por perto.

— Quer ir? — pergunta ele para Liam.

— Sim. — Liam sorri e logo vai em busca do seu celular.

— Não enquanto estamos comendo, mocinho. — advirto. Se ele pegar o aparelho, não largará mais, e sei que está louco para falar com David sobre os jogos.

— Certo. — concorda e eu respondo a Libby, guardando meu aparelho logo em seguida.

— Talvez nós dois possamos aproveitar a tarde livre. O que você acha? — Luke pergunta com um sorriso no rosto, sua rotina no hospital é corrida, são raros seus momentos de folga.

— Claro. — ele sorri mais com a minha resposta, é impossível não retribuir. São pequenos momentos como esse que eu tenho me apegado nesses dez anos.

Depois do almoço, Liam insiste para que o levemos logo para a casa de

NACIONAIS-ACHERON

Libby, Luke cede e promete levar alguma peça de roupa mais tarde.

— Erin! — Assim que saio do carro, minha amiga já está me abraçando.
— Como foi o jogo? — pergunta ela e olha para um Liam sorridente.

— Ganhamos, tia Libby. — responde, orgulhoso.

— Oi, Libby. — Luke desce do carro e cumprimenta minha amiga.

— O que você vai fazer agora? Poderíamos passar um tempo na piscina, o que acha? — minha amiga pergunta e olha para Luke.

— Tirei a tarde de folga e pretendo passar esse tempo com a minha mulher. — Ele envolve os braços na minha cintura e beija o topo da minha cabeça.

— Você é um estraga prazer, Luke Nolan, mas é um pouco fofo. — Libby finge estar ofendida. — Precisamos ir às compras, Erin, nem me lembro da última vez que fizemos isso.

— Não seja dramática, Libby. — comento, mas, na verdade, é que nem mesmo eu me lembro da última vez que tirei uma tarde para cuidar apenas de mim.

— Você precisa de biquínis novos, o verão está chegando e de jeito nenhum vou deixar você usando aqueles maiôs enormes, parece que você assaltou o guarda-roupa da minha avó, Erin. — Deus, como ela é dramática.

— Libby tem razão, vocês devem marcar algo, fazer compras, uma tarde de garotas. Você está passando tempo demais em casa, Erin. — intervém Luke e minha amiga sorri com aprovação.

— Eu vou pensar, tá bom?! — digo as palavras que sei que vai fazer com que ela esqueça o assunto por uns dias.

A verdade é que eu sei que não vou para uma tarde de compras, Libby também sabe disso, e o pior de tudo, Luke também sabe.

A minha manhã perfeita se esvai depois de um pequeno momento de interação.

— Tudo bem, vamos fazer isso então. — Libby sorri. — Vou verificar as crianças, não se preocupem, eu levo o Liam para casa amanhã.

— Luke virá trazer algumas trocas de roupas mais tarde.

— Tudo bem.

— Ligue se precisar.

— Certo, Erin, pare de agir como se fosse a primeira vez que Liam dorme aqui. — Ela coloca as mãos na cintura. — Luke, por favor passe a tarde trancado com a sua esposa no quarto. Ela precisa liberar essa tensão toda.

— Com prazer. — Ele sorri, e seguimos para o carro.

Fecho a porta e afivelo o cinto. Luke coloca os óculos escuros e o carro em movimento.

— Porque fez isso?

— Fiz o quê? — Ele não tira a atenção do trânsito.

— Estragou uma manhã perfeita.

— Sobre o que você está falando, Erin?

— Sobre a saída para compras, por exemplo? Biquínis? Sério? — meu tom calmo começa a se esvaír.

— Sua amiga estava convidando você para sair, não vi nada de mal nisso, e você precisa sair mais de casa, Erin, já se olhou no espelho ultimamente? — seu tom é duro, mas ele ainda mantém a atenção no trânsito.

— Ah não, não vem com essa conversa outra vez, Luke.

— Que conversa? — Ele tira os óculos e vira para me encarar quando o sinal fecha. — Do que exatamente eu estou falando, Erin? — se olhar matasse, eu certamente estaria morta nesse momento.

Luke me encara com desdém, me desafiando a falar. Mas ele sabe que eu não falo.

Eu nunca falo.

— Você sabe que eu não vou sair para nenhum passeio de compras, sabe que não vou usar um maldito biquíni de duas peças, você... — Passo a mão na minha barriga involuntariamente.

— Já chega. — ele me interrompe, Luke não grita, mas seu tom não deixa brecha para nenhum argumento. — Sua amiga estava convidando você

para um passeio, eu apoiei, fim da conversa. O que você vai fazer, é problema seu, Erin, você lida com as consequências das suas escolhas, está lembrada?

— Lembro. — respondo baixo e olho para frente.

— Então, acho que não temos nenhum problema aqui. — O carro volta a se movimentar, Luke coloca os óculos de novo e volta a atenção para a rua.

Nenhuma música toca, há apenas o silêncio pairando dentro do carro. São apenas quatro quarteirões que separam a casa de Libby da minha, mas agora, parece que moramos em continentes diferentes, minha casa nunca pareceu tão longe.

Luke estaciona o carro e abre a porta para que eu possa sair, ele não menciona mais nada sobre a discussão, ele nunca faz. Luke é do tipo de homem que finaliza as conversas, ele não recebe comandos, eles os dá, talvez por isso, nenhum cirurgião na cidade chegue perto de ser tão perfeito quanto ele.

— Droga. — ele xinga olhando para o celular, ouço quando ele atende o que parece ser uma emergência. — Tudo bem, estou indo. — ele desliga e me olha. — Preciso sair, surgiu uma cirurgia de emergência.

Raiva, alívio, um misto de sentimentos me invade. Ele sobe os degraus depressa até o quarto e eu tento seguir seus passos. Luke entra no chuveiro, mas não demora, estou sentada na cama aguardando suas palavras, como sempre fiz.

— Eu acredito que não vai demorar. — comenta enquanto fecha os botões da camisa. — Desculpe por isso, ok? — Ele fecha o último botão e se aproxima, ajoelhando na minha frente. — Prometo recompensar você, tudo bem? — ele fala como se a discussão anterior jamais tivesse existido.

— Tudo bem, Luke, eu entendo. — E entendia, não foram poucas as vezes que ele precisou sair em meio a jantares, ou algum evento importante.

O que eu não entendia, era esse incômodo que eu estava sentindo. Eu deveria estar somente aliviada por ele estar indo. Aliviada que vou ficar sozinha.

Mas eu odeio isso. A solidão, perder meus pequenos momentos raros.

Momentos que eu posso me segurar para ir em frente, fantasiar uma felicidade que eu tanto desejo viver.

— Você está linda nesse vestido. — Ele passa a mão na minha coxa, subindo até a calcinha. — Eu queria ter tempo agora, Erin, para cuidar de você. — Ele pressiona o polegar no meu clitóris, e eu estremeço. — Vou fazer isso quando estiver de volta. Agora, me entregue o celular.

— O quê? — Pisco, surpresa.

— Seu celular, ele vai comigo. Você vai se comportar durante a minha ausência, não vai?

— V-vou. — gaguejo — Porque você quer meu celular?

— Porque eu sei que assim que eu sair, você vai correndo fuçar na internet, assistir vídeos, estou errado?

Meus olhos se arregalam.

— Estou errado, Erin?

— E-eu, n-não...

— Resposta errada, querida. — Luke levanta segurando meu pescoço, não tenho opção a não ser levantar junto. — Eu vou cuidar de você quando chegar, Erin, não se preocupe. Pode ficar com o celular, deve ser horrível ver todas aquelas modelos elegantes ao lado dele, não é?

— Você está me machucando. — Seguro seu pulso.

— Ah não, querida, é você quem está se machucando, ou você acreditou mesmo que eu não saberia que assiste as entrevistas dele? Achou mesmo que eu não saberia que anda vendo tudo referente ao meu irmão como uma maldita perseguidora, Erin? — Ele empurra meu corpo para frente e eu caio na cama.

— Você é doente. — Cuspo as palavras e me arrependo no mesmo momento quando seus olhos pousam em mim.

— Eu sou o doente? Eu acho que não, um médico não diria isso de mim, agora você meu amor, tsc tsc tsc — Você fantasia sendo uma delas, Erin? Fantasia ele fodendo aquelas vagabundas e imagina você no lugar delas?

Suas palavras me atingem em cheio, ele tem razão. Porra, como ele tem

NACIONAIS-ACHERON

razão.

A cada vídeo, cada reportagem que vejo do Cage, eu me imagino no lugar daquelas mulheres, segurando o braço dele, sendo beijada por ele.

Merda, eu sou doente.

— Pare. — Coloco as mãos nos ouvidos como uma criança que se recusa a ouvir.

— Eu ainda não terminei com você. — Ele retira uma mão para que eu possa ouvi-lo. — O celular fica, mais tarde, vamos assistir juntos para saber com qual modelo de Hollywood meu irmão está fodendo, modelo a qual você não chega nem mesmo aos pés.

Ele beija o topo da minha cabeça, e depois vai embora.

Olho para o lado e noto que ele deixou meu celular ali, ao meu alcance. É inevitável, lágrimas começam a cair pelo rosto enquanto estou digitando o nome dele no aplicativo de busca.

Cage Nolan.

Cage “demolidor” Nolan.

Cage “maldito” Nolan.

Cage o desgraçado que me deixou em pedaços.

Cage

Onze anos atrás

Assim que estaciono o carro, eu a vejo, sentada na escada com cara de poucos amigos. Meu coração acelera, pois, mesmo sabendo que Erin está irritada comigo, é a visão mais linda que tenho hoje.

Ela olha para o chão perdida em pensamentos, não percebe quando me aproximo. Eu não quero assustá-la, por isso meus passos ficam pesados, minhas mãos enfiadas no bolso casualmente.

Quando estou perto o suficiente, ela finalmente me nota. Levantando o mais depressa possível como se estivesse fugindo do inferno. Erin corre na minha direção segurando a barra do vestido, ela tem um sorriso no rosto que se desfaz assim que para na minha frente.

— Atrasado! — Sem oi, ou senti saudades.

— Desculpe, fiquei preso com meu pai e meu irmão. — Estico o braço e a alcanço, puxo seu corpo para mais perto, preciso tanto sentir seu cheiro.

— Cage... precisamos ir, antes que meus pais mudem de ideia. — Ela sorri.

— Nem um beijo antes?

— Não, mas posso te dar todos os beijos quando nos afastarmos.

— Eles ainda não gostam de mim, não é?

— Vão chegar lá, dê tempo.

— Amor, nós namoramos desde o colegial, eles já tiveram bastante tempo. — Beijo sua testa.

— Quando você for pai, Cage, vai entender. — Ela me dá um beijo rápido e sai correndo rindo em direção ao carro.

Caralho, a bunda dela nesse vestido é a visão do paraíso.

— Quem disse que a minha filha vai namorar? — grito e saio correndo na sua direção.

A verdade é que os pais da Erin são as pessoas mais conservadoras que eu conheço, como se não vivessem nesse século. E como se não fosse o bastante, são extremamente religiosos, algo que eu nunca fui, nem minha família para ser sincero. Mas por ela, minha programação de domingo desde os quatorze anos é acompanhá-la à missa.

Estremeço só de pensar em tudo que pretendo fazer com ela hoje, seus pais teriam um acidente vascular, com certeza.

— Aqui, princesa. — Abro a porta do carro, antes que ela entre, gira o corpo ficando com o rosto muito perto do meu, Erin ergue os olhos e me encara.

— Você sabe que ainda estou muito chateada com você pelo seu atraso, não é? — Ela coloca a mão no meu peito. — Mas eu não posso deixar de dizer como você está lindo hoje, Cage. — E beija meus lábios, depois tenta se afastar, mas eu não deixo.

— Você é quem está linda, Erin, esse vestido está me deixando maluco, e eu mal posso esperar para tirá-lo do seu corpo. Está tudo certo para hoje à noite?

— Está, meus pais pensam que vou dormir na casa da Libby, ela vai dar cobertura.

— Tudo bem, Luke também vai me cobrir em casa.

— Sério, Cage? O Luke? Ele mal consegue chegar em casa inteiro sem você por perto.

— Ele me deu a palavra dele, e eu confio nele.

— Tudo bem, e eu confio em você. — Mais um beijo, e ela entra no carro.

Dou a volta e tomo meu lugar, Erin abre o porta-luvas e pega a bolsa com seus CD's cor rosa, sim, meu carro é cheio de coisas dela, suas músicas, DVD's, óculos de sol, eu amo que ela se sente confortável comigo.

Promiscuous começa a tocar, Erin canta de forma sensual e começo a sorrir. Hoje a minha garota está bastante ousada.

NACIONAIS-ACHERON

Minha mão vai para sua coxa fazendo movimentos lentos, eu só espero que essa festa passe rápido.

Paro o carro na frente do ginásio e um manobrista pega as chaves. Está tudo grandioso. Os pais da maior parte dos alunos daqui possuem a metade da cidade, com seus negócios, ou são como eu e Luke, filhos de um milionário ex-astro de futebol. É uma cidade pequena, mas é praticamente um berçário de grandes atletas.

Erin não faz parte desse meio, ela mora em um bairro de classe média, e entrou na escola através de uma bolsa de estudos, sua postura é exemplar. Pelo menos, na maioria das vezes. Ter meu nome como o melhor jogador daqui facilita um pouco as coisas para nós dois.

— O *casal 20* chegou. — Luke diz assim que chegamos na porta, ele está segurando uma garrafa de gim na mão e uma garota na outra. — Aqui, irmão, para entrar no clima. — Ele estende a garrafa na minha direção.

— Hoje eu passo, vou dirigir mais tarde. — Não pego a garrafa. Erin me olha e sorri, mas não é pelo fato que vou dirigir que recuso, eu quero estar bastante consciente quando estiver dentro da minha garota.

— Cara, você é um cuzão. — Ele pega a garrafa e entrega para sua acompanhante, que não pensa duas vezes.

— Vamos lá, vamos entrar. — Coloco meu braço no seu ombro, Erin envolve minha a cintura com os braços, e nós quatro entramos no salão.

Os olhares são inevitáveis, sempre foi assim. Quando Luke e eu entramos juntos em algum ambiente é como se fossemos estrelas de Rock ou algo do tipo, isso me incomoda, mas meu irmão adora esse tipo de atenção.

No campo, somos imbatíveis juntos. Fora dele, nossa vida é um caos constante.

Luke e sua acompanhante se separam de nós, enquanto Erin e eu vamos tirar algumas fotos.

— Ele não estava saindo com a Érika semana passada? — comenta ela quando caminhamos para mesa onde está Libby.

— Sério que ainda se surpreende com ele?

— Não, mas sei lá, parece que Luke nunca está satisfeito com nenhuma garota, eu nunca o vi com alguém por mais de uma semana. É tão diferente de você.

— É porque eu tenho você. — Viro seu corpo para que ela possa ver meus olhos. — Ele ainda não encontrou alguém como você, Erin, seu coração ainda está perdido, o meu não.

— Eu amo você, Cage. — Ela toca meu rosto e eu sorrio. — Você tem um sorriso lindo. — Eu beijo seus lábios e só paramos quando Libby grita para procurarmos um quarto.

Estraga-prazeres!

Erin

Presente

O relógio marca duas da manhã, a sala está mergulhada no mais profundo breu. Tenho dificuldades para encontrar o controle da TV, não quero acender as luzes para não correr o risco de acordá-lo. O que era ridículo, ele não ia acordar.

Não depois do que coloquei em sua bebida mais cedo. Mesmo assim, eu tenho medo.

Consigo desviar dos móveis da sala, sem tropeçar em nenhum, me tornei uma especialista em andar pela casa no escuro. Luke tem o sono leve e acorda com o menor barulho.

Hoje não, *querido*, hoje você vai dormir como um bebê.

Eu precisava de tempo, por isso eu me arrisquei. Em dez anos de casados, nunca havia me arriscado tanto.

Mentirosa, penso.

Quando finalmente consigo encontrar o controle, suspirando de alívio, aperto o botão *ligar*.

A sala, que antes estava escura, agora está banhada por uma luz que por um minuto me cega, deixando-me trêmula. Olho em direção as escadas, o menor pensamento de que Luke poderia ter acordado, faz meu corpo tremer.

Qual seria a punição para isso?

Não seria um problema assistir TV durante a noite, o problema era quem eu ia ver na TV nesse momento.

Cage.

Seu nome traz lembranças tanto doces quanto amargas.

Coloco no canal onde está passando a reprise do jogo. Era seu último jogo da temporada, eu tinha certeza de que era o mais importante da sua

NACIONAIS-ACHERON

carreira.

Pelos próximos minutos, vejo Cage brilhar no campo. A TV, mesmo sem som, não consegue abafar os ruídos que a visão dele causa na minha cabeça.

Alguns jogadores o bloqueiam com violência, vejo seu corpo sendo lançado algumas vezes. Tampe a boca para conter gritos de surpresa. Mas ele continuava como sempre, uma máquina imbatível no campo.

Cage “Demolidor” Nolan, é como a mídia o chama, porque não existe barreira no campo que pudesse detê-lo. Nada é capaz de deter Cage quando está determinado a algo, e eu sabia disso.

Esse conhecimento foi o meu primeiro erro.

Fico sem fôlego, a garganta ardendo. Como pode arder se eu nem mesmo emitia um som?

Mas assistir Cage faz isso comigo, dá vida às coisas mais absurdas. E quando o jogo acaba, eu me sinto mentalmente exausta, mas o susto mesmo ficou para o final, quando os repórteres o cercam e ele dá sua declaração, não pude ouvir sua voz, mas a legenda é clara: **Cage “Demolidor” Nolan está voltando para casa!!!**

Ele estava *vindo*? Comecei a suar, sinto meu corpo todo entorpecido, minhas pernas vacilam e sento com tudo no sofá. Meus olhos não piscam. Aquilo só podia ser brincadeira.

Cage, você jurou! Eu tive vontade de gritar para a TV muda. Ele jurou que não ia voltar mais, e sempre cumpria suas promessas.

Tremendo, desligo a TV e a sala retorna à escuridão, sentada no sofá, começo a rezar para que aquilo tivesse sido apenas uma piada de mal gosto, ou fruto da minha imaginação.

Minha imaginação faz coisas impressionantes quando é algo relacionado a Cage. Acompanho a vida dele de uma forma doentia, a companhia constante de mulheres penduradas em seu braço não me afeta. Apenas as invejo, cada uma das loiras, ruivas ou morenas.

Elas têm o que eu abri mão, não podia sentir raiva por isso.

Quando eu deixei de sentir, e comecei a fantasiar que eu era uma delas, Luke parou de me torturar com esse tipo de informação. Quando finalmente

viu indiferença nos meus olhos ao olhar para as fotos, que ele decidiu que não valia a pena seu esforço em querer me afetar.

As piadas sobre como elas pareciam felizes ao lado dele, ou como ele estava fodendo as melhores mulheres de Nova Iorque, ou como eu parecia um rato perto delas. Essas coisas, eu simplesmente comecei a abstrair, pois eram as que causavam mais dor.

Aprendi a absorver cada dor.

Passo a noite sentada na cozinha, avaliando todos os cenários possíveis que consequentemente acontecerá com Cage na cidade. Nenhum deles é favorável a mim. Todos eles me deixariam marcada, de alguma forma.

Quando amanhece, tento agir como se nada tivesse acontecido. Faço o café da manhã e aguardo Luke descer. As sete, ele já está entrando na cozinha, vestido para o trabalho.

— Bom dia. — Ele se aproxima e beija minha testa, pega uma xícara de café que está na minha mão, segue até a mesa e pega o jornal para ler.

Aparentemente, tudo normal.

— E Liam? — perguntou, sem tirar os olhos do jornal.

— Liam estará de volta depois do almoço, Libby vai trazê-lo.

— Bom. Estarei de plantão por doze horas, então dê um beijo nele por mim, tá bom? — Ele ergue os olhos e sorri.

Um sorriso que tinha o poder de me confundir de muitas maneiras.

— Darei — respondo e pego meu café.

— Já sabe da novidade? — Luke abaixa o jornal e me olha.

— Não, o que foi? — Tomo um gole do café, mantendo o rosto com a mesma expressão desinteressada, eu tinha me tornado mestre em fazer essa expressão.

— Tem certeza de que não sabe? — Mas eu cometo um erro.

Eu olho para ele, olho em seus olhos.

E meu corpo me trai, começando a tremer.

Minhas mãos tremem enquanto tento segurar a xícara de café. Não

NACIONAIS-ACHERON

percebi que minha mão estava queimando até sentir ele me tocar.

— Aqui — diz, segurando minha xícara e colocando-a delicadamente em cima da mesa. Luke me ajuda a levantar e me leva até a pia, abre a torneira para limpar o café e amenizar a dor da queimadura.

Ele segura minha mão, seca com cuidado e beija cada junta dos meus dedos.

— Tem uma pomada para queimadura na caixa de primeiros socorros. Não parece nada grave, mas vai aliviar o desconforto. — Ele sorriu de novo, então aperta minha mão com força, puxando meu corpo junto ao dele, arrancando um gemido de dor da minha boca.

— Foi o velho Nolan? Foi ele que te contou? — Ele aperta cada vez mais forte e eu me encolho de dor.

— Não sei do que você está falando, Luke, eu não conversei com o senhor Nolan. — Minhas palavras saiam desconexas, ele está quase quebrando meus dedos.

— Então, foi aquela piranha da sua amiga? A Libby?

— Já disse que não sei do que você está falando. — Mais um gemido escapa dos meus lábios.

— Sabe, Erin, ontem à noite eu dormi tão bem, como há anos não dormia. — Engulo em seco. — Como é que você fez isso? Como soube a dose certa para não me fazer apagar mais do que o necessário?

Olho surpresa, usei um de seus sedativos quando ele chegou, mas em uma dose pequena, fui cuidadosa para não exagerar, ele como médico poderia suspeitar. Pelo visto meu plano não havia sido tão perfeito.

Posso ter escapado da sua fúria ontem, mas apenas adiei o inevitável.

— Luke! — grito quando ele aperta mais forte. — Você vai quebrar a minha mão.

— Ah, não se preocupe com isso, você consegue se virar com uma mão só. Vai conseguir me dopar usando apenas a porcaria de uma mão.

Ele me empurra fazendo minhas costas colidirem com a pia. Ofego quando sinto seu corpo me encurralando.

Quando penso que ele vai avançar mais, a campainha toca e ele se afasta. Eu respiro aliviada.

— Pare de tremer, Erin, e vá atender a droga da porta. — Ele volta para a cadeira e pega o jornal de novo.

Caminho em direção à porta mas sua voz me faz parar.

— Erin?

— Sim. — respondo sem virar.

— Nosso filho é um garoto cheio de energia. — Suas palavras me fazem virar, ele abaixa o jornal, sorrindo. — Tem ideia de quantas crianças chegam naquele hospital? Tão machucadas... Cuide bem do nosso filho, ok? Eu não gostaria que nada de ruim acontecesse a ele.

Sinto meu choque cobrir todo o rosto, e a garganta doer. Ele nunca ameaçou Liam antes.

Mas, agora, com Cage de volta, ele está me dando um aviso, o único aviso que sabia que eu ouviria.

Erin

Uso todo meu autocontrole para abrir a porta, tentando fazer minha mão parar de tremer, e principalmente, já tentando esquecer as possíveis palavras que seriam ditas pelo homem sentado na cozinha, tomando café da manhã tranquilamente.

— Sr. Nolan? — Minha surpresa é evidente, são raras as ocasiões que Tom Nolan visita minha casa.

— Desculpe vir sem avisar, Erin, estou incomodando?

— De jeito nenhum, entre. — Abro espaço para que ele possa entrar, sua bengala faz um barulho suave ao tocar no chão.

— Ouça, não vou me demorar, mas preciso falar com você. — Ele vira e me encara, parece nervoso, eu nunca o vi assim.

— Pai? — Luke também se surpreende quando encontra o pai parado na nossa sala. — O que faz aqui? — Ele já está segurando o terno e as chaves do carro.

— Vim ver o Liam. Ele está? — Luke sorri, é claro que ele sabe que não é esse o motivo da visita.

— Liam não está, mas penso que se veio contar à minha esposa que meu irmão está voltando, perdeu seu tempo. — Ele olha para mim e sorri. — Nós já sabemos, não é mesmo, querida?

— Vim apenas ver meu neto. — Seu pai é enfático.

— Tanto faz. — Luke balança a mão no ar como se o comentário do pai fosse dispensável. — Eu estou atrasado, preciso ir. — Ele volta sua atenção para mim. — Mas seria um prazer oferecer um jantar no retorno do meu irmão, afinal, quantos anos já se passaram desde que ele foi embora? — Ele volta a olhar para o pai.

— Vou avisá-lo — responde Sr. Nolan.

— Perfeito. — Ele olha o relógio. — Preciso mesmo ir, pai fique à vontade. — Ele pega minha mão e beija. — Doze horas, e eu estarei de volta.

— E beija meus lábios com delicadeza antes de sorri e sair.

Doze horas, ele não disse isso de forma aleatória.

Quando a porta fecha, eu sinto que posso respirar novamente. Esquecendo a dor na mão, vou com meu sogro até a cozinha e sirvo o café.

— É uma pena Liam não estar, mas eu aviso que o senhor passou aqui para vê-lo. — digo enquanto encho mais uma xícara, acho que vou precisar de toda cafeína possível.

— Eu não vim ver o Liam, Erin. Vim ver você. — Suspiro.

— O senhor não tem porque se preocupar, como Luke falou, nós já sabemos que Cage estava voltando, não é grande coisa. — Deus, a quem eu estava tentando enganar?

— Pensei que ainda não soubesse, queria conversar com você sobre isso.

— Sr. Nolan, sou casada com Luke, que é seu filho também, minha história com Cage é passado, então... — Dou de ombros.

— Cage está de volta porque eu pedi, Erin. — Isso me surpreende.

— O que o senhor quer dizer?

— Eu pedi para que ele voltasse, eu... — Ele estava claramente nervoso.

— O senhor está bem? — Sua expressão me preocupa.

— Estou com câncer, Erin. Estou morrendo, é por isso que Cage está voltando.

— Eu... Como? Luke já sabe? Ele é médico vai saber o que fazer.

— Não, ele não sabe, e quero que permaneça assim, mas eu queria que você soubesse o motivo da volta dele, eu preciso consertar as burradas que fiz no passado.

— Não houve nenhuma burrada. — Levanto da mesa, mas em seguida, uma mão segura meu braço e eu congelo, completamente assustada.

— Pela maneira com que se assustou agora, eu fiz, sim, uma grande burrada, Erin. Talvez a pior da minha vida. — Meus olhos enchem de lágrima e eu volto a me sentar.

— O senhor fez o que achou ser o correto, e foi o certo.

— Obrigiar meu filho adolescente a se casar com você porque estava grávida não foi certo. — Ele passa a mão no cabelo. — Eu demorei demais para perceber, achava que eram felizes.

— Somos felizes. — Minha resposta é automática.

— É o que parece. — Posso ver claramente que ele não acredita nenhum pouco nisso. — Por favor, Erin, apenas não conte a Luke sobre a minha saúde.

— Tudo bem, mas acho que seu filho merece saber, além disso, ele é médico, um dos melhores.

— Mas nem mesmo ele pode me ajudar, eu apenas quero consertar algumas coisas.

— O senhor não precisa se preocupar comigo, eu estou bem e feliz. — Seguro sua mão tentando passar a segurança que eu não tenho ou sinto.

— Eu vejo você, menina. Em como você se transformou ao longo dos anos.

— Eu apenas amadureci. — Aperto mais uma vez sua mão. — Não se preocupe. Quando Cage volta? — Só de perguntar isso faz meu estômago embrulhar.

— Hoje. Cage chega hoje à noite. — Meu coração começa a bater tão rápido, eu levanto depressa soltando a mão do meu sogro, tão repentinamente, é como se tivesse levado um choque.

Cage chega hoje, não amanhã ou semana que vem. Hoje.

Hoje!!!

— Sinto muito. — peço desculpas, olhando a bagunça que fiz ao me levantar rápido demais, meu café se espalhou um pouco sobre a mesa.

Vou até a pia pegar um pano para limpar tudo, enquanto o silêncio do Sr. Nolan toma conta da cozinha, bebendo seu café e observando cada movimento que eu faço. Quando tudo está devidamente limpo, eu me sento de novo.

— Não foi minha intenção assustar você, Erin, desculpe por isso. — Ele é sincero.

— Eu apenas não estava preparada, mais de dez anos sem vê-lo, é um pouco estranho — respondo.

— Eu tenho que ir. — Ele se levanta, arrastando a cadeira para trás, em seguida caminha devagar até a porta de entrada. — Dê um beijo no meu neto por mim?

— Darei. — Abro a porta.

— Sabe, Erin, eu realmente enxergo você, e sinto muito por ter acontecido só agora. — Suas palavras me pegam de surpresa.

Tom Nolan sai pela porta da frente e não olha para trás, deixando minha cabeça martelando com o que disse e a notícia de que Cage chega hoje à noite.

Corro em direção ao computador, xingando por parecer uma lesma ao ligar. Depois do que parece ser uma eternidade, finalmente acesso o navegador de busca e verifico os horários de chegada dos voos vindos de Nova Iorque.

Cinco, esse é o número de voos que estão chegando hoje à noite, eu teria que passar uma boa parte do tempo no aeroporto se quisesse vê-lo.

E se ele viesse acompanhado? Ou em um jato particular?, penso. Não, balanço a cabeça apagando essas possibilidades, eu só preciso vê-lo por um momento, um só momento antes do caos começar.

Sem hesitar, pego o telefone e ligo para Libby.

— Alô! — Ela atende no segundo toque.

— Libby? Sou eu, Erin.

— Eu sei que é você. — Ela sorri. — Não me diga que está me ligando para irmos às compras? — Ela começa a se animar.

— Não, eu... preciso de um favor.

— Oh, certo, do que você precisa?

— Liam pode ficar com você por mais algumas horas, eu passarei para buscá-lo à noite. Tudo bem?

— Sem problema, ele e David vão adorar mais um tempo para brincar.

— Certo, obrigada por isso.

— Está tudo bem?

— Sim. — Penso em algo para responder. — Luke está de plantão hoje e só voltará para casa amanhã, pensei em resolver algumas pendências enquanto tenho algum tempo livre.

— Nossa, seu marido nunca para. — Ela diz, sorrindo.

— Não, ele ama o trabalho.

— Isso eu tenho que concordar com você, só existe três coisas que todo mundo nessa cidade sabe que Luke ama: seu trabalho, Liam e você. — Posso sentir seu sorriso, e tento não revirar os olhos.

— Sim, Luke é ótimo.

— Ouça, Erin — Ela parece indecisa no que vai dizer, eu me acomodo no sofá, pois sei que quando Libby está assim, provavelmente vai derramar todas as suas frustrações matrimoniais em poucos minutos. — Eu ouvi alguns rumores. — Isso chama minha atenção.

— Rumores? Não acha que Daniel está traindo você novamente, não é? — Libby e Daniel tinham um longo histórico de desavenças, na maioria das vezes, boatos de que ele estava traindo ela, circulavam pela cidade. Daniel era advogado, e passava muitas noites trabalhando em seus casos.

— Não, esse cretino está andando na linha. — Ela ri do próprio comentário. — Os rumores que ouvi, é sobre Cage.

Meu coração acelera.

— E o que você ouviu? — pergunto, mesmo já sabendo a resposta.

— Que ele está voltando, é verdade?

— Parece que sim. Luke comentou algo mais cedo. — Graças a Deus nós estamos falando pelo telefone, não daria para esconder meu nervosismo em uma conversa cara a cara.

— E você está bem com isso? Com a volta dele para cidade, eu quero dizer?

— Porque não estaria?

— Bem, o término de vocês foi meio tumultuado, e desde então, ele nunca mais voltou, eu só pensei que...

— Não pense, Libby, acredite em mim, simplesmente não pense. — Respiro fundo. — Cage voltaria, cedo ou tarde, isso não faz diferença nenhuma, o que tivemos ficou no passado, Cage se foi e eu fiquei, fim da história.

— Você ficou e casou com irmão dele, então tem que admitir, essa história não teve um fim nada convencional.

— Eu preciso desligar agora, falo com você mais tarde.

Não espero sua resposta, desligo o telefone e fico encarando o relógio. Algumas horas, eu tenho algumas horas até o primeiro voo chegar. Então, só me resta esperar.

Cage

Onze Anos Atrás

A música está alta, todo mundo parece não querer que a noite acabe, Erin está dançando com Libby e outras meninas enquanto eu converso com Luke, Daniel e Thommy. Estamos em uma mesa, e tenho total visão da minha garota na pista de dança.

Ela brilha. Mais do que as próprias luzes da festa.

— Quer parar de babar na sua namorada e prestar atenção aqui? — pede Luke, irritado.

— Por que acha que eu vou deixar de conferir a Erin, para olhar três babacas? — Tiro a garrafa da frente dele, já perdi as contas de quantas ele já bebeu hoje.

— Ainda bem que um dos babacas tem a sua cara. — retruca, o que arranca gargalhadas de Daniel e Thommy.

Sou obrigado a sorrir, afinal de contas, ele tinha razão. Luke e eu somos irmãos gêmeos idênticos. Não há nada que nos diferencie fisicamente. Nenhuma tatuagem ou marcas de nascença, até nossa estrutura corporal é igual.

Somente dois detalhes nos distingue, a personalidade e o fato de Luke ser canhoto. E ele sempre curte com a minha cara afirmando que todo canhoto é um gênio.

Eu respondo mostrando o dedo do meio.

Apesar de nunca usarmos a mesma roupa, nosso estilo é semelhante e isso confunde a todos. É engraçado até certo ponto.

Não é nada bom ser confundido com seu irmão quando alguém está furioso com ele, por exemplo. Ou quando alguma ex-namorada pretende se vingar. E Luke é cheio de ex-namoradas, diga-se de passagem.

— Se me derem licença, acho que está na hora de ir embora. — Levanto da mesa sob os olhares e mais risos debochados dos meus amigos. — Tudo certo em casa? — pergunto para meu irmão.

— Sem problema, você sabe que pode contar comigo, Cage. — Ele bebe mais um pouco e olho para Daniel.

— Eu vou deixá-lo em casa, em segurança. Divirta-se com a sua garota. — Daniel responde minha pergunta silenciosa, batemos nossos punhos e eu vou em direção a pista de dança.

A maioria das pessoas vão me parando conforme avanço, para me desejar boa sorte. Mas a minha sorte está bem na minha frente, balançando os quadris e me deixando todo excitado.

— Hora de ir. — Envolvero as mãos na sua cintura, puxando seu corpo contra o meu. Com certeza ela consegue sentir meu pau duro.

— Tem certeza? — Ela ainda está de costas, mas esfrega a bunda contra mim, e porra, Erin sabe como me torturar.

— Está brincando comigo? — Sinto seu corpo vibrar. *A pequena danadinha está rindo de mim?*, penso. — Você sabe muito bem que se dependesse de mim eu não teria vindo nessa festa. Tenho certeza de que imagina o que estaríamos fazendo nesse exato momento. — Eu a aperto ainda mais junto a mim.

Erin gira o corpo e seus olhos se prendem aos meus. Eles brilham com ansiedade, suas amigas se afastam, então eu a tenho só para mim. Ela envolve os braços no meu pescoço e com um sorriso travesso, arranca o que resta do meu bom senso usando apenas três palavras.

— Sou toda sua.

Eu a beijo, tão lentamente quanto possível, já que estamos no meio da pista de dança e com a certeza de que toda escola está nos encarando. Bom, se antes já éramos um casal popular, agora vamos entrar para a história.

Erin mal tem tempo de se despedir das amigas porque praticamente a arrasto em meus braços até o carro.

— Estamos com pressa? — diz sorrindo enquanto aperta o cinto.

— Só até chegarmos lá, depois disso tenho certeza de que quem vai
NACIONAIS-ACHERON

implorar pela pressa será você.

Sorrimos e eu dou partida no carro. O caminho até o hotel é lento, eu não arrisco correr mais do que o permitido. Sinto Erin começando a ficar nervosa ao meu lado, ela fala sem parar quando fica assim, e eu só consigo sorrir.

Porra, eu vou tê-la a noite inteira.

Só para mim!

Não consigo acreditar que isso está mesmo acontecendo, está muito além da minha expectativa.

Como ainda somos menores de idade, cobre um favor do gerente do hotel, que por sinal é amigo da família e fã do meu pai. Ele não me questionou ou fez perguntas, esse era o tipo de cara que eu gostava de manter por perto. Luke sempre se hospeda aqui, então não foi algo difícil de conseguir.

Quando finalmente entramos na suíte, Erin suspira diante da cena. No meio da cama, há um balde com champanhe, uma taça e um enorme buquê de rosas.

— Oh, meu Deus! — Ela olha ao redor, velas estão acesas dentro de potes de vidro criando uma atmosfera sensual, e ao mesmo tempo romântica. Há pedaços de papel em cima da cama, são bilhetes que escrevi para ela. É tudo para ela.

— Aqui. — Abro o champanhe e encho a taça, entregando para ela.

— Só uma? — questiona. — Você não vai beber? Não vamos brindar? — Ela fica uma gracinha toda confusa, e eu tenho vontade de rir mas continuo sério. Pode não parecer, mas estou nervoso pra cacete.

Uma noite inteira com ela.

Só para mim!

— Vou beber, mas será da sua boca. — Seu rosto cora quando me aproximo, ela bebe o champanhe em goles suaves, enquanto observo o movimento da sua garganta ao engolir.

Não sei porque, mas até isso me excita. Tudo nela me desperta.

— Eu posso ler os bilhetes? — Ela aponta para a cama, há uma

NACIONAIS-ACHERON

infinidade deles.

— Só quando acabarmos.

— Isso não é justo. — Faz beicinho e bebe novamente, eu já estou tão próximo quanto possível que consigo até ouvir as batidas do seu coração, se me concentrar bem. O que é praticamente impossível, já que o meu está quase saindo pela boca.

Porra! Onde foi parar o meu controle?

Mas a resposta para essa pergunta é bastante óbvia, ela é ruiva e cheia de sardas pelo corpo, e eu quero idolatrá-lo hoje, como se fosse a primeira vez. O que basicamente é.

Mas dessa vez, quero que seja mais do que perfeito para ela.

— Não vai me beijar? — pergunta.

— Se eu começar, não sei se conseguirei me controlar.

— Acho que estou disposta a assumir esse risco. — Ela leva a taça até a boca, mas percebo que o líquido não desce pela garganta. Ela sabe o que eu quero, sempre soube.

É um convite, um que eu esperei a noite toda para ter.

Levo a mão a sua nuca, puxo seu pescoço até que nossas bocas colam uma na outra, os olhos dela estão abertos, me encarando, esperando.

Louco por mais, não a deixo esperando e abro sua boca com a minha, saboreando o champanhe misturado à sua saliva. Sinto o gosto dela, e é viciante.

Porra, quando tive essa ideia, pensei que seria demais. Mas não imaginei que pudesse acabar quase gozando antes mesmo de entrar nela. Porque, *minha nossa!*

Minha mão começa a vagar por suas curvas. Eu quero rasgar seu vestido bonito — mas sem saber como — eu me controlo. Meus hormônios, apesar de estarem completamente descontrolados, sabem que quem vai mandar aqui hoje sou eu. Sei que ainda não sou muito experiente, mas como não temos muitas chances de ficarmos sozinhos assim, hoje vou fazer valer a pena.

Erin geme, cada vez que minha língua acaricia a sua, meu pau dói,
NACIONAIS-ACHERON

implorando para ser libertado. Implorando por ela.

— Eu vou cuidar de você, meu amor. — Beijo seu pescoço, ela se inclina e se entrega a mim.

— Eu te amo, Cage.

— E também te amo, para sempre.

Giro seu corpo e começo a abrir o vestido, beijando suas costas, conforme desço o zíper. Minha respiração falha quando vejo sua calcinha.

Fio dental.

Minha doce menina sexy está usando fio dental. Jesus amado, posso morrer hoje e serei um filho da puta sortudo.

— Quero que você deite na cama — sussurro no seu ouvido.

— E os bilhetes?

— Deite-se em cima deles. — Eu a levo para a cama. Ela não hesita, e como pedi, deita sobre eles.

Tiro minhas roupas, e percebo que ela não tira os olhos do meu corpo em nenhum momento. Mesmo com rosto corado de vergonha, ela me deseja tanto que sua timidez fica em segundo plano.

Caramba, eu amo essa garota.

— Pronta?

— Vem logo, Cage. Eu nem sei o que está acontecendo comigo agora, é tão diferente.

— Melhor? — pergunto olhando em seus olhos.

— Muito, parece que vou explodir se não te sentir logo dentro de mim. É assim com você? Quero dizer... — Ela está tentando encontrar as palavras certas. — Você sente isso, não é?

— Mais do que imagina. — Alívio passa pelo seu rosto.

— Então me toca, Cage, por favor. Faça alguma coisa, qualquer coisa. — Como eu poderia ficar ainda mais excitado?! Acho que não tem como explicar o inexplicável. Mas sentir ela desesperada por mim tanto quanto eu estava por ela, quase me fez perder o controle.

Eu não sei o que eu faria sem essa garota na minha vida.

— Temos a noite toda. — Eu me ajeito em cima dela, apoiando meu corpo nos braços para não a esmagar. Essa calcinha, a única coisa que está entre nós, vai figurar todas as minhas fantasias de agora em diante. — Eu pretendo te dar muito mais.

— Quero tanto você. — Seus dedos tocam meu rosto e eu fecho os olhos.

— Não mais do que eu, Erin. Não mais do que eu.

— Vai ser para sempre, Cage? Isso que nós estamos sentindo agora, essa necessidade incansável um do outro?

— Amor, Erin. É amor que estamos sentindo agora, e sim, vai ser para sempre. — Abro os olhos e a observo. — Você é minha, sempre foi, e nunca vou deixar que isso mude.

Beijo sua boca, Erin abre as pernas e nossos corpos se encaixam. Consigo sentir sua calcinha molhada, e porra, meu pau fica ainda mais duro.

Quando abandono sua boca, ela ameaça reclamar, mas em vez disso, solta um profundo gemido. Minha boca se fecha em um dos seus seios. Porque uma coisa é certa, passei a noite toda querendo sentir eles. E agora, aqui estamos nós!!! Ela se contorce enquanto sigo para o outro, usando as mãos, a boca e a língua.

Meu Deus!!!

Morri e fui para o céu.

Erin ergue o corpo esfregando nossos quadris cada vez que minha língua toca em um dos seus mamilos, minhas mãos seguram firmes os seus seios, massageando com vontade. Ela geme, e entre os gemidos, meu nome sai como uma canção, e isso me deixa cada vez mais louco.

Não existe nada mais poderoso do que escutar sua garota gemer seu nome.

Eu. Amo. Cada. Segundo. Disso. Pra. Caralho.

Solto seus seios e minhas mãos começam a vagar por seu corpo, eu prometi a mim mesmo que ia ser lento, que faria com que ela aproveitasse cada momento. O que está se mostrando ser foda pra cacete, porque meu pau

está dolorido, e doido para entrar aonde ele pertence.

Dentro dela.

É lá que anseio estar. Senti-la por dentro enquanto ela goza. Mas eu esperei até agora, então é o que vou ter essa noite.

Que seja mais do que perfeito para ela.

— Eu preciso de você, amor — digo, retirando sua calcinha.

— Eu também, Cage. — Ela quase não consegue falar quando esfrego lentamente meu polegar em sua entrada.

— Você é a visão de uma deusa, Erin. — Enfio um dedo e ela geme. Porra, não tenho palavras para descrevê-la.

Saber que ela é minha e que sou o único com quem ela já esteve assim. E que serei o último, é quase insuportável de aguentar por mais tempo. E caramba, como eu esperei.

Todos esses anos juntos, sentindo as carícias ficarem mais íntimas e ousadas, e esperando até que ela se sentisse pronta para mim, até que eu estivesse pronto para ela.

— Abra um pouco mais as pernas. — Ela me obedece. Volto a pairar em cima dela, encaixando nossos corpos novamente, seus braços vão às minhas costas, e quando sinto a ponta do meu pau tocá-la, eu quase gozo.

— Para sempre? — pergunta de novo. Eu sei que ela está nervosa, nossa primeira vez não foi nada romântica ou prazerosa, e eu tinha quase parado quando vi algumas lágrimas rolarem pelo seu rosto naquela primeira noite.

— Para sempre — repondo. Ela sorri e eu entro nela. No meu lar, na minha garota, no meu amor.

Na porra do meu para sempre.

Erin

Presente

Para Sempre. A frase que ele sempre me dizia martela na minha cabeça, como um mantra, ou uma maldição. Eu não sabia dizer.

Já havia se passado quatro horas, e continuo plantada no aeroporto, observando cada voo que chega de Nova Iorque. Dois já pousaram e Cage não chegou em nenhum deles.

Assim que terminei de falar com Libby, organizei tudo em casa e vim direto para o aeroporto. Uma hora de trânsito para chegar até aqui, xingando a cada sinal vermelho, e posso afirmar que todo sinal resolveu fechar pelo caminho.

Eu não comi, não tomei banho, nem sequer troquei de roupa, eu só precisava vê-lo, mesmo que de longe, precisava saber como meu corpo iria reagir ao tê-lo tão próximo.

O homem que eu amava, o homem que me prometeu o *felizes para sempre*. O homem que me abandonou.

Balanço a cabeça para afastar meus pensamentos, eu não posso me desconcentrar agora, ver Cage é mais importante do que qualquer sentimento de rancor que eu pudesse ter. Fico numa cafeteria e pego uma revista, tentando passar despercebida. O aeroporto não está cheio, mas não seria conveniente que algum amigo do meu marido me visse aqui.

Ainda mais nesse estado.

Droga, às vezes eu tenho que concordar com Luke, eu pareço doente. Obcecada por um homem que talvez, nem se lembre mais da minha existência.

Que humilhante.

Olho para a mesma página da revista por uma eternidade, até que o painel avisa mais um pouso. As pessoas começam a aparecer e meu

nervosismo aumenta, alguns minutos se passam até que eu vejo.

Sua estrutura se destaca no meio de pessoas comuns, mas a visão que eu tenho me deixa completamente em estado de choque.

Luke!

Se eu não conhecesse os dois muito bem, ou onde meu marido está nesse momento, acreditaria que era ele. Usando terno elegante, carregando uma bolsa e olhando no celular, está Cage a apenas alguns metros de distância. Droga, ele está ainda mais bonito do que eu imaginava.

Saio da cafeteria me afastando um pouco, meus ouvidos doem e a visão borra. Se eu tentasse falar, certamente não teria voz.

Ele está aqui! Ele realmente veio.

Enquanto observo, aperto a alça da bolsa com força a cada passo que ele dá, Cage está saindo do aeroporto e ninguém parece incomodá-lo.

Deus, como é possível eu não correr para os braços dele agora mesmo?

A constatação de que veio sozinho me anima mais do que deveria, e é uma surpresa que eu não esperava. Cage sempre aparece acompanhado nas reportagens.

“Você parece um rato perto dessas modelos, olhe só para você, Erin”, as palavras de Luke me vêm à cabeça e eu coloco a mão no ouvido tentando abafar o som, ignorando as pessoas que passam por mim. Cage já está quase fora de vista e não vou deixar que as palavras do Luke estraguem esse momento.

Ele caminha em direção ao táxi com tanta segurança que é impossível ninguém notar. Eu tenho vontade de gritar para esses babacas: — Ei, estão vendo esse cara ali? Esse mesmo! Ele é o maior jogador de futebol da história! Conseguiu sair dessa cidade de merda e alcançou seu sonho!

Um aperto no peito me faz voltar a realidade, Cage conseguiu tudo que sempre desejou; fama, dinheiro e poder. E tudo fazendo o que mais ama. Sonhamos juntos, e também decidimos juntos qual faculdade ele iria cursar. Estou tão orgulhosa dele.

Meu celular vibra na bolsa e eu me assusto. Olho o visor e percebo o quão tarde é, Libby enviou uma mensagem perguntando se ainda vou buscar

NACIONAIS-ACHERON

Liam.

Droga!

Respondo rapidamente que sim e sigo até o estacionamento para pegar meu carro. Quando fecho a porta e ligo o motor é que a realidade me atinge como um martelo. *Cage está aqui!* Isso é tão louco. Por anos fui apenas uma mera espectadora de sua vida, mas agora eu sentia que era hora de encarar o que eu sempre temi. Sei que é uma questão de horas até ficarmos frente a frente, e seja como for, é algo que eu não posso evitar por muito tempo.

E eu tinha certeza de que nada de bom sairia desse encontro.

Saio do aeroporto e vou direto para Libby, o caminho de volta é mais tranquilo, o trânsito já não está tão intenso. Diferente das batidas do meu coração.

— Desculpe pela hora — digo à Libby assim que ela abre a porta.

— Não se preocupe, se deixasse, os dois passariam a noite acordados jogando. — Ela revira os olhos e sorri. — Entre, vou preparar um café.

— Não precisa, Libby, eu realmente preciso ir embora. — Olho mais uma vez para o relógio.

— Você está bem? — pergunta, preocupada.

— Sim, estou. Apenas um pouco cansada — minto. Por mais que me doa mentir para minha melhor amiga, ela não aprovaria meu momento perseguidora no aeroporto.

— Pensei que ficaria abalada com a notícia da volta dele — ela fala baixo enquanto subimos as escadas em direção ao quarto de David.

— Já faz muito tempo, Libby, você sabe disso.

— Eu fico feliz então que esteja tudo bem, Erin. De verdade. — Ela aperta minha mão e eu sorrio.

Um sorriso automático, perfeito e ensaiado. Um que já usei tantas vezes que eu me pergunto se não acabou se tornando permanente e real.

— Liam, David? — Ela abre a porta do quarto e suspira. — Vocês vão ficar sem cérebro de tanto jogar. — Os meninos nem notam a nossa presença. Até que ela desliga o jogo na tomada.

NACIONAIS-ACHERON

— Ahhh. — O resmungo vem em uníssono.

— Amanhã é dia de escola, então está na hora de irem para cama. Liam sua mãe está aqui. — Meu filho finalmente percebe minha presença e sorri.

Seu sorriso é doce, e tão puro. Aquece meu coração em momentos que eu acho que não consigo seguir em frente. É por ele que levanto a cada manhã, e para ele, nenhum sorriso é ensaiado.

— Hora de ir, campeão — digo enquanto ele pega suas coisas.

— Papai já está em casa? — Ele sempre pergunta.

— Não, está de plantão, mas você sabe que ele vai ligar a qualquer minuto para dar boa noite, então se apresse.

Liam se despede de David e eu pego sua mochila, descemos as escadas com os meninos tagarelando sobre os jogos e suas pontuações.

— Mande uma mensagem para avisar que chegaram bem — diz Libby.

— Mandarei, obrigada por cuidar dele. — Abraço minha amiga.

— Sempre que precisar.

Sorrio e pego a mão de Liam, ele se despede de Libby e David, e finalmente vamos para casa.

Quando estaciono na garagem, envio uma mensagem para Libby e logo meu telefone toca. Luke.

— Ei, como estão as coisas por aí? — pergunta como se não tivesse quase quebrado meus dedos mais cedo.

— Tudo bem, acabamos de chegar da casa da Libby.

— Não está um pouco tarde? — Seu tom é quase despretensioso, quase.

— Sim, mas você sabe como são Liam e David, e quando envolve jogos novos nem se fala. — Fecho a porta do carro acenando para Liam abrir a porta da cozinha.

— Sei como é, também adorava jogar, me perdia no tempo. Erin, eu queria dar boa noite para o Liam e depois falar com você, pode ser?

— Tudo bem. — Estranhando seu tom doce, passo o telefone para Liam.

— Oi, pai. — Liam começa a contar sobre os jogos novos e como

NACIONAIS-ACHERON

derrotou David várias vezes. Sorrio enquanto acendo a luz da cozinha e pego um copo com água. Eu tenho que admitir, Liam é tão competitivo quanto Luke, e odeia perder.

Seu treinador está trabalhando isso nele, e nós também. Luke sempre o orienta, e é nessas horas que eu acredito que poderia amá-lo de verdade. Infelizmente, esse lado é reservado apenas a Liam.

— Boa noite, pai, também amo você. — Liam se despede antes de me passar o telefone.

— Direto para cama, mocinho, e não se esqueça de escovar os dentes! — Ele beija minha bochecha e diz que me ama antes de correr para o quarto. — Oi, Luke, pode falar. — Caminho até a sala e sento no sofá.

— Eu quero pedir desculpas a você. — Suas palavras me pegam de surpresa e por pouco não derramo a água que está na minha mão.

— Desculpas? — Ele não poderia estar falando sério, foi eu quem drogou ele.

— Sim, ouça, Erin, eu não tenho muito tempo porque logo entrarei numa cirurgia, mas sei que peguei pesado mais cedo, eu só queria que me desculpasse, tá bom? Vou chegar em casa no início da manhã e podemos conversar melhor.

— T-tudo bem. — Eu mal consigo falar.

— E, Erin?

— Sim.

— Eu amo você. — Suspiro e dou minha resposta de sempre.

— Eu também, Luke. — E ele desliga o telefone.

Fico alguns minutos encarando o aparelho, não acreditando nas palavras que acabei de ouvir. Luke não devia estar falando sério, ele ficou furioso comigo essa manhã, eu o droguei para que ele dormisse a noite toda, e agora *ele* me pede desculpas?

Passo a noite sem dormir. Ver Cage no aeroporto, as ações e palavras do Luke, tudo isso formando um redemoinho de emoções, me deixando nervosa e ansiosa. Rolo na cama de um lado para o outro, sem saber o que pensar, ou

PERIGOSAS

em quem pensar.

NACIONAIS-ACHERON

Cage

Assim que desembarco sinto meu corpo ficar tenso, estar de volta é algo que eu não pretendia. Minha vida ia muito bem obrigada até receber a ligação do meu pai.

Porra.

Mesmo ele indo me visitar uma vez por mês, fez questão de me dar a notícia da sua doença por telefone e como se isso não fosse suficiente para foder com a minha cabeça, ele queria que eu passasse alguns dias aqui, nessa droga de cidade, que tinha jurado nunca mais pôr os pés.

Eu não costumo quebrar minhas promessas, só aconteceu uma única vez, e agora estou mais uma vez indo contra as minhas próprias palavras, eu sabia que o resultado seria o mesmo. Eu sairia completamente ferrado.

Porra!

Caminhar na contramão não é meu objetivo, mas meu pai precisa de mim, e como sempre foi a minha rocha, está na hora de eu ser a dele.

Assim que pego minha bagagem, utilizo um aplicativo no celular para chamar um táxi, pedi para que meu pai não viesse porque não queria causar tumulto no aeroporto. Foi exatamente por isso que vim usando terno. As pessoas daqui me conheciam, mas só conviviam com meu irmão, Luke.

Imaginei que as pessoas pensariam que era ele no aeroporto. Mesmo com a minha volta sendo anunciada em rede nacional, a data não foi definida e eu saí praticamente às escondidas de Nova Iorque.

Olho em volta e ninguém parece se importar com a minha presença, mesmo assim me sinto estranho, como se estivesse sendo vigiado. Será que algum *paparazzo* me seguiu? Isso não seria novidade, e talvez explicasse esse incômodo no meu estômago.

O táxi me leva direto até a casa do meu pai. No caminho, minha mente vaga até o dia em que tudo aconteceu, o dia em que a perdi e fui embora.

Já era tarde quando cheguei em casa, o aluguel do apartamento em Nova Iorque estava acertado, Erin e eu teríamos um lugar só nosso para passar os fins de semana, ela ia amar o lugar, eu tinha certeza disso. Tanto que não mostrei nenhuma foto, eu faria uma surpresa para minha garota.

A casa estava silenciosa, o que não era novidade, meu pai tinha enviado uma mensagem mais cedo avisando que ia estar fora essa noite, e Luke provavelmente também não estava em casa.

Conforme entro na cozinha para tomar um pouco de água antes de subir e tomar banho, escuto um barulho inconfundível. A cabeceira de uma cama parece bater com força na parede.

Luke, seu sem vergonha. Não perde uma chance, aquele safado.

Balançando a cabeça, subo as escadas para o meu quarto e paro subitamente quando o barulho fica cada vez mais alto. Mas o que me chama atenção é de onde está vindo esse alvoroço.

Porra, Luke, você está transando no meu quarto!? Inacreditável.

Entro sem bater, e vejo meu irmão por cima de alguém, seus movimentos são bruscos, beirando a violência e quando abro a boca para brigar com ele, uma voz faz meu sangue congelar.

— Luke! Por favor, para! Você está me machucando! — Largo a mochila no chão e o barulho chama a atenção deles.

Não!

Não!

Não!

Que porra é essa?

A voz, aquela voz que eu pensei ter imaginado... É dela!

Erin está com a saia enrolada na altura da cintura, e a camisa e o sutiã abertos mostrando os seios, na minha cama com meu irmão em cima dela!

Eu não enxergo mais nada quando avanço para cima dele.

— CAGE! — grita ela, mas é tarde demais.

Meus punhos alcançam o rosto de Luke em uma velocidade

impressionante. O cheiro de álcool confirma que ele está bêbado.

Dane-se, ele estava machucando a minha garota. A MINHA GAROTA!

— Saí daqui! — grito com ela, e percebo que ela se apressa em puxar um lençol para se cobrir, há marcas vermelhas por todo seu corpo, ele a estava pegando a força.

— O que foi que você fez com ela? — Outro soco, e o cretino apenas sorri.

— Sai de cima de mim, idiota — Luke me empurra, mas eu estou tão cego de raiva que seu movimento não me afeta em nada. Ele está bêbado e lento.

— Eu. — Soco. — Vou. — Soco. — Matar. — Soco. — Você. — Soco. — Lukeeeee!

Soco.

Soco.

Soco.

Seu rosto está puro sangue, manchando os lençóis da minha cama.

— Cage, pare! — grita Erin, mas eu não dou ouvidos, vou matar ele por ter tocado nela.

— Saí, Erin, eu vou matar esse bastardo doente!

Soco.

Soco.

Soco.

— Cage! — choraminga ela e tenta me tirar de cima dele. Estou tão descontrolado que por pouco não a machuco. — Você vai matá-lo!

— Não tenha dúvidas disso. — Paro para olhá-la, e porra, sua boca está machucada e inchada, e seu rosto está coberto de lágrimas. — Ele estava te estuprando, Erin. E ele vai pagar por isso!

Volto a socá-lo, e mesmo sentindo seu corpo mole nas minhas mãos, eu não paro. Como ele pôde fazer isso com ela? Fazer isso comigo? Eu vou apodrecer na prisão, mas ele não vai sair vivo dessa!

Erin começa a chorar copiosamente, mas eu estou além da razão. Eu sei que ela é capaz de me sentir nesse momento porque sempre soubemos o que o outro sentia. Sempre foi assim.

Como eu pude deixar isso acontecer com ela? Bem debaixo do meu nariz! Luke, seu desgraçado!

— Não, Cage! — Ela segura meu punho no alto. — Eu estava aqui porque eu queria.

Eu acho que meus sentidos ficaram entorpecidos depois de tudo, principalmente os ouvidos, porque eu ouvi direito?

Frio.

Como uma onda gelada, meu corpo é tomado pelo entorpecimento.

É isso que sinto quando ouço suas palavras. Erin começa a chorar descontroladamente.

— Repete. — Minha voz sai assustadoramente calma. Meu irmão está sangrando, desacordado bem na minha frente, mas a única coisa que eu estou preocupado é com o que acabei de ouvir.

— E-eu...

— Repete tudo porra! — grito e levanto da cama, Erin se assusta e se afasta. Garota esperta.

— Cage! Por favor...

Frio. Meu corpo está tremendo de frio.

Olho a bagunça que está o quarto, minhas mãos vão para a cabeça. Há sangue, tanto sangue. Do meu irmão, do meu irmão gêmeo, da minha outra metade.

— Porra! — rosno, furioso. — Chame a droga de uma ambulância. — Ela não se mexe. — AGORA!

Erin corre para o telefone enquanto eu olho para o corpo desacordado do meu irmão. Sem saber o que pensar, sentindo apenas frio.

— Senhor? — A voz do taxista me faz retornar ao presente, olho pela

janela e me deparo com a casa do meu pai. Ele não mudou nem a cor da pintura. — Quer que espere aqui? Parece que não tem ninguém em casa. — diz.

— Não precisa, a casa está cheia, acredite em mim. — *Cheia com meus fantasmas*, penso.

Depois de pagar o taxista e pegar a mala, retiro do bolso uma chave, que há muito tempo não usava. Mesmo com a casa escura, eu sei que meu pai está lá dentro, ele simplesmente gosta da sua própria solidão.

Já é tarde, e eu não tenho certeza se ele me esperou ou se está dormindo. A porta abre fazendo o velho barulho fraco de sempre. Eu sorrio, estou mesmo de volta. Luke e eu costumávamos lubrificar as dobradiças, para que nosso pai não ouvisse quando chegássemos tarde.

Tudo parece estranhamente igual. Na sala, a luz da TV chama a atenção, no sofá meu pai está dormindo. Coloco a mala no chão e vou acordá-lo.

— Pai? — Mexo no seu ombro, ele se estica todo abrindo os olhos devagar, tentando focar em mim.

— Luke? — Ele me olha confuso, suas palavras me atingem em cheio, mas eu sorrio ao vê-lo.

— Não, pai. Sou eu, Cage. Estou em casa.

Mesmo sabendo que eu estava vindo, meu pai parece incrédulo ao me ver.

Ele se levanta com dificuldade e eu o ajudo, quando se apoia em sua bengala, diz: — Eu tinha minhas dúvidas se realmente viria. — Ele sorri e me abraça.

— É bom ver você também, pai — digo sorrindo e, pela primeira vez desde que botei os pés nessa cidade, eu me sinto em casa.

Como nos velhos tempos.

Erin

Acordo sentindo meu corpo sendo tocado. Cada parte sensível é acariciada, solto um gemido com a sensação. É tão bom. Seu toque, suas mãos firmes passeando pelos meus seios. Ergo o quadril e roço na sua ereção, um gemido rouco escapa da garganta dele ao me beijar no pescoço.

— Bom dia, amor. — Abro os olhos e o vejo; lindo, sorrindo e me encarando. Seu olhar é de puro desejo, sua barba por fazer o deixa ainda mais sexy. Mas, então, minha mente desperta e eu percebo que não é Cage quem está me olhando, e sim Luke.

— Bom dia — digo ainda confusa pelo sono. — Que horas são? — Tento me levantar, mas o corpo dele por cima do meu me impede.

— Ainda está cedo, muito cedo. — Ele beija meu pescoço novamente. — Eu saí antes do horário como prometi, e então cheguei em casa e encontrei você dormindo. — Ele passa a mão no meu cabelo. — Desculpe, eu não consegui resistir. Tem ideia do quanto você é gostosa quando está dormindo? *Sonhando?*

— Obrigada. — agradeço, insegura. — Você queria conversar? — Tento me mover mais uma vez, e nada.

— Sim, mas acho que podemos adiar essa conversa para mais tarde. Quer saber o que você estava fazendo quando cheguei?

— Fazendo? Estava dormindo, você acabou de falar. — Um frio começa a subir pela minha espinha.

— Você estava se tocando, Erin. Enquanto dormia.

— Estava? — pergunto, incrédula.

— Sim. E, meu amor, isso me deixou tão excitado. — Ele belisca um mamilo e eu suspiro. — Me deixe terminar o que começou. — Ele empurra mais uma vez sua ereção contra mim e só agora percebo que está nu.

Ainda estou com meu short de pijama e uma camiseta velha, mas isso não o impede de começa a beijar meus lábios. Minhas mãos vão para suas

costas. Seus músculos flexionam cada vez que ele movimenta. O leve vai e vem do seu quadril, me deixa mais e mais excitada, sinto sua língua em minha boca com tanta fome que é impossível não ficar embriagada pelas sensações.

Houve um tempo em que seus beijos eram assim, cheios de fome e apaixonados. E nesse tempo eu me permiti viver, me permiti ser feliz, mas como sempre, eu acabei estragando tudo.

— Luke — murmuro entre os gemidos enquanto ele tira meu short. Estou molhada, excitada, quase desesperada por um orgasmo.

— Eu sei, Erin, sei exatamente do que você precisa.

Ele passa um dedo entre as minhas dobras, massageando meu clitóris, fazendo meu corpo se contorcer em desespero. E quando ele desce sua cabeça até chegar onde mais preciso ser tocada e começa me penetrar com a língua, eu tento abafar um grito de prazer.

Sinto seu sorriso quando percebe meus movimentos, Luke adora quando tenho essas reações. Durante todos os dez anos, ele sabe que eu cedo toda vez que suas mãos me tocam com carinho, que vejo adoração em seu olhar, que me sinto desejada e amada.

Eu cedo. Sempre.

Gozo na sua boca, e ele lambe cada gota sem deixa escapar nenhum, parecendo mais faminto que antes. Só para quando meu corpo relaxa. Ele tira minha camiseta sem dificuldades, meu corpo finalmente conseguiu o que queria, e agora, eu poderia facilmente fechar os olhos e dormir como um anjo.

— Abra os olhos, Erin. — Eu os abro e o vejo sentado em cima de mim, os joelhos sustentando seu peso, enquanto segura sua ereção com movimentos suaves; subindo e descendo. — Eu podia pedir para você chupar meu pau, mas tenho algo melhor em mente.

— O que você quer?

— Quero te ouvir gritando o meu nome quando eu estiver dentro de você, Erin. Quero ouvir cada letra saindo dessa sua boca de vagabunda quando *eu* estiver enchendo você e não meu irmão.

Meus olhos se arregalam, a menção do Cage me assusta porque eu não esperava por isso.

— Sabe o que você dizia quando estava se tocando? — *Merda!* Pânico começa a me consumir e tento me mexer mas ele coloca todo seu peso em cima de mim. — Cage! — rosna. — Era o nome dele que você gemia enquanto enfiava o dedo na boceta, na boceta que é *minha!* Era nele que estava pensando enquanto se tocava na nossa maldita cama! — Uma mão agarra minha garganta.

— L-Luke... — Tento respirar.

— Ainda não, Erin, mas logo dirá bastante *esse* nome. Antes disso, eu tenho uma coisa para você.

Com a mão livre, pega o celular que estava na cama, sem tirar a outra da minha garganta. Por puro instinto minhas mãos envolvem a sua, mesmo sabendo que não tenho forças para lutar com ele.

Então, escuto e congelo. Ouço gemidos vindo do celular.

Putá merda!

É a minha voz! Terror começa a tomar conta, balanço meu corpo na tentativa de me soltar, mas é em vão, o corpo dele em cima do meu me deixa completamente imóvel, seus dedos ameaçam cortar mais ainda minha respiração. Lágrimas começam a rolar quando ele vira a tela para me mostrar o que eu já sabia que acompanharia os gemidos.

— *Cage! Ah, Deus!* — Minha voz sai abafada, porém soa perfeitamente compreensível.

— Era ele quem você queria que estivesse aqui, não era? — Seus olhos me encaram com fúria.

— Por favor, Luke! — imploro.

— Ah, meu amor, você vai implorar. — Ele coloca o celular na cama, próximo ao meu rosto. — Vai implorar muito.

Luke me penetra de uma vez, e mesmo que eu ainda esteja lubrificada por causa do meu orgasmo, suas investidas são impiedosas, tão duras que eu posso sentir cada batida contra o meu útero.

Ele solta a minha garganta e consigo respirar melhor, mas foi só para usar as mãos para dar mais impulso. Ele segura meu quadril com força, cravando as unhas nele.

A força das estocadas, o som vindo do celular, é aterrorizante demais. Um verdadeiro pesadelo.

— Você está me machucando. — choramingo, mas sei que ele já não é mais capaz de ouvir. Luke está agindo como um animal irracional, um que eu já vi antes, muitas vezes.

— Diga — rosna.

— Luke! — obedeço.

— DE NOVO! — grita no meu ouvido, lágrimas voltam a rolar pelo meu rosto. Lágrimas de dor, culpa, e de arrependimento.

— LUKE! — praticamente grito seu nome, repetidas vezes.

Minha voz gritando o nome dele se sobressai aos gemidos vindo do celular, e mesmo tão próximo, não consigo mais me ouvir gemendo o nome do Cage.

Agora só um nome sai da minha boca.

Luke.

Por dez anos foi esse nome que eu dizia em voz alta, mesmo não sendo ele quem meus olhos enxergavam.

— Erin! — Com o rosto na curva do meu pescoço, sua voz sai abafada enquanto ele goza. Sinto seu líquido quente dentro de mim, tentando incansavelmente preencher um vazio que ele jamais conseguiu preencher.

Minhas mãos estão largadas ao lado do meu corpo, imóveis. De todas às vezes que algo parecido aconteceu, jamais foi assim. Eu nunca havia mencionado o nome do Cage, mesmo dormindo. Luke me deixaria bastante ciente se acontecesse.

— Por que você fez isso? — pergunta, sem se afastar de mim.

— Desculpe. — É tudo que consigo dizer, afinal de contas, sou culpada por sua raiva. Eu o droguei, e me masturbei na nossa cama pensando em outro homem.

— Você é uma puta — sussurra no meu ouvido.

— Eu sei. — concordo, pois é exatamente assim que me sinto. Luke me amparou quando mais precisei, me estendeu a mão quando a cidade inteira virou às costas pra mim.

— Mas não deveria ser, você era perfeita, Erin. A garota popular, inocente e perfeita. — Ele beija mais uma vez meu pescoço. Ainda dentro de mim, sinto sua ereção crescer de novo, e então começa a se mover num ritmo mais lento. — Devia ser perfeita. — E repete a frase a cada estocada, enquanto permaneço completamente imóvel, não movo nem um músculo.

— Sim. — É minha única resposta.

Luke não para de se mover ou de me beijar. É como se fosse uma versão distorcida de amar. Meu coração se aperta porque eu sei como é fazer amor, porque era o que Cage fazia comigo.

Ele está pulsando, tremendo, e puxando meu cabelo com força, trazendo minha boca na direção da sua. Luke morde meu lábio inferior, o que faz pequenas vibrações passearem pelo meu corpo. É esse o momento que eu mais odeio, quando meu corpo responde como ele quer.

Sinto sua respiração pesada em torno do lóbulo da minha orelha quando rosna de novo.

— É melhor relaxar, não quero que se machuque. Mais do que já está. — Ele empurra com mais força e eu abro bem as pernas, cruzando-as nas suas costas, dando um acesso mais profundo. — Boa menina — sussurra. — Assim mesmo, minha putinha.

Agarrando meu cabelo com mais força, ele me encara com fúria.

— Não se esqueça de quem está te fodendo agora, Erin. Agora e para sempre. — Meu coração está batendo descontroladamente, sabendo muito bem o que ele quer dizer com suas palavras.

Eu sou dele.

Para sempre.

— Porra, como eu amo essa sua boceta. — Ele acelera, minhas mãos seguram seu braço para me manter no lugar enquanto Luke continua estocando sem misericórdia, cada vez mais fundo, até que finalmente goza.

NACIONAIS-ACHERON

Ele sai de cima de mim num rompante, como se estivesse fugindo de algo, levando o celular consigo. E a última coisa que ouço antes de apagar, totalmente exausta, é o barulho do chuveiro.

Sinto um vazio no meu estômago quando acordo algumas horas depois, mas não estou com fome porque a última coisa que tenho vontade agora é de comer qualquer coisa. Não, é um sentimento. Algo pior do que fome. É uma sensação de que algo está se tornando cada vez mais frequente, bem como a ardência entre as minhas pernas.

Sozinha na cama, eu me levanto com dificuldade. Meu corpo inteiro está dolorido, castigado. E quando vejo meu reflexo no espelho é como olhar para um cadáver, e para ser sincera, eu já vi cadáveres com aparência melhor.

Respiro fundo ao ver as marcas pelo meu corpo nu. Cheio de marcas, com os lábios inchados e depois de fazer xixi, percebo vestígios de sangue no vaso. Suspiro, tenho certeza de que há remédios para dor e uma pomada me esperando.

Abro o chuveiro e aguardo a água aquecer. Sento em cima da tampa do vaso tentando não pensar na madrugada fodida que eu tive. Que começou com imagens do Cage, e terminou comigo sendo machucada.

Entro no boxe e ao sentir a água atingir meu corpo, solto um gemido nada prazeroso. Deus, sinto dor em lugares que nem sabia que existiam. Tomo bastante cuidado ao me lavar, minha vagina está pegando fogo de tanto ardor, as pernas estão doloridas, e provavelmente, terei que colocar um pouco de gelo nos lábios para diminuir o inchaço.

Depois de terminar o banho, volto para o quarto enrolada numa toalha e sou surpreendida por Luke sentado na cama, ao lado dele minhas roupas já estão separadas: jeans, blusa de tricô com manga comprida e meu par de sapatos preferido com salto agulha.

— Não vou usar isso. — Caminho até o *closet*.

— Vai querer que todos vejam as marcas no seu braço? — pergunta com uma das sobrancelhas erguida, e então olho para o meu braço. Merda, seus dedos estão impressos ali. — Não que eu ache ruim, mas penso que as pessoas podem ficar desconfortáveis ao saber da nossa manhã selvagem.

— Não pretendo sair de casa, Luke. Ninguém vai saber da nossa manhã *selvagem*. — A ironia na minha voz não passa despercebida por ele.

— Liam está lá em baixo, esperando para levarmos ele na casa do avô.

— Ele não foi à escola? — pergunto, surpresa.

— Não, temos uma visita para fazer hoje. Alguém especial está de volta na cidade, achei que está mais do que na hora de Liam conhecer o tio dele, não acha?

Fico congelada, por mais estranho que parecesse, eu havia me esquecido que Cage estaria na casa do pai.

— Luke, acho que... — Ele me interrompe.

— Não ache nada, querida, apenas vista-se. E por favor, passe algo no rosto. Você está com cara de quem acabou de voltar do inferno. — Ele levanta, beija meu rosto e se afasta. — A propósito, tem remédio para você em cima do seu criado mudo. De nada.

— Isso é algum tipo de castigo? — digo sem pensar, porque é apenas o que me vem à mente.

— Por que eu te castigaria? — Ele para na frente da porta e cruza os braços.

— Você sabe o porquê.

— Não sei do que está falando, querida. Tivemos uma manhã maravilhosa, um pouco selvagem, devo admitir. Você parecia incansável.

— *O quê?* — Às vezes, eu me esqueço da loucura com que convivo. Ele suspira e vem na minha direção.

— Eu sei que fui um pouco rude ontem, mas só fiz aquilo por sua causa. — Sua mão toca meu rosto. — Cada maldita coisa que aconteceu, foi você quem pediu. — Ele beija meus lábios e sai do quarto. — E antes que eu me esqueça, vou guardar aquele vídeo como uma bela recordação. Você fica maravilhosa quando está se tocando.

Ele bate a porta ao sair, me deixando perplexa. Cada palavra me atinge como facas cortando a pele. Seu tom calmo me ofende, me desestabiliza, e o cretino sabe disso.

E quanto a ver Cage? Onde ele está com a cabeça? Pela forma com que tudo aconteceu, com certeza não somos as pessoas favoritas do seu irmão, muito menos quem ele gostaria de ver no seu primeiro dia de volta na cidade. Sabia que esse momento chegaria, mas cedo assim? Depois de tudo? E o que foi, exatamente, que *eu* tinha pedido?

Seguro as lágrimas insistentes que se acumulam nos olhos e começo a me arrumar. Tomo o remédio que ele deixou e pego as malditas roupas que ele escolheu. Prendo o cabelo num rabo de cavalo alto, e passo um pouco de maquiagem, não muito, mas o suficiente para que as olheiras não fiquem visíveis e eu fique apresentável.

Infelizmente, não existe maquiagem para esconder a dor que estou sentindo por dentro, tampouco para mascarar o medo de ficar cara a cara com Cage.

Se eu vivia num inferno, com a volta dele, sinto que estou prestes a descobrir um novo significado para essa palavra.

Cage

Há dez anos que eu não sei o que é dormir direito, todas as noites sou atormentado pela visão dela. Na maioria das vezes, daquela maldita noite.

A noite em que eu quase matei o meu irmão, de quando peguei ela transando com ele.

Do dia que eu morri por dentro.

Por conta dos jogos e treinos, não posso tomar nenhum medicamento, então acabei abraçando meus pesadelos como uma forma de punição, como um lembrete constante do monstro que vive dentro de mim.

A primeira noite aqui, não foi diferente. Meu pai tinha preparado meu quarto, mas eu não consegui nem abrir aquela porta, a sensação era de que entraria num túnel do tempo e os veria ali, na minha cama. Por isso, ignorei e preferi ir para o quarto que ele mantinha na garagem. Não era tão confortável quanto o meu, nem a cama que estava acostumado a dormir, mas, mesmo assim, eu me senti bem aqui.

Bem demais para o meu gosto.

Na manhã seguinte, estou na cozinha preparando o café quando escuto seus passos, o barulho suave da bengala me faz sorrir, ele provavelmente colocou algo na ponta para amortecer o som.

— Bom dia, pai. — Mexo os ovos.

— Bom dia, dormiu bem? — pergunta, e sei que ele está se referindo a garagem.

— O lugar não é tão ruim — respondo.

— Você tem seu quarto, não entendo porque preferiu a garagem, Cage.
— Ele senta na mesa, com o cenho franzido.

Ontem tivemos uma pequena discussão sobre o assunto. Nunca contei ao meu pai que flagrei Luke e Erin no meu quarto, ele sabe apenas uma versão da história, e é melhor continuar assim.

— Você tem sua privacidade, eu tenho a minha. Moramos sozinhos esses anos todos, não estou acostumado com um companheiro de quarto. — brinco com ele.

— Isso é besteira, nenhuma mulher vem aqui. — Ele para de falar e me encara. — A não ser que esteja pretendendo trazer alguém. É isso?

— Nunca se sabe, não é? — Sento na sua frente e ele sorri, coloco os ovos no seu prato e pego um copo de suco.

— Eu pensei que viesse acompanhado de alguma daquelas modelos superfamosas que andam penduradas em você. — Eu estremeço.

— Elas são apenas isso, pai. Enfeites no meu braço.

— Hum, eu bem que queria uns enfeites desses. — Meu pai sorri e eu começo a dar risadas, é raro ver esse tipo de humor em Tom Nolan.

Ainda estamos sorrindo quando a campainha toca, eu começo a me levantar para atender mas meu pai me impede.

— Não, continue seu café, provavelmente é algum vendedor. Ninguém bate na porta dos outros a essa hora da manhã a não ser que seja para vender alguma coisa. Vou despachar ele.

— Vai com calma velho.

— Velho? Ainda dou conta de muita coisa, moleque. — Ele bate na minha cabeça e vai atender a porta.

Continuo tomando o café, me sentindo mais leve até ouvir a voz, ou melhor, as vozes.

— Merda! — resmungo.

— Vovô! — Uma criança fala alto. Será que é o Liam? Deus eu não queria esse encontro agora, talvez nunca quisesse. Limpo a boca e me levanto, quando me viro, dou de cara com a minha cópia.

Luke.

Meu irmão.

Meu gêmeo.

Que eu quase matei.

Ele está me olhando e sorrindo, vestindo terno cinza com camisa branca, e a gravata completa o visual impecável. O cabelo penteado para trás dando um ar mais sério. Enquanto que eu estou usando minha *jersey* dos *Jets* e calça de moletom, meu cabelo está bagunçado e molhado do banho. Mesmo assim, somos tão parecidos que me assombra.

— É bom te ver, irmão. — Luke me cumprimenta, e só então noto a criança ao seu lado que está segurando sua mão e me olha com admiração.

Liam.

Meu sobrinho.

Filho do amor da minha vida.

Santo Deus, eu estou fodido. Tão fodido.

— Vocês são mesmo idênticos — comenta o garoto, praticamente em êxtase.

— É porque somos gêmeos — responde Luke.

— UAU! — Liam não esconde sua admiração.

— Vai lá, Liam, e dê um abraço no seu tio.

Liam não hesita, e vem na minha direção com tanta empolgação que quase me derruba. Luke apenas nos observa, sorrindo. Parece satisfeito que seu filho esteja finalmente conhecendo o tio.

— Ei, garoto! É bom finalmente conhecer você — digo enquanto ele me envolve num forte abraço, é tão estranho quanto confortante.

— Sabia que eu jogo futebol?

— É mesmo? — Eu me afasto um pouco para conseguir vê-lo melhor. Ele se parece com Luke, e comigo quando éramos crianças, é como uma versão única de nós dois.

— Sim, e eu sou o melhor. Mas quando eu crescer, vou ser médico como meu pai. — Ele vira para olhar o pai. — Não é, pai? Eu vou ser o melhor jogador médico dessa cidade.

— Com certeza — diz Luke, orgulhoso.

— Isso é muito legal. Em que posição você joga?

— Sou *quarterback* — ele diz com tanto orgulho que meu peito aperta, é a mesma posição que eu jogo. — Eu já vi seus jogos, você é muito bom. — Ele me elogia e eu sorrio.

— Sério? Você acha que eu sou bom?

— É sim, mas não tanto quanto o meu pai, mas ele sempre diz que não podemos parar de treinar. Não é, pai? — Ele vira mais uma vez para olhar o pai e eu acompanho seu olhar. O que vejo quase me derruba.

Parada ao lado do meu irmão, está Erin. Seu cabelo preso me dá a nítida visão do seu rosto. As sardas não são mais evidentes, talvez porque está usando maquiagem? Porém o que me chama mais a atenção é a expressão, o olhar. Caramba, acho que a minha boca está aberta.

Ela me olha assustada, receosa. Da mesma forma que acho que estou olhando para ela agora.

— Sim, para ser sempre o melhor você precisa treinar muito, ter disciplina — responde Luke. — Não é, amor? — Ele puxa Erin para junto dele e beija sua mão, ela apenas olha para ele e concorda com a cabeça.

Meu estômago se contrai vendo os dois juntos. Não sabia o que esperar quando os visse, mas definitivamente a imagem da família feliz não era o que eu desejava ver, ou era? Merda, estou confuso.

Liam vai para a mesa de café e não perde tempo, meu pai está observando atentamente cada passo meu. Será que ele pensa que vou atacar meu irmão de novo? Então, resolvo acabar logo com a sua preocupação e vou cumprimentá-lo.

— É bom ver você também, Luke — digo e ele me abraça. Percebo uma estranha constatação, não sabia que sentia tanta falta de abraçar o meu irmão.

— Senti sua falta. — Aí está a nossa sintonia. Nosso abraço se intensifica.

— Eu também senti. — Nós nos afastamos e eu olho para Erin. Não sabendo exatamente como agir, acabo escolhendo a abordagem mais simples.

— Oi, Erin.

— Oi, Cage — responde no mesmo tom.

— Caramba, Cage! Vocês eram amigos, faz dez anos que não se veem, o momento é digno de, pelo menos, um abraço. — Luke sorri e bate no meu ombro. — Erin não vai quebrar, eu te garanto. — Ele pisca e se afasta para sentar com o filho. Meu pai também está na mesa servindo a todos, e ficamos só nós dois ali, de pé nos encarando.

— Desculpe pela grosseria. — E me aproximo para abraçá-la. Ela aceita mas não diz nada, porém sinto seu corpo inteiro estremecer. Ele se encaixa perfeitamente ao meu, como se fosse feito para estar ali. Sou obrigado a reprimir um suspiro e a vontade louca de enterrar os dedos no seu cabelo, desfazendo esse rabo de cavalo ridículo. Quero tanto senti-los, que dói.

E seu cheiro? Que Deus me ajude, mas o cheiro dela continua igual, um perfume suave de lavanda. Erin cheira igual ao campo, como se estivesse fresca o tempo todo.

— É bom te ver. — É tudo que consigo dizer.

— Senti saudades. — Ela me surpreende ao dizer isso. Sua mão aperta levemente minha cintura, e ao retribuir o gesto, percebo o quanto está magra, mais do que acredito ser o normal.

— Mamãe, posso comer pudim de chocolate? — Ao escutarmos a voz de Liam nos afastamos, Erin sorri para mim e então vai até a mesa. Eu a acompanho.

— Quanto tempo pretende ficar? — pergunta Luke, tomando um gole do seu café.

— Ainda não decidi, mas estou de férias então... — Dou de ombros.

— Podemos jogar todos juntos? Podemos, pai? — pede Liam.

— Claro que podemos.

— Lá em casa? — Seu tom revela o quanto parece ansioso.

— Com certeza. — Meu irmão bagunça o cabelo do filho e ganha um enorme sorriso da criança. Confesso que estou sentindo um pouco de inveja.

— Você ainda joga? — pergunto ao Luke.

— Só treino com Liam, o hospital toma praticamente todo o meu tempo.

— E você, Erin? Está trabalhando em alguma escola? — Ela olha para

NACIONAIS-ACHERON

Luke antes de responder.

— Não, eu não estou trabalhando.

— Erin preferiu ficar em casa e cuidar do Liam, você precisa ver como ela é uma mãe superprotetora — comenta e dá um beijo no rosto dela.

— Que bom, a família sempre em primeiro lugar. — As palavras saem da minha boca com um gosto amargo.

Quem é essa mulher que está na minha frente? Onde está a pessoa decidida que tinha o sonho de ser professora? Ela simplesmente morreu para dar lugar a uma mãe e dona de casa?

— Liam nasceu numa época complicada, Luke ainda estava na faculdade, então não podíamos pagar uma babá, a melhor opção era ficar em casa e cuidar do meu filho — Erin fala como se tivesse adivinhado os meus pensamentos. O que me deixa incomodado porque quando estávamos juntos, tínhamos essa conexão, bastava apenas um único olhar e já sabíamos o que o outro estava pensando ou sentindo. Mas essa conexão tinha morrido, eu tenho certeza de que agora não passou de coincidência.

— Não foi por falta de dinheiro porque eu cansei de oferecer — resmunga meu pai.

— Já morávamos aqui, pai, não seria justo que o senhor também bancasse as despesas do nosso filho — explica Luke sem parecer chateado, seu semblante demonstra orgulhoso.

— Bem, o que importa é que Liam vem em primeiro lugar — comenta Erin e sorri para o filho.

O telefone de Luke toca e interrompe nossa conversa, ele pede licença e atende ali mesmo.

— Tudo bem, já estou indo — diz e termina a ligação. — Preciso ir, houve um acidente grande na rodovia e estão levando os feridos para o hospital. — Ele levanta e Erin faz o mesmo.

— Tenho que ir direto, não vou poder levar vocês em casa. — Seu olhar desliza por todos na mesa, até parar em mim. — Você pode levá-los para casa? Eu realmente preciso correr. — Sua pergunta me pega de surpresa, mas não mais do que a minha resposta.

NACIONAIS-ACHERON

— Claro.

— Obrigado. — Então ele segura o rosto de Erin e a beija, profundamente. Sem qualquer reserva.

— Eca, pai!! — Liam faz cara de nojo.

— Eu te amo — diz para ela, que sorri timidamente. — Eu amo você também, campeão. — Ele aponta para o filho. — Vejo vocês mais tarde. — Ele a beija de novo e ela volta para a mesa. Eu me levanto para acompanhá-lo até a porta.

— Leve minha família em segurança, ok?

— Não se preocupe.

— A gente se vê depois, irmão. — Ele me abraça.

— A gente se vê. — Enquanto ele vai embora, eu observo ele abrir a porta do carro mas antes de entrar, ele me olha mais uma vez, e eu não consigo decifrar o que se passa em seus olhos por causa dos óculos escuros, mas algo na sua postura me deixa inquieto.

Fecho a porta e volto para a cozinha, para a companhia da mulher que me assombra todas as noites e da criança que deveria ser minha.

Porra, eles deveriam ser a *minha* família.

Erin

Observo meu marido ir embora, Cage o acompanha até a porta e eu continuo na mesa fazendo tudo o que posso para não ter um colapso na frente de todos.

Luke, Liam e Cage, todos eles juntos. Passado, presente e futuro rindo na minha cara. Eu estava machucada, confusa, irritada e, surpreendentemente, feliz. Não a ponto de sorrir como uma boba, ou algo do tipo, porém uma pequena felicidade, uma gota no meio do oceano de sentimentos forjados que tomavam conta da minha vida.

Ver Cage assim tão próximo, tocá-lo e não sentir que seu corpo me repelia e sim que me atraía, como se tivesse sido criado para estar ali e em mais nenhum outro lugar. Isso me fez voltar no tempo por alguns segundos, e tirando os momentos com Liam, esses foram os melhores segundos que tive nos últimos dez anos.

— Erin? Está tudo bem? — A voz dele me traz de volta a realidade, olho na cozinha e percebo que estamos sozinhos.

— Cadê o Liam? — pergunto, confusa.

— Saiu com o meu pai, eles se despediram, você não ouviu? — Ele me encara curioso.

— Devo ter me perdido um pouco em meus pensamentos — confesso envergonhada.

— Acho que entendo você. — Ele estende os braços e abre as mãos, um convite para tocá-lo.

Olho em suas mãos estendidas por alguns segundos antes de aceitar a oferta. Observo as minhas minúsculas contra as dele enquanto noto que ele não pressiona, ou pede por mais, apenas aceita o toque. Cage permite que a minha mão fique sobre a dele, e não fazemos mais que isso.

— Você acha isso tão estranho quanto eu estou achando? — pergunta.

— Talvez... Essa casa, a cozinha, e nós dois aqui juntos. — Prendo a

respiração. — Eu não sei o que pensar, Cage.

— Eu gostaria de parar de pensar, Erin. Minha cabeça está dando voltas demais desde que a vi. — Ele ajeita as mãos e entrelaça nossos dedos. Sinto minha mão começar a tremer. — Queria perguntar muitas coisas nesse momento, mas primeiro preciso saber como você está.

Solto suas mãos e levanto abruptamente, como se tivesse levado um choque. Esfrego os braços e pescoço. Será que alguma marca está aparecendo? Será que ele viu?

— Preciso ir. — Saio da cozinha e escuto ele se levantando, o arrastar da cadeira seguido por passos pesados. — Liam? Onde você está? — Subo as escadas, pulando os degraus. — Liam? — Começo a abrir as portas, uma a uma, até sentir uma mão me impedir de abrir a próxima.

— Ele não está aqui, Erin — Cage diz, segurando a minha mão, fico parada com a mão na maçaneta de um quarto. Dou um passo atrás e esbarro em seu corpo. Olho para a porta e me dou conta de onde estou.

É o quarto dele, é onde me pegou na cama com o irmão. No lugar onde eu estraguei tudo.

— Preciso ir embora — digo, mas não me mexo.

— Eu sei. — Cage também não se move, estamos ambos olhando para a porta, sua mão continua sobre a minha. — Liam não está aqui, Erin, eu já falei, ele saiu com o meu pai.

— Tenho que ir para casa, Cage.

— Posso te levar agora, ou se preferir, pode esperar seu filho chegar. Você escolhe.

Eu escolho? penso. A única coisa que fiz nos últimos anos foram escolhas erradas, e dessa vez, não faço diferente.

— Leve-me para casa. — Ele solta uma respiração profunda e ergue sua mão da minha, e se afasta de mim, e eu instantaneamente sinto a falta do calor de seu corpo.

— Como quiser. — Ouço seus passos descendo as escadas. Eu permaneço congelada no lugar, parada na frente do seu antigo quarto, com a cabeça cheia de perguntas, dúvidas, e arrependimentos, mas com a certeza

NACIONAIS-ACHERON

absoluta de que não vou querer ouvir as respostas ou qualquer comentário sobre nada disso.

Demoro um pouco para me recompor, então vou até o antigo quarto do Luke para usar o banheiro. Jogo um pouco de água no rosto, e infelizmente, o aspecto “bonito” é lavado com a água, deixando para trás a imagem da tristeza e confusão. Começo a descer as escadas e não me surpreendo ao vê-lo esperando por mim. Com as chaves do carro na mão, ele sorri enquanto me observa descendo as escadas.

O mesmo sorriso que sempre me recebia quando eu descia por essas escadas, um sorriso caloroso que era seguido de um abraço apertado e um beijo delicioso.

Não percebo como cheguei a ele, mas agora, estou frente a frente, olhando diretamente em seus olhos.

— Suas sardas estão de volta. — Ele passa o dedo no meu nariz.

— Precisei lavar o rosto, e não tenho maquiagem aqui para retocar — comento sem jeito.

— Você nunca precisou de nada no rosto, Erin, é linda sem precisar fazer esforço.

— Sempre soube como me deixar sem graça, não é? — pergunto, sorrindo.

— E você já deveria estar acostumada a receber elogios — responde e pega minha mão. — Pronta? — Poderia responder que não, que não queria ir para casa, que só gostaria de abraçá-lo e nunca mais soltar.

— Pronta. — É o que sai da minha boca.

Cage sorri e saímos da casa. O carro do seu pai está estacionado na frente, nos esperando. Espero enquanto ele abre a porta para mim, entro e coloco o cinto. Ele não demora a dar partida e logo sai com o carro.

— Como é o Liam? — pergunta Cage, e eu sorrio, esse é um assunto que posso falar por horas.

— Liam é esperto, impulsivo, mas tem um coração enorme. Adora futebol, é como uma estrela aqui.

— Isso é bom. — Ele me olha rapidamente e sorri.

— Talvez, mas ainda é muito novo para carregar esse peso, então estamos sempre atentos.

— Não é fácil viver sob os holofotes — diz com conhecimento de causa.

— Acredito que não, a cada jogo Liam fica mais popular, Luke e eu tentamos manter o restante da rotina dele longe dos olhares curiosos. Mas ele ama a atenção. Ele se parece muito com o...

— Com o pai?! — Sua pergunta soa como uma constatação.

— Sim, com o pai — respondo olhando para a rua, ele para num sinal vermelho e sinto seu olhar em mim.

— Seu filho é um garoto maravilhoso, Erin. Você e Luke fizeram um bom trabalho com ele. — Meu coração aquece com suas palavras. Tantos anos me dedicando somente a ele, ouvir isso é gratificante demais.

— Obrigada, Cage, suas palavras significam mais do que pode imaginar.

— Talvez eu imagine, Erin. Talvez as tenha dito por isso. — Engulo em seco e o sinal abre. Cage volta sua atenção para a rua.

Vou orientando o caminho até em casa, com ele prometendo levar Liam de volta assim que voltar do passeio com o avô. Quando estaciona o carro, Cage não olha ao redor curioso, ele está olhando diretamente para mim.

— Obrigada pela carona — agradeço.

— Sempre que precisar. — Desafivelo o cinto e quando giro o corpo para abrir a porta, suas palavras me param.

— Pensei que seria mais fácil olhar para você. — Não consigo ignorar seu tom melancólico. — Depois de tantos anos, e ainda estou confuso, sem saber como devo te olhar, Erin.

— Como deve olhar para mim? — O que ele quer dizer com isso? Um frio se instala no estômago, será que estou tão ruim assim? Meu Deus, Luke deve estar certo, talvez eu me pareça mesmo com um rato perto das modelos que estão sempre acompanhando Cage.

— Não sei se te olho com o respeito que uma cunhada merece, já que você é a minha. — Ele olha minha casa rapidamente antes de voltar o olhar

para mim. — Ou se te olho como há onze anos.

— C-como? Como é que me olhava há onze anos? — Meus dedos trêmulos tocam a maçaneta do carro, estou pronta para sair, mas parece que gosto de sofrer porque não quero sair antes de ouvir sua resposta.

— Como se você fosse o meu mundo, a minha vida. Como se respirar melhor dependesse do seu sorriso. — Ele toca meu rosto, e eu fecho os olhos. — É melhor você entrar, Erin.

Abro os olhos e o que vejo me deixa sem palavras. Seus olhos carregam tanta tristeza, um mar de dor.

— Sinto muito.

É o que consigo dizer antes de sair correndo em direção a porta da frente, com coração tão acelerado e as mãos tremendo que quase não consigo pegar a chave reserva que costumamos esconder no vaso ao lado da porta. Quando consigo finalmente abrir a porta, volto a olhar para rua e já não o vejo mais.

Cage foi embora, e suas palavras cheias de promessas não ditas carregadas de dor e saudade, me sufocam. Fecho a porta, e me inclino contra ela. Eu mal aguento o peso do meu corpo e deslizo até acabar sentada no chão. Agora já não sou mais capaz de me controlar e deixo as lágrimas tomarem conta do meu rosto.

— O que foi que eu fiz? — sussurro, antes de irromper em soluços.

Luke

Há mágoa, dor e saudade.

E mais mágoa.

Há ressentimento, ódio e palavras não ditas.

E mais ódio.

Haviam dois irmãos gêmeos, melhores amigos e inseparáveis.

Não há mais nada.

Havia uma menina, sentada num banco, e no escuro. Olhando para o vazio e isso me chamou a atenção. Com as mãos entrelaçadas no colo, a saia abaixo do joelho e a blusa de mangas ressaltavam claramente que ela estava no lugar errado.

Não me contive. Segurei a sua mão, levei-a para casa e acalmei seus medos. Mostrei a ela que a felicidade existe.

Então, ela me destruiu.

E nada de bom saiu dos destroços.

Os destroços escondem o lixo, os restos de tudo que não se quer mais.

Eu queria provar que ela me aceitaria. Mesmo quebrado, mesmo sendo o resto dos destroços.

Ela iria me aceitar.

Mas a menina não me aceitou.

Porém, aquilo que uma vez acordado, não quer mais voltar a dormir.

Há algo quebrado, que jamais terá o mesmo valor.

Já não almejava aceitação, eu desejava o seu amor. E não ia me contentar com menos.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Erin

Levo um tempo para me recuperar, ainda estou sentada no chão, sendo ancorada pela porta quando meu telefone vibra, pego-o vendo que é Luke ligando. Respiro fundo controlando a respiração, e antes que eu atenda, o toque para.

Droga, isso não é nada bom. Quando o telefone começa a tocar de novo, já estou de pé e atendo no terceiro toque.

— Achei que estava me ignorando — diz sarcasticamente.

— Desculpe, estava preparando o almoço e precisei lavar as mãos — minto.

— Já está em casa? — Seu tom é despreocupado.

— Sim, Liam saiu com seu pai e eu vim para casa. — Vou até a cozinha e abro a geladeira procurando algo para fazer.

— Tudo bem, o dia aqui será longo, então assim que tiver uma pausa, eu ligo novamente. — Ele não toca no nome do irmão.

— Certo, acha que vem para o jantar?

— Provavelmente, mas se não der tempo, você pode deixar no forno que eu me viro quando chegar.

— Tudo bem.

— E, Erin?

— Sim?

— Eu te amo. — Suspiro.

— Eu também. — Dou a resposta de sempre.

— Você o quê? — indaga, me surpreendendo.

— Não entendi. — Meus batimentos aceleram.

— Eu disse que te amo e você respondeu: eu também. Minha pergunta, Erin, é: você também o quê? — Tento formar as palavras na minha mente,

forçá-las para fora. Demoro alguns segundos para finalmente responder a sua pergunta.

— Eu também amo você, Luke.

— Até mais tarde. — Ele desliga o telefone, me deixando com a nítida sensação de que estava sorrindo.

Coloco o celular na bancada e vou para o quarto, preciso de um banho e pensar nessa manhã confusa. Mas o mais importante é: descobrir como vou agir até que Cage volte para Nova Iorque.

Depois de terminar meu banho, passo um creme nos hematomas. Fazia muito tempo que precisei usá-lo, porém a lembrança da primeira vez sempre vinha na minha mente, com força total.

— *Você está linda nesse vestido. — Ele segurou minha mão e me fez girar.*

— *De jeito nenhum, Luke. Estou enorme — respondi, sorrindo.*

— *Você está grávida, Erin. E, não, não está enorme. Está tão linda quanto da primeira vez.*

— *Não me contou sobre o que iremos comemorar. — Ele me puxou e sorriu quando a barriga de cinco meses impediu um contato mais próximo.*

— *Bem, vamos comemorar a nossa menina que está cada dia mais linda e forte. — Ele beijou minha barriga. — E, vamos comemorar meu emprego no hospital. — Luke me encarou, sorrindo de orelha a orelha, e eu fiquei tão feliz que beijei seus lábios, o que acabou assustando-o um pouco pela súbita demonstração de afeto.*

— *Você mereceu, trabalhou tanto, Luke, lutou por isso com unhas e dentes.*

— *Vamos conseguir nos mudar daqui, e você poderá escolher a casa, além de podermos contratar alguém para te ajudar com as crianças. — Ele ajustou meu cabelo atrás da orelha.*

— *Tem certeza? Quero dizer, vamos mesmo poder fazer tudo isso? — Estava em êxtase com a notícia, Luke vinha trabalhando duro para termos*

condições de sair da casa do seu pai, e agora com ele formado, parece que finalmente conseguiu o emprego dos seus sonhos.

— Sim, Erin. Seremos capazes de termos nosso tão esperado lar, doce lar. Meu salário é bastante surpreendente, e também farei plantões, o que vai garantir uma boa folga.

— Ai, meu Deus, não consigo nem acreditar. Não que esteja reclamando ou que não goste do seu pai, mas vamos poder ter nosso espaço e viver a nossa vida.

— Exatamente, e seremos ainda mais felizes.

— Mãe? — A voz de Liam me traz de volta das minhas lembranças, saio rapidamente do *closet* vestindo um suéter de mangas compridas, e o encontro sentado na cama.

— Oi, desculpe, meu bem, mamãe não te ouviu chegar. — Beijo sua cabeça. — Seu avô ainda está aqui?

— Não, foi o tio Cage que me trouxe.

— Ele está lá em baixo? — pergunto, receosa.

— Não desceu do carro, só esperou que eu entrasse. Ele é bem legal, não é, mãe?

— É sim, meu amor. — Sento ao seu lado.

— Achei tão engraçado.

— O que é tão engraçado?

— Ele e o papai juntos. Sempre via ele na TV, mas ver os dois juntos, é diferente.

— Sim, é diferente.

— Você nunca confundiu eles? — Penso um pouco antes de responder.

— Não, Liam, nunca confundi eles.

— Irado — responde. — Eu queria ter um irmão gêmeo.

— Bem, você vai ter que se contentar em ser único. — Bagunço seu

cabelo.

— Eu disse ao tio Cage que eu queria muito um irmão gêmeo, e que quase tive uma irmãzinha. — Meu peito aperta, é sempre doloroso lembrar, até mesmo Liam fica bastante triste.

— E o que foi que ele disse? — Fico curiosa.

— Que eu não deveria ficar triste, que ser gêmeo, às vezes, é um saco, e perguntou o que aconteceu com a minha irmã. Ele não sabia, mãe?

— Não meu amor, ele não sabia. — *Assim como não sabe de muita coisa*, penso.

— Disse que a minha irmã está com os anjos agora.

— Sim, com certeza ela está com os anjos. — Abraço ele bem apertado, desejando mantê-lo sempre assim, nos meus braços. Protegido.

— Você está me esmagando, mãe. — Ele sorri.

— Desculpe. Venha me ajudar com o almoço, tá bom? — Levanto e pego sua mão.

— Ah, mãe!!! — resmunga. — Eu queria jogar videogame.

— Só depois que me ajudar, mocinho. Regras são regras, lembre-se do que o seu pai disse. — Quando estiver em casa, você tem que ajudar sua mãe. — repetimos juntos, sorrindo.

— Vem, prometo fazer algo bem gostoso.

Liam me ajuda com o almoço, e passa a maior parte do tempo fazendo perguntas sobre o tio, respondo o máximo que posso com base no tempo em que éramos adolescentes, afinal de contas, são quase onze anos sem trocar uma palavra com Cage. Eu fico um pouco surpresa porque ele sempre soube do tio, mas nunca teve a curiosidade tão aguçada. Talvez, tê-lo por perto tenha despertado algo nele.

O restante do dia transcorre tranquilamente, e quando estou assistindo a uma série na TV com Liam, meu celular toca, e sorrio quando vejo o visor. Libby, até que ela demorou a ligar.

— Oi, Libby. — Levanto do sofá e vou para a cozinha pegar água.

— Como você está? — Ela está nitidamente preocupada.

NACIONAIS-ACHERON

— Estou bem, Libby. — Tento tranquilizá-la.

— Cage está aqui. — Ela não faz rodeios.

— Já sei, tomamos café da manhã juntos.

— Tomaram? Você dois? — Sorrio.

— Não, Libby. Estava com Luke e Liam e ele estava na casa do pai. Estávamos todos juntos.

— Meu coração quase saiu pela boca quando Daniel contou que ele já estava na cidade e você me conta que tomaram café da manhã juntos, assim? Como se fosse a coisa mais banal do seu dia?

— Já te disse, Libby, estou bem.

— Ah, querida, eu conheço você melhor do que pensa. O que está me escondendo? — Sento na cadeira e coloco o copo na mesa, suspiro antes de responder.

— Certo, foi um pouco estranho, confesso, mas entre mortos e feridos salvaram-se todos. Já se passaram mais de dez anos, Libby, o que aconteceu ficou no passado.

— Estou orgulhosa de você, Erin, sei como ficou arrasada quando ele foi embora, e sei de toda barra que teve de enfrentar. Você é uma guerreira, sabe disso, não é? — Seu apoio me conforta, Libby presenciou em primeira mão a desgraça que recaiu sobre a minha vida naquele momento.

— Sei, Libby, obrigada por sempre estar ao meu lado.

— Posso jamais entender o que aconteceu, mas nunca vou te julgar. Ninguém manda no coração, não é? Quem poderia imaginar que você era apaixonada pelo Luke.

— É, quem poderia. — Olho para Liam no sofá, todo concentrado na TV. — Obrigada por tudo, Libby, de verdade, e não se preocupe porque estamos todos bem — minto, se havia algo que não estava bem, era eu, com toda essa situação.

— Fico feliz em saber disso, onde está o Luke?

— Trabalhando, houve uma emergência e ele foi chamado.

— Ah, verdade, Daniel mencionou mesmo que um acidente aconteceu. Bem, vou indo, me ligue se precisar de algo, combinado?

— Liguei, obrigada.

— Somos amigas, Erin, não me agradeça por me preocupar com você.

Desligo o telefone e encaro o celular por alguns instantes, Libby sempre esteve comigo durante todos esses anos, ela foi a primeira pessoa para quem contei que estava grávida e a primeira a surtar quando soube que o filho era do Luke.

Na época, a cidade inteira virou um verdadeiro pandemônio. Pessoas passavam na rua cochichando coisas que eu jamais teria coragem de repetir em voz alta. Muitos diziam que eu transava com os dois irmãos, que meu filho era uma cria do demônio. Minha nossa, eram todos loucos.

E quando Liam nasceu, finalmente, parei de me torturar com o que diziam. Vendo Luke o segurar pela primeira vez e seu sorriso de admiração, eu tive a certeza de que ficaríamos bem.

Infelizmente, outra vez, meu felizes para sempre não durou por muito tempo.

— Mãe? Você não vem? — grita Liam da sala e eu deixo de lado todos os pensamentos e tormentos. Comer pipoca com meu filho no sofá é a minha prioridade agora.

Cage

Depois de deixar Liam em casa, e de ter sido bombardeado por informações, resolvo não ir para casa. Minha cabeça está cheia, revirando com as memórias, pensando em tudo que não me permiti saber durante esses anos todos.

Quando fui embora, a única coisa que tinha em mente era esquecer. Esquecer a cidade, Erin, meu irmão. Esquecer tudo. Eu quase consegui.

Meu pai estava proibido de me contar qualquer coisa a respeito deles, porém uma vez, uma única vez resolvi voltar porque me sentia consumido pela necessidade de conversar com ela. Essa necessidade morreu quando eu a via junto com o Luke, ele estava sorrindo com Liam ainda bebê, em seus braços.

Eles estavam felizes. E isso foi mais que o suficiente para que eu enterrasse tudo o que sentia por ela. Ou, pelo menos, tinha acreditado nisso.

A pior parte de hoje não foi vê-la, mas sim, tocá-la. Sentir que o corpo dela ainda se encaixava ao meu com perfeição, saber que nem seu cheiro havia mudado. O corpo, rosto, nada disso se comparava ao cheiro e o que ele fazia comigo.

Porra, ela era como o anjo e o diabo, embalados num único pacote.

Foi só quando Liam me contou sobre a irmã que me dei conta de tudo que acabei perdendo por estar ausente. A minha garota perdeu um bebê, uma vida. Eu tinha certeza de que ela ficou devastada, e quem segurou a sua mão naquele momento terrível não tinha sido eu.

— Inferno! — Soco o volante. — Sua cunhada, Cage, ela é sua cunhada — repito, incansavelmente, enquanto aguardo o sinal abrir.

Talvez, se eu repetir muitas vezes pelo resto da minha vida, possa me convencer disso.

E quanto a Luke? Foi confuso e reconfortante ao mesmo tempo. Como se esses anos não tivessem passado, como se nesse tempo todo nós nunca

tivéssemos deixado de conversar. Pego o celular e ligo para Daniel, meu amigo, o cara que me ajudou quando eu estava completamente perdido.

— A menina. — É a primeira coisa que solto assim que ele atende, colocando no viva voz e abaixando o celular no banco do passageiro.

— Que menina? — Ele suspira, ele sabe muito bem do que estou falando.

— Porque você nunca mencionou que eles perderam um bebê?

— Você não estava numa época muito boa para receber esse tipo de informação, Cage, lembra-se? Isso tem uns cinco anos, acho.

— Eu te pedi para me manter atualizado — rosno.

— Não, você me pediu para saber se ela estava bem, só isso. Nunca quis saber detalhes, Cage. Não me acuse de algo que deixou bem claro antes. — Respiro fundo. Ele tem razão, por mais que quisesse esquecer, não podia negar que Daniel era meu elo de ligação, um elo que ninguém sabia.

Foi ele quem me levou embora depois que eu a vi com Luke e Liam, ele me ajudou a passar pela fase mais difícil da minha carreira, quando quase deixei tudo ir por água abaixo. Tentando esquecer tudo. Nem mesmo sua esposa sabia disso.

— Não acredito que ela ficou bem depois de perder a criança.

— Cage, você já deve imaginar que foi uma fase bastante difícil. Libby acredita que Erin jamais superou o que aconteceu. Seu irmão também, ele se fechou completamente depois disso. Eles se isolaram em um mundo só deles.

— Como foi que aconteceu tudo? — pergunto, Liam comentou que a irmã tinha morrido antes de nascer e mais nada.

— Um acidente, fazia pouco tempo que eles haviam se mudado para a casa nova, Erin ainda não estava acostumada com a escada, ela escorregou. — *Droga!* Bato no volante de novo. — Que barulho foi esse? — pergunta Daniel.

— Nada, continue. — Faço uma curva indo em direção a um bar.

— Certo, ela caiu quando Luke havia saído para comprar alguma coisa, ao voltar para casa ele a encontrou desacordada. A criança chegou a ser

retirada e... Porra, cara, tem certeza de que você quer saber os detalhes?

— Daniel... — ameaço.

— Tudo bem, tudo bem. Erin se machucou severamente, o tombo foi muito feio. Pelo estado que ela foi encontrada me parece que caiu do topo. O rosto estava cheio de hematomas, ela ficou em coma alguns dias. A criança foi levada à UTI Neonatal, e Luke não saía do lado dela. Ele ficou devastado quando a filha não resistiu. Ele estava lá, Cage, ele a viu dar seu último suspiro.

— Merda! Porque ninguém me contou?

— Você também estava lutando contra os seus demônios, meu amigo, não tinha nada que pudesse ser feito, sinto muito.

— Eu me sinto um idiota por não ter estado com ele quando mais precisou. Porra, Daniel, eu quase matei meu irmão, o mínimo que eu poderia fazer era estar aqui ao lado dele, dando meu apoio.

— Presta atenção, Cage, ninguém pode mudar o passado, Luke e Erin conseguiram seguir em frente, você também precisa fazer isso. Supere o que aconteceu e viva sua vida, meu amigo.

— Não é tão simples assim. — Daniel sempre me aconselha com as mesmas palavras, acontece que meu cérebro escuta, mas o coração, não. Ele sempre teve uma dona, e está se provando uma missão impossível fazer ele entender que é hora de deixá-la para trás.

— Certo. Um passo de cada vez então. Você está indo para o bar? Aquele que te passei o endereço?

— Estou, na verdade acabei de estacionar o carro aqui na frente.

— Daqui dez minutos chego aí.

— Sua esposa te deu um alvará de soltura?! — brinco com ele.

— Nem me lembre, ultimamente as coisas em casa não andam muito bem. — Ele suspira.

— E quando é que andaram? — pergunto. Libby e Daniel namoram desde o colegial, ela engravidou praticamente na mesma época da Erin e me lembro de Daniel ter ficado apavorado. Fico imaginando que se na época que

namoravam, eles já brigavam feito cão e gato, só posso imaginar como deve ser agora no casamento.

— Tem razão, por isso eu preciso de uma bebida.

— Vai beber no meio do expediente? — Saio do carro e aciono o alarme.

— Em algum lugar do mundo alguém está desligando o computador e indo pra casa.

— Boa observação, vou pedir sua bebida.

Desligo o telefone e entro no bar. O lugar é novo e cheio de estilo, e como ainda não é hora do almoço, está vazio. Há apenas uma mulher atrás do bar. Quando ela me vê, sorri.

Ótimo, ela vai me confundir com Luke.

— Ora, ora, se não é o mais famoso dos irmãos Nolan. — Franzo o cenho.

— Você me conhece?

— Quem não conhece Cage Nolan? — Sorrio.

— Como sabe que sou eu?

— Seu irmão raramente vem aqui, e quando vem, nunca é vestido com roupas iguais as suas. — Ela aponta para o meu corpo. Ainda usava a *jersey* dos *Jets*, mas tinha trocado a calça de moletom por jeans.

— Você realmente presta atenção nas coisas. — Sento no banco.

— Quando você trabalha tanto tempo em lugares assim — Ela gira o dedo mostrando o bar. —, aprendemos uma coisa ou outra.

— Bom, o meu nome você já sabe, então qual é o seu?

— Sarah. — Ela estende a mão e eu a cumprimento. — O que vai querer, Cage?

— O que tiver de mais forte.

— Uau, bebida para apagar problema, entendido. — Ela vira e vai pegar a bebida.

Observo seus movimentos. O jeans justo marca seu corpo, não muito diferente da camisa com a logo do bar colada aos seios. Ela é bem sexy, e

NACIONAIS-ACHERON

provavelmente uns quinze anos mais velha do que eu.

Bem, idade nunca foi problema, certo?

Começo a sorrir quando vejo a escolha da bebida. Uma dose dupla de uísque, puro e sem gelo.

— Você não brinca mesmo em serviço, não é? — digo enquanto guarda a garrafa na prateleira atrás dela.

— Se está querendo esquecer, pode confiar em mim, depois de um pouco desse néctar dourado garanto que não vai saber nem qual é o seu nome.

— Por mim, está perfeito.

— E, eu não sei disso?! — Ela pisca, me entrega a bebida e sai.

— Saúde. — Brindo comigo mesmo antes de tomar um gole.

— Nossa, que fossa é essa? — A voz de Daniel me assusta.

— Cacete! Você tem que ser tão sorrateiro? — Quase deixo o copo escorregar da minha mão.

— Como acha que chego em casa no meio da noite? — Ele senta ao meu lado e chama Sarah.

— Sua mulher vai acabar te matando qualquer hora dessas.

— Acredito que ela já esteja arquitetando algum plano sórdido. Oi, Sarah.

— O que vai querer, Daniel? — pergunta ela.

— O mesmo que o dele. — Ele aponta para o meu copo, já vazio.

— Não vou precisar cuidar de dois bêbados hoje, não é?

— Qual é, Sarah, dá um desconto, estou aqui com meu amigo. — Ele dá um tapa pra lá de forte nas minhas costas. Abusado como sempre.

Ela dá de ombros e vai preparar mais doses, depois de servir nossas bebidas, a gente levanta e segue para uma mesa. Lá poderemos conversar com mais privacidade.

— Olha, Cage, eu quero te pedir desculpas.

— Pedir desculpas do quê?

— Por não ter contado sobre o bebê. — Ele parece arrependido. — Mas, cara, tem que me entender, eu não queria jogar mais merda em cima de você.

— Eu sei, Daniel, não se preocupe.

— Como eu disse eles estão bem, mais afastados de todos, mas estão seguindo em frente.

— Ela está diferente.

— Você a viu? — pergunta ele.

— Sim, Luke e ela foram lá em casa hoje cedo, trouxeram Liam com eles.

— Puta merda. Vocês não se socaram, não é? — Ele observa meu rosto.

— Não, nada disso. Quase invejei a postura do meu irmão, eu pensei que não ia conseguir suportar aquela tensão toda.

— Não queria estar na sua pele.

— Eu nunca tive tanto autocontrole na vida, pode ter certeza disso. Mas, como disse antes, ela está diferente.

— Erin passou por muita coisa nos últimos anos, Cage, é natural que ela tenha mudado.

— Não, não fisicamente, sabe? Tem algo no olhar dela, ou melhor, falta algo ali. Não tive muito tempo para observar, estava confuso demais com a presença dela, mas agora que me contou sobre o bebê que eles perderam, tudo faz sentido.

— Como assim? Tudo o quê?

— O vazio nos olhos dela, Daniel. Não era a minha Erin ali, não havia nada dela naqueles olhos, é como se eu estivesse olhando para uma estranha.

— Droga, Cage. — Ele passa mão na cabeça.

— O que foi?

— Ela não é mais a *sua* Erin, cara. Esquece isso.

— Bem, boa sorte em tentar me convencer do contrário.

— Você só pode estar de brincadeira comigo.

— Eu queria estar, Daniel. Era o que eu mais queria.

Meu amigo fica me encarando totalmente estupefato. Eu não menti porque sinto em cada parte do meu corpo que aquela mulher é minha. Sempre foi. E agora que estou perto dela outra vez, a única coisa que meu corpo anseia é o dela.

Tão próximo quanto possível.

Minha cunhada! Eu estou tentando, meu irmão, estou tentando com todas as forças superar isso. As palavras me vêm à cabeça.

Erin

Abro os olhos e a sala está escura, a TV desligada e Liam não está mais no sofá. Um cobertor foi colocado sobre o meu corpo me mantendo aquecida. Logo penso em Liam, ele deve ter ido para o quarto e trouxe o cobertor, porém logo percebo meu equívoco quando levanto e quase esbarro em Luke.

— Meu Deus, Luke! — Coloco a mão no peito tentando acalmar meu coração. — Você me assustou. — Respiro fundo.

— Desculpa, não foi minha intenção. — Ele se aproxima e senta ao meu lado, meu corpo instintivamente se retrai.

— Vou deitar, passamos a tarde vendo filme e acho que peguei no sono. — Começo a me levantar, mas ele me impede.

— Sim, quando cheguei Liam acabou acordando com o barulho, e então me contou que passaram a tarde juntos e depois acabaram dormindo no sofá.

— Precisa de alguma coisa? — Alongo meu corpo. Vejo quando seus olhos pousam na minha barriga, a blusa que estou vestindo subiu deixando pele à mostra.

— Ainda está com dor? — Abaixo os braços e ele volta seus olhos para os meus.

— Sim — minto.

— Tudo bem. Venha, vamos subir, também tive um dia cheio. — Ele estende a mão e me ajuda a levantar.

Juntos, subimos para o quarto. Luke está silencioso, o que não é normal, geralmente ele conta sobre o seu dia no hospital. Esse silêncio não é nada bom.

— Como foi seu dia? — pergunta enquanto começa a se despir.

— Tudo bem. Liam me ajudou com o almoço, depois ficamos assistindo filmes. — Pego minha camisola e vou até o banheiro. — E você? O acidente foi muito grave?

— Tivemos alguns problemas, mas nada que não pudesse ser

NACIONAIS-ACHERON

contornado. — Ele entra no banheiro.

Luke está usando apenas uma boxer, seu corpo é todo definido por músculos firmes. O abdômen é como se tivesse sido esculpido, uma verdadeira obra de arte dos deuses impossível de não olhar. Quando vi Cage sem roupa pela primeira vez, ainda éramos adolescentes, e mesmo sendo um atleta, não dava para dizer que ele tinha o corpo de um adolescente comum.

Luke e Cage eram incrivelmente parecidos, inclusive nesse quesito. Sou trazida de volta dos meus pensamentos quando noto Luke tirando minha blusa.

— Gostando do que vê? — pergunta maliciosamente. Eu tenho certeza de que enquanto lembrava do Cage, era para Luke que olhava. *Meu Deus, eu realmente perdi a sanidade!*

— Luke, ainda estou com dor. — choramingo quando ele abre o sutiã, e sinto sua mão descer pela extensão da minha barriga, traçando as cicatrizes.

— Prometo que serei bom com você, Erin. Eu quero apenas tocá-la. — Ele tira meu short, as mãos passeiam livres pelas minhas coxas.

Ele me conduz em direção ao boxe, ligando os jatos de água. Depois de testar a temperatura, ele entra comigo e a água escorre entre os nossos corpos.

— Me conta como foi sua carona? — Sem me dar tempo de responder, seu corpo me empurra para de baixo do jato principal do chuveiro. Uma das mãos envolve meu cabelo segurando firme e a água cai diretamente no meu rosto. Então, ele me puxa de volta.

— O que você está fazendo? — Esfrego a mão no rosto para tirar a água. Luke dá um sorriso que faz minha alma gelar, e coloca uma das mãos entre as minhas pernas.

— Molhada. — constata. — Você ficou excitada enquanto eu me despia?

— Sim! — Não era exatamente uma mentira.

— E quanto a minha outra pergunta? — Engulo em seco.

— Seu irmão só me deixou em casa, apenas isso.

— Ele tocou em você?

— O quê? — Sua pergunta me assusta, mas não tenho tempo de pensar,

ele segura minhas mãos atrás das costas e sou colocada de volta para água. Minha cabeça balança em uma tentativa frustrada para respirar mas acabo engasgando. Ele me prende ali por tanto tempo que eu começo a sufocar.

— Vou perguntar mais uma vez, *querida*. ELE. TOCOU. EM. VOCÊ?
— Luke de novo não espera minha resposta, e me empurra novamente de baixo da água. Tento lutar para conseguir respirar, mas o esforço é em vão porque me soltar do seu aperto é impossível. Quando meu corpo todo começa a tremer, ele entra comigo, colando sua boca na minha.

Meu corpo reage, tentando afastá-lo, e ele morde meu lábio quando nota minha rejeição, ao mesmo tempo em que empurra meu corpo até minhas costas baterem na parede de azulejo.

— Esqueceu do que sou capaz? — E raspa as unhas pelas cicatrizes, num lembrete cruel do monstro que ele é.

— Não aconteceu nada! — ofego.

— Tem certeza? — Ele me encurrala, lançando todo seu peso em mim, bloqueando qualquer movimento meu. — Você sabe muito bem que posso tirar cada vestígio das mãos dele do seu corpo, não sabe? — rosna no meu ouvido. — E ver cada um deles escorrer pelo ralo. — continua sua ameaça antes de morder com tudo o lóbulo da orelha.

— Ele não me tocou. — Luke estuda meus olhos, buscando algum vestígio de mentira. Mas não estou mentindo, Cage não me tocou, pelo menos, não do jeito que a sua mente doente está insinuando.

— Boa menina. Agora abra as pernas, querida. — Ele se afasta, me dando um pouco de espaço, em seguida desliga a água.

— Luke, ainda não estou bem. — Dou um passo para frente, rezando para que ele me entenda.

— Sou eu quem decide quando você está ou não bem. E, querida, nós dois sabemos que está longe disso. — concordo com a cabeça porque ele tem razão, sei exatamente o que é estar pior do que isso. — Vire-se, e abra as pernas. Não me faça repetir.

Giro meu corpo colocando as mãos na parede. Sinto seus beijos na minha nuca, sua mão traçando um caminho que ele sabe que eu não gosto, meu

corpo não relaxa. A cada toque das mãos dele, lembro de como Cage segurou minha mão, a cada respiração dele, vejo o sorriso de Cage enquanto descia a escada.

— Relaxe e torne isso mais fácil, Erin. — diz quando começa a me penetrar por trás.

Não tem como fazer isso mais fácil, não mais. Não com Cage por perto.



Acordo desorientada, o quarto está em total silêncio, e não vejo Luke em lugar algum. O sol entra através da janela, as cortinas estão abertas, e pela intensidade da luz, já deve ser bem tarde.

— Ai! — Solto um grito abafado quando tento me mover.

Meu corpo está dolorido, em todos os lugares possíveis, e não visíveis. Luke não parou no chuveiro. Ele me teve em cada canto do quarto. De todas as maneiras que desejou.

As imagens da noite anterior me causam náuseas. A cada orgasmo que arrancava do meu corpo, eu chorava. A cada grito silencioso, ele sorria. Luke sabia que eu não ia gritar, não com Liam em casa. Ele amava cada maldito segundo daquilo. Cada investida. Cada palavra. Cada gemido de dor ou de prazer.

Ele amava tudo isso.

Maldito doente!

— Mãe? — Freio meus pensamentos quando Liam entra no quarto.

— Oi. — Minha voz sai grossa, quase irreconhecível.

— Nossa, está tudo bem, mãe? Está com uma cara bem ruim. — Ele se aproxima da cama.

— Estou? — pergunto confusa.

— Papai disse que estava doente, vim ver como você estava.

— Onde está seu pai? — Tento organizar minha cabeça confusa. — E porque você não está na escola?

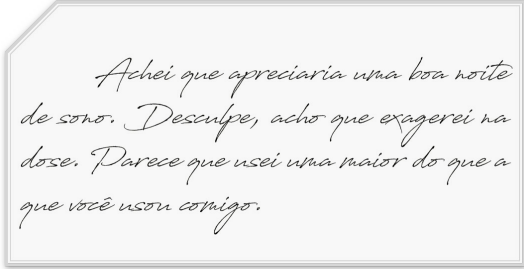
— Ele saiu, e mãe?

— Sim?

— São cinco da tarde.

Pisco várias vezes para assimilar a informação. Cinco da tarde? Por quanto tempo eu dormi?

Olho para o lado e vejo um copo com água, e um bilhete.



Achei que apreciaria uma boa noite de sono. Desculpe, acho que exagerei na dose. Parece que usei uma maior do que a que você usou comigo.

Filho da puta!

Ele me drogou.

Da mesma forma que eu fiz com ele.

Cage

Acordo com meu celular tocando. Dizer que meu encontro com Daniel no bar se estendeu é um, saímos de lá no início da noite. Bêbados não seria a palavra certa para descrever nosso estado, já que não consigo me lembrar de como cheguei em casa.

— Alô? — Sinto a boca tão amarga que meu estômago começa a revirar.

— Cara, a Libby quer chutar a minha bunda e a culpa é sua — resmunga Daniel, sua voz tão ruim quanto a minha.

— Como chegamos em casa? — pergunto, e com muita dificuldade, consigo abrir os olhos. *Merda, por que fui beber tanto assim?*

— Sarah, ela me deixou em casa, depois te deixou. — Não me lembro, mas rapidamente olho em volta para ver se ela está aqui.

E já imaginando o meu maior receio: sem roupa. O que não seria a primeira vez que esse tipo de situação acontece.

— Porra, eu não me lembro de merda nenhuma.

— Que bom, porque *eu* lembro de mais coisas do que gostaria — resmunga outra vez e geme de dor.

— Pare de ser dramático. — Criando coragem, levanto da cama e vou até o banheiro. Abro a porta e alívio me invade. Sem mulher nua aqui. Agradeço internamente.

— Cara só me prometa uma coisa.

— O quê? — Olho meu reflexo no espelho. Caramba, parece que fui atropelado, ou algo assim.

— Nunca beba com seu irmão. Sério, Cage, não seria legal ele ouvir você falando da Erin daquele jeito.

— Não estou entendendo. Do que você está dizendo?

— Estou dizendo, meu amigo, que você e um certo líquido âmbar não combinam, pelo menos não na frente do seu irmão. *Capisce?*

Droga!

— Falei tanta merda assim?

— Pelo menos, ainda existia alguma pequena parte sóbria nesse seu cérebro que fez você calar a boca quando estávamos dentro do carro. — Ele suspira. — Escuta, tenho que ir para o trabalho agora. Tem uma pilha de processos me esperando e não sei se consigo ler uma linha com essa ressaca.

— Cara, foi mal.

— Relaxa, confesso que estava precisando. Menos da ressaca é claro. — E ri antes de soltar mais um gemido de dor.

— Tudo bem, vou tomar banho e ver como está meu pai.

— Certo, nos falamos depois.

— Tá bom.

— E, Cage?

— Hum? — Pego a escova de dentes.

— Não tente fazer o que falou ontem. — Um gemido frustrado me escapa por suas palavras porque não me lembro de porra nenhuma.

— O que eu falei ontem, precisamente?

— Que ia recuperar o que era seu. E, sim, você foi bastante específico ao dizer o que era seu.

— Merda!

— Até mais tarde.

Daniel desliga e eu volto a me encarar no espelho, a barba já está começando a aparecer, o cabelo, uma bagunça, mas cacete, tem a merda de um sorriso ali. Um sorriso convencido ciente de que tudo o que falei a respeito dela, eu vou cumprir.

Só é preciso que ela diga duas palavras.

Duas e eu não daria a mínima para a aliança no seu dedo.

Depois do banho, saio do meu quarto na garagem e entro em casa. Encontro meu pai na cozinha, e percebo que ele está concentrado em sua tarefa.

NACIONAIS-ACHERON

— Quer ajuda? — Pego uma xícara do armário e vou até a cafeteira.

— Não pensei que fosse acordar agora.

— Estava tão ruim assim? — Ligo a cafeteira e aguardo. Meu pai continua cortando alguns legumes.

— Pela maneira com que dispensou a moça que te trouxe aqui, eu diria que estava pra lá de bêbado.

— E o que foi que eu disse? — pergunto, meio que sem ter certeza se queria mesmo saber, porém meu pai não me deixa pensar por muito tempo.

— Que seu pau tinha dona, que sempre teve.

— Droga.

— Não se preocupe, parece que ainda restava alguma consciência em seu estado bêbado e nomes não foram citados. — Respiro aliviado. — Mas você precisa resolver isso, Cage.

— Está me dizendo que preciso me declarar para a mulher do meu irmão? — Pego a caneca com café e encosto no balcão aguardando sua resposta.

— Antes de ela ser a mulher do seu irmão, ela era a sua. — responde como se fosse a coisa mais simples do mundo.

— Aconteceram coisas pai.

— Sim, eles resolveram ficar juntos e você surtou, conheço a história. — *Não, não conhece...*, penso.

— Exatamente. Então porque agora eu iria me envolver? Eles formaram uma família. — Meu lado irracional solta uma gargalhada sarcástica por dentro. Não era isso que eu estava pensando há alguns minutos, sou mesmo um maldito filho da puta mentiroso.

— Você vai saber o que fazer, Cage, sempre soube. — Meu pai para de cortar os legumes e me fita com aqueles olhos perspicazes. — Mas faça isso antes que seja tarde demais.

— Do que está falando? Da sua doença?

— Talvez. — Sua resposta só me deixa ainda mais confuso.

— Sobre isso, pai, temos que conversar com Luke, ele precisa saber. — Deixo meu café de lado e observo sua reação.

— Não precisa. Eu já falei, nenhum médico pode me ajudar, Cage.

— Podemos ir para Nova Iorque, ver todos os tratamentos disponíveis. — Ele joga a faca com tudo dentro da pia, irritado.

— Sem médicos, sem Nova Iorque, e sem Luke. Não vou repetir isso, Cage. — Meu pai se afasta. Teimosia deve estar no nosso DNA.

— Certo, então o que devo fazer? Cruzar os braços e esperar que o senhor morra?

— Não, você vai resolver as suas merdas enquanto estiver aqui. — Ele é enfático.

— Pai, o que está insinuando é errado. Erin está feliz, e Luke também, por que eu entraria no meio deles?

— Porque você a ama, Cage, e isso ficou estampado na sua cara quando a viu ontem. Só foi preciso ficar perto de vocês por alguns minutos para perceber.

Como pode ter passado tantos anos e eu ainda me encontro nessa mesma situação? Será que ver eles felizes não foi o suficiente para esquecê-la de uma vez por todas? Eu nem acreditava mais que ainda tinha um coração, mas bastou apenas um olhar para Erin e descobri o que já sabia, mas que não queria aceitar. Meu coração estava ali, bem diante dos meus olhos.

Porra, estou completamente ferrado!

— Eu não posso fazer isso com ele.

— Besteira. — Ele abre a torneira para lavar as mãos. — E sobre a felicidade deles; olhe de novo, meu filho. Abra bem os olhos que você será capaz de enxergar a verdade.

Ele pega um pano, enxuga as mãos e sai da cozinha, não sem antes gritar para que eu termine o almoço.

Pego a faca que ele jogou na pia e continuo a preparar os legumes, mas a cada corte, as palavras dele golpeiam meu cérebro nublado pela ressaca. Olhar de novo? Que porra é essa que ele quis dizer? Já está sendo difícil

manter tudo que sinto por ela guardado dentro de mim, meu pai me incentivando a ir em frente só atifa minha fome.

E tem Daniel, que constantemente me lembra que ela está com meu irmão. Tenho o anjo e o demônio, cada um sussurrando no meu ouvido.

Caramba, devo estar muito fodido da cabeça porque parece que só consigo ouvir o demônio.

No restante do dia, meu pai não toca mais nesse assunto, nem sobre o câncer. Estou na garagem olhando alguns e-mails quando penso em ligar para Luke. Eu sei que nosso pai não quer que eu fale sobre a doença, mas Luke é médico, ele vai saber o que fazer.

Olho para os contatos no meu celular, e me dou conta de que não tenho seu número. *Cacete, que tipo de irmão não tem o número do outro?*

Termino de responder alguns e-mails importantes, e vou buscar as chaves do carro do meu pai. Vejo ele assistindo algo na TV e só o escuto resmungar “*não chegue bêbado novamente*”. É como voltar no tempo, como se tivesse dezoito em vez de vinte e oito.

Sorrio, e saio, indo em direção à casa do meu irmão.

Não havia notado muita coisa quando deixei Erin e Liam ontem, a casa fica bem localizada, não muito longe de onde crescemos, inclusive a arquitetura é semelhante. Dois andares, uma varanda na frente, janelas amplas.

Um bom lugar para uma família, penso.

Toco a campainha e espero, até então não havia pensado na possibilidade da Erin abrir a porta. Merda, onde estava com a cabeça? Deveria ter ligado para Daniel para pedir o número do Luke, ou ter pego com meu pai.

Quando penso em dar meia volta, a porta abre, e sou recebido por um Liam que sorri amplamente ao me ver.

— Tio Cage!

— Oi, Liam, seu pai está? — Não me atrevo a entrar.

— Meu pai saiu.

— Você está sozinho? — Espio dentro da casa, mas não vejo ninguém.

— Não, minha mãe está lá em cima. Mas ela não está muito bem, está doente. — Inconscientemente entro na casa. Não pergunto nada enquanto olho ao redor e vejo a escada, caminho até ela e sem hesitar começo a subir. Liam não questiona, apenas me acompanha.

— Onde é o quarto deles? — pergunto observando as portas que acredito serem dos quartos.

— A última porta. — Ele aponta e eu me controlo para não correr até lá. Liam é quem abre a porta, e quando eu a vejo meu corpo congela.

Ela está com a aparência péssima. Parece bem mal.

— Erin? — sussurro, me aproximando da cama. — Você está bem? — Sento ao seu lado e, cuidadosamente, coloco a palma da mão em sua testa, a temperatura está normal.

— Luke? — Ela mal abre os olhos. — Por favor, chega de remédios — balbucia.

— O que ela tem? — pergunto a Liam.

— Não sei, meu pai disse que ela estava doente. Quando cheguei da escola, ela tinha acordado, meu pai deu outro remédio para ela dormir, e precisou ir para o hospital.

— Certo. Se você tem alguma tarefa da escola para fazer, pode ir que eu fico com a sua mãe, tá bom?

— Tudo bem, vou fazer minha lição.

Liam sai do quarto e eu volto a observá-la, ela está tão pálida, e tenho a impressão de que não consegue nem abrir os olhos. Arrumo os travesseiros para deixá-la o mais confortável possível, mas é extremamente difícil porque seu corpo mole começa a pender para o lado.

— Vamos, Erin, me ajude.

— Não quero mais dormir, Luke. — sussurra, sua mão toca meu braço. — Chega de mais remédios, por favor.

— Ei, sou eu Erin, o Cage. — Seguro seu rosto, assim ela pode ver que sou. — Abra os olhos. — Ela tenta várias vezes, antes de conseguir mantê-los abertos.

— Eu não...

— Sou eu, Erin — digo mais uma vez.

— Cage? — Sua mão trêmula toca meu rosto. — Estou sonhando?

— Não, eu estou aqui. O que está acontecendo? — pergunto, preocupado.

— Doente. — responde e tomba a cabeça no meu peito, seu corpo começa a tremer, então percebo que está chorando. — Estou doente. — geme entre os soluços.

— Shhh. Estou aqui e vou cuidar de você. — Passo a mão no seu cabelo, ela se aninha ainda mais perto, quase sentando no meu colo. — Eu vou cuidar de você, meu amor — sussurro no seu ouvido, enquanto massajeio seu cabelo.

Não demora muito para que ela durma de novo, eu a deixo em uma posição confortável, cobrindo-a em seguida. Não quero sair de perto dela, mas ainda não sou tão idiota assim de ficar aqui e correr o risco de Luke entrar.

Desço as escadas e encontro Liam na cozinha.

— Ela voltou a dormir. Seu pai vai demorar? — Tento parecer o mais calmo possível, mesmo estando mais que aflito por dentro.

— Não sei, mas ele disse que a mamãe precisava descansar, e ia passar a maior parte do tempo dormindo.

— Ela está assim desde que horas? — pergunto, curioso, ontem ela estava bem.

— Não sei, mas ela não acordou para fazer o café e quando cheguei da escola meu pai disse que acha que ela está com algum vírus.

Que porra de vírus deixa você desse jeito?

— Vai ficar e esperar por ele? Podemos jogar um pouco. — Reflito sobre sua sugestão, não quero deixá-la nesse estado, sozinha com uma criança, mas também não quero me envolver dessa forma.

— A gente pode jogar enquanto eu espero seu pai chegar, mas só se você já tiver terminado suas lições da escola. — É o que eu digo no fim das contas.

— Já terminei, vou buscar meus jogos. — Liam sorri, coloca o copo com água no balcão e corre pelas escadas.

Deus, espero ter tomado a decisão certa.

Erin

Abro os olhos desorientada sem saber que horas são, meu quarto está escuro e eu não faço ideia de quanto tempo dormi. A última coisa de que me lembro é de Liam, mais remédios e Cage.

Cage!

Ainda posso sentir seu toque, o calor do corpo dele e suas palavras de carinho. Fecho os olhos tentando prolongar um pouco mais esse momento, quem sabe assim consigo voltar a dormir? Pelo menos eu estava segura. Era amada de verdade.

— Erin? — Abro os olhos e vejo a porta semiaberta, a luz do corredor ilumina a figura que entra no meu quarto. Seu andar cauteloso não me deixa dúvidas.

— Cage! — Seu nome sai da minha boca num tom de súplica.

— Vim ver como está. — Ele se aproxima da cama, o quarto ainda está com as luzes apagadas, e apenas a luz do corredor e do abajur em cima da cômoda iluminam o ambiente.

É quase assustador, tê-lo aqui, no mesmo lugar que seu irmão abusou do meu corpo e mente. Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos, afinal, quem está aqui agora é Cage, e não Luke.

— Ainda um pouco tonta. — Eu me sinto muito franca. Sento lentamente na cama e ele senta também, ficamos frente a frente.

— Estava preocupado com você. Liam me disse que não estava bem, eu não quis sair e deixar você sozinha. — Ele segura minha mão.

— Foi apenas um mal-estar, já me sinto melhor. Obrigada. — Respiro fundo tentando passar uma tranquilidade que nunca existiu. Mesmo com pouca luz, é possível ver a desconfiança em seus olhos.

Cage sempre foi capaz de me ler como um livro, eu só consegui enganá-lo uma vez, uma única mentira que acabou mudando a minha vida para sempre.

— Eu já vi tanta coisa, Erin. — Ele pigarreia — Já vi muitas mulheres em estados semelhantes ao seu.

— O que você está tentando dizer? — Afasto minha mão da dele, e noto ele observar o movimento com desgosto. Nesse instante, olho para o meu corpo, estou vestida, mas será que ele viu as cicatrizes?

Meu lábio provavelmente está inchado, Luke me mordeu, repetidas vezes. Jesus! Estou com medo de me olhar no espelho.

— Drogadas, eu já vi muitas mulheres drogadas assim como você estava, Erin. — Minha boca abre, mas nenhum som sai. Cage pega novamente a minha mão e segura firme. — Eu quase não te reconheci.

— Cage, eu... não... — Penso em simplesmente contar a verdade, mas o seu olhar, a maneira com que ele me encara me deixa devastada. Pensei que as dores em meu corpo fossem terríveis, mas nada se compara com o que estou sentindo agora. — Eu não uso drogas, Cage, nunca usei.

— Remédios para dormir também são drogas, Erin, talvez você tenha exagerado na dose, não estou aqui para te julgar.

— Então está aqui para quê? — Eu não acredito que ele possa mesmo acreditar que estou viciada em remédios. Ele sempre soube da minha aversão a essas coisas.

Erin, faz dez anos que vocês não se veem! Acorda, vocês não se conhecem mais! Quer saber, ele pode pensar o que quiser!

— Estou preocupado com você, com o que eu vi. — Tenho vontade de rir, porque na verdade, ele não viu nada.

— Acho que está na hora de você ir embora, Cage. Obrigada por ter ficado com Liam enquanto eu me recuperava. Como pode ver, eu já estou bem. — Minhas palavras soam rudes.

— Não precisa me atacar, Erin, mas se quiser conversar, pode contar comigo. Sempre.

Talvez seja tarde demais para isso agora, Cage.

— Acontece que você só escuta aquilo que quer, Cage. — A confusão em seus olhos é clara como dia. — Como eu disse, estou bem. Até logo.

Levanto da cama pisando firme, tento chegar até o banheiro, mas congelo. Não quero entrar ali tão cedo, não depois de tudo. Viro em direção a cama e dou um esbarrão nele.

— Eu pedi para você ir embora. — Minhas mãos vão automaticamente ao peito dele para empurrá-lo, mas logo percebo meu erro. Porque assim que o toco, memórias do passado voltam com força total, cobrando seu preço por terem ficado tanto tempo guardadas.

Cada parte do meu corpo grita com a necessidade de tocá-lo, é tão bom, e me faz lembrar de um tempo quando ainda acreditava em felizes para sempre. De um tempo em que eu fui verdadeiramente feliz.

Eu tento me afastar antes que acabe cedendo a todas as emoções e desejos que estou sentindo nesse momento.

— Não faça isso. — Ele segura meus pulsos, eu inclino o rosto para cima e olho em seus olhos.

— Não faça o que? — Sinto sua respiração ficar pesada. Estar tão perto dele faz minha pele formigar. O lugar onde ele está tocando no meu pulso queima; deseja mais, quer mais, precisa de mais.

— Não me toque e depois me afaste, Erin.

— Você precisa ir, Cage. Estou falando sério.

— Me diga que está bem, Erin. Que está mesmo bem.

— Não posso.

— Por que?

— Porque você não vai gostar da resposta, Cage.

Ele solta meu pulso e o que faz a seguir, me deixa atônita. Cage me abraça, tão forte que eu deveria reclamar porque meu corpo ainda está machucado e dolorido. Mas ao invés disso, eu aceito seu abraço, enlaçando os braços em volta do seu corpo, desejando que ele nunca mais me solte.

Ele descansa a cabeça no espaço entre meu pescoço e ombro, sua respiração faz cócegas na minha pele. Sinto sua mão passando pelas costas, subindo em direção a nuca, e quando alcança os meus cabelos, os dedos afundam entre eles. Uma leve pressão é suficiente para me fazer erguer a

cabeça.

E esse movimento é minha perdição. Porque no momento em que a minha boca sente a proximidade da sua, percebo que nada mais importa. Mesmo que Luke entrasse agora mesmo e tirasse a minha vida com aquele bisturi infernal. Nada é capaz de me impedir, minha boca é atraída pela dele, como um ímã.

Cage não resiste também. No momento em que a língua dele roça meus lábios suavemente, abrindo caminho e ela toca a minha, consigo sentir na pele, no coração e na alma que ele queria isso. Tanto quanto eu.

Solto um gemido.

Ele responde com um próprio.

Cravo meus dedos na pele de seus braços.

Ele puxa o meu cabelo para trás aprofundando mais o beijo.

Fico sem fôlego.

Ele traz meu corpo para mais perto.

Quero que o tempo pare.

Ele me aperta contra seu corpo e sinto o volume em sua calça.

E ao senti-lo, perdida na sensação dos seus beijos e nas lembranças dolorosas em meu corpo, eu o afasto.

Levo a mão na boca, ainda ofegante, dou pequenos passos para trás, tentando dar mais espaço entre nós. Cage também está ofegante, e tão atordoado quanto eu.

— Desculpe — murmura, mas não era isso que eu queria ouvir. Lágrimas ameaçam cair e tento contê-las.

— Você não precisa se desculpar.

— É errado, Erin, eu não devia ter feito isso. — *Não, não é errado*, penso.

— Eu beijei você, Cage, não o contrário. — Tento esclarecer.

— Estamos na sua casa, na casa do meu irmão. — Ele passa a mão no cabelo, olhando em volta. De repente, sinto nojo desse lugar, não pelo que

fizemos agora, mas por tudo que ele representa.

Meu quarto. O quarto meu e do Luke. O lugar que prefiro chamar de “quarto de tortura”.

— Eu preciso ir. — Ele caminha até a porta, mas eu toco seu braço, fazendo-o parar. Cage vira e me encara. — Se precisar de alguma coisa, ligue para casa do meu pai.

— Não é errado. Nunca fomos errados. — É tudo que eu consigo dizer, ainda segurando seu braço. — Não *somos*, Cage.

— Fique bem e se cuide. — Ele me dá um beijo no rosto e sai.

Ouvindo seus passos descer as escadas, não consigo me segurar e o sigo, ele para assim que percebe que estou atrás dele.

— Você deveria descansar — diz sem se virar, com a mão já na maçaneta da porta.

— Não vá. Por favor, Cage, fique só mais um pouco. — Paro de falar quando meu telefone começa a tocar. Ele está em cima do balcão da cozinha. Cage finalmente se vira e olha para o aparelho.

— Não vai atender? — questiona.

— Provavelmente é o Luke. — Não tiro os olhos dele.

— Então deveria atender, Erin, ele deve estar preocupado com você. — Eu queria gritar que não se trata de preocupação, mas o celular não para de tocar, e eu sei que Luke não vai parar de ligar até que eu atenda.

Resignada, vou até o balcão e atendo a ligação. Cage se afasta da porta e me observa.

— Oi, Luke.

— Olá, Bela Adormecida — ironiza. — Espero que tenha sido revigorante o seu sono.

— Descansei bastante, e obrigada por isso. — Não consigo disfarçar a raiva na voz.

— Disponha. Acredito que meu irmão ainda esteja aí. — Olho para Cage e tento esconder meu nervosismo.

— Sim, está.

— Passe o telefone para ele, Erin. Quero agradecer meu irmão por ter cuidado de você. Ele cuidou, não foi?

— Sim. — Por pouco minha resposta não vem acompanhada de lágrimas.

— Bom, Cage sempre foi assim, não pode ver uma mulher indefesa que logo tenta ajudar. Passe o telefone, querida, deixe-me falar com meu irmão.

— Ele quer falar com você. — Estendo o aparelho e entrego para Cage.

Decido ir até a cozinha porque me recuso a ouvir essa conversa. Ainda estou um pouco grogue devido aos remédios, meus movimentos estão lentos, mas consigo colocar a cafeteira para funcionar sem fazer bagunça. Quando a máquina começa a trabalhar, Cage entra na cozinha e me devolve o telefone.

— Luke disse que não vai demorar, eu garanti a ele que você estava bem.

— Estou fazendo café, quer? — Ignoro suas palavras.

— Não, mas obrigado. Luke deve chegar logo então eu já vou indo.

— Cage... — Ele circula o balcão e me abraça de novo, sua boca chega tão perto do meu ouvido que sinto o leve toque dos seus lábios.

— Eu voltarei... — sussurra Cage antes de se afastar para ir embora.

Mas ele vai voltar.

Ele disse que voltaria.

Uma coisa que nunca duvidei foi da palavra de Cage.

Cage

Eu mal consigo chegar em casa, tudo que aconteceu dentro daquele quarto continua martelando na cabeça. Um a um; cada toque, o beijo, seus olhos vazios, e o estado dela.

Meu Deus! Minha garota não é mais a mesma. Ela parece tão quebrada, completamente diferente daquela menina por quem me apaixonei. E que Deus me ajude, essa versão dela está fodendo comigo.

Eu a quero assim; quebrada, desamparada. Quero que ela precise de mim para consertá-la.

Porra! Não devo estar raciocinando direito. Que tipo de pessoa deseja isso?

Acendo a luz da garagem que agora se tornou meu quarto temporário, seguindo direto para o meu computador, eu faço algo que nunca fiz nesses onze anos.

Pesquiso sobre eles.

Daniel me disse estritamente o que eu pedi. Até então, só queria saber uma coisa: se ela estava bem. Ponto. Mas nunca procurei saber mais a fundo, jamais pesquisei sobre eles.

Era de conhecimento geral o quão brilhante meu irmão era como cirurgião. Ele se tornou exatamente aquilo que tinha sonhado. Nesse quesito posso dizer que nós dois conseguimos no final das contas.

Em alguns segundos percebo que não será difícil pesquisar sobre ele quando digito: Dr. Luke Nolan.

E, então, a mágica acontece. Páginas e mais páginas cheias de informações. Palestras, prêmios e inclusive pequenas matérias sobre Liam. O garoto é exatamente como Erin havia descrito, uma pequena celebridade. Sorrio, igualzinho ao seu pai e eu quando éramos dessa idade.

Então, a tela foi preenchida por fotos.

Muitas, quase todas de Erin e Luke participando de alguns eventos. Ela

NACIONAIS-ACHERON

sempre linda e elegante, mas seu olhar... Não sei bem como explicar a não ser com a única palavra que me vem à cabeça quando paro e observo atentamente. Vazio. Os olhos dela não têm mais vida.

Uma das fotos me chamou a atenção, era a matéria sobre o enterro. Erin estava usando óculos escuros e um chapéu que a tornara quase irreconhecível. Luke, ao lado dela, segurava sua mão. Mas era como se ambos não estivessem verdadeiramente presentes.

Amplio a foto para ver melhor, e mesmo estando de mãos dadas, não passam a impressão de um aperto reconfortante. Se alguém olhar com bastante atenção, elas mal não se tocam. Estão, meramente, encaixadas uma a outra.

Que coisa mais estranha.

Um casal que sofreu tamanha perda igual a deles devia estar se apoiando mutuamente, não?

Horas depois, permito que o sono me alcance. Nesta noite, diferente das outras, não tenho pesadelos. Eu sonho com a boca, os beijos e o toque exigente da língua contra a minha. Tudo isso daquela que sempre foi a minha garota. E que sempre será até o fim dos meus dias.



As horas de sono não duram muito, são oito da manhã quando saio da garagem e vou até na cozinha da casa do meu pai. Fico surpreso ao ver quem está lá também. Luke conversa tranquilamente com ele.

— Bom dia — cumprimento aos dois.

— Ei, irmão. — Luke levanta e nos abraçamos. — Obrigada por ontem, houve uma complicação no hospital com um paciente e fiquei preso.

— Não tem problema. — Eu me afasto para pegar café. — Sinto muito que não pude ficar esperando por você, aconteceu um imprevisto e precisei sair. — Pego meu café e sento à mesa, meu pai não diz uma palavra, mas sinto seu olhar excruciante em cima de mim.

— Tenho algumas coisas para fazer, fiquem à vontade. — Ele levanta e sai da cozinha. Nem meu irmão, nem eu, deixamos de perceber a nada sutil tentativa de nos dar privacidade para conversar sobre um assunto mais do que

delicado para ambos.

— O que está acontecendo com a Erin? — Ocupo o lugar que meu pai estava e fico de frente para Luke. — E por favor, não me diga que era um vírus, não tenho a idade do Liam.

— Depressão. — Ele solta a bomba. — Erin tem lutado contra a depressão desde quando perdemos nossa filha. — Agora estou realmente assustado e preocupado.

— Eu sinto muito, Luke — digo com toda sinceridade.

— Obrigado. — Consigo ver claramente a tristeza em seus olhos, dá para perceber que esse assunto mexe bastante com ele. Claro que deve mexer, deve ser insuperável perder um filho.

— Passei para conversar com você ontem. Liam abriu a porta e disse que a mãe não estava passando bem. Eu subi e a encontrei dopada. Ela tem tomado remédios em excesso? — Ele não responde de imediato, como se estivesse medindo suas palavras.

— Eu a deixei medicada antes de sair, mas acho que ela os encontrou, bem, acho que você viu por si mesmo.

— Ela já procurou ajuda?

— Fez terapia por algum tempo, mas resolveu parar, dizendo que a medicação a deixava lenta demais.

— E você aceitou? Simples assim? — Isso é inacreditável.

— O que você quer que eu faça, Cage? Que eu a amarre e a leve no médico a força?

— Talvez, porra! Você é médico, pode fazer melhor do que ficar parado vendo a sua mulher acabando com a própria vida! — As últimas palavras saem gritadas, o que não deve ser um comportamento normal para um cunhado, mesmo que preocupado. Mas, sinceramente, não estou nem aí. A Erin é a coisa mais importante aqui e fico louco de pensar que ele está sentado de braços cruzados, sem tomar uma atitude.

— Não se atreva a me dizer como eu devo ou não agir, Cage! — Ele levanta com tudo, visivelmente furioso.

— Pelo que estou vendo, não me parece que está agindo muito certo nesse momento. — Levanto também, meu tom tão duro quanto o dele. Luke solta uma respiração profunda e volta a sentar.

— Não foi e não é fácil para ela. A perda da nossa filha, a culpa...

— Culpa? — Sua declaração me pega de surpresa. Sento e espero sua resposta.

— Erin tentou se matar, Cage, foi assim que ela perdeu o bebê.

Suas palavras me penetram devagar. Letra por letra. Palavra por palavra. Eu sinto meu corpo todo entorpecer.

Ela tentou se matar!

— Ela o quê? — pergunto mais alto do que pretendia, passo as mãos no cabelo, atordoado e confuso. Não pode ser, ela não fez isso, não a minha Erin.

— Desde o nascimento do Liam, ela não ficou bem, você sabe de tudo que aconteceu, não éramos o casal mais bem quisto da cidade. — Ele dá uma risada irônica. — Naquele dia, saí para fazer compras, ainda faltava bastante coisa em casa porque a gente tinha se mudado fazia pouco tempo, e quando voltei, eu a encontrei caída no chão. A TV estava ligada, foi no dia em que você ganhou o *Super Bowl* como profissional.

Luke me observa, esperando pela minha reação. Mas eu não consigo nem me mexer.

Ela tentou mesmo se matar? Por minha causa?

— Não sei se isso desencadeou alguma memória ruim, Cage, ou se foi coincidência — comenta como se estivesse adivinhando meus pensamentos. — Mas quando ela acordou no hospital, só dizia que não queria mais viver, e quando se deu conta de que perdeu a nossa filha, bem... se ela já estava bem ruim antes, pode imaginar como ficou depois.

— Você devia ter feito algo, Luke. — Eu não pretendia que meu tom soasse de forma acusadora, mas foi inevitável. O que era uma piada porque se tinha alguém culpado aqui, era eu.

— O que você queria que eu fizesse? Que a trancasse em uma clínica? Conseguiria viver sabendo que colocou a mulher que você ama num lugar

para ficar sozinha com seus próprios pensamentos atormentados?

Ele bate os punhos na mesa e levanta outra vez.

Porra, ele tem razão, eu não conseguiria. Mas de tudo que ele falou, a única coisa que fica incrustado na minha mente é: *a mulher que você ama*.

Ele a ama. A minha garota. Ele ama a minha garota.

Só que eu a amo também.

Cada maldita parte danificada dela.

Eu quero consertar isso. Eu quero a minha garota de volta, mesmo quebrada, mesmo irreconhecível. Eu a quero.

— Ela não está bem. — É a única coisa que consigo dizer.

— Ela estava, Cage. Antes de você voltar, ela estava melhor. — Ele me acusa.

— O que está querendo dizer com isso?

— Que talvez, a sua presença esteja desencadeando lembranças dolorosas.

— E o que você quer que eu faça? Não posso ir embora agora, Luke, eu não voltei por causa da Erin.

— Eu sei. Mesmo com tudo que aconteceu, eu sei, irmão. Você ainda não me contou o motivo da sua volta, e talvez eu não mereça sua confiança, mas Cage... — Ele para e me encara. — Eu só preciso do meu irmão comigo, como antes. Será que pode tentar? Será que pode tentar me perdoar e voltar a ser meu irmão de antes?

Droga. Seu pedido me leva a onze anos atrás, quando confiávamos um no outro, quando éramos tão ligados, que palavras não eram necessárias. Luke me entendia, e eu a ele.

Engulo o sentimento que me sufoca, tentando conter todos os impulsos para não agir como um lunático e reivindicar o que é meu.

— Você pode contar comigo. — Ele sorri. Dando a volta na mesa, ele chega até mim e me abraça.

— Obrigado, Cage. — Suas palavras me atingem em cheio, e lembrar

que algumas horas atrás eu estava beijando a mulher dele, me deixa doente.

— No que você precisar, pode contar comigo — prometo.

— Eu sei, obrigado mesmo. Vou conversar com a Erin mais uma vez, quem sabe não a convenço em voltar a ver sua terapeuta.

— Certo, e enquanto isso, mantenha os remédios longe dela, está bem?
— O estado em que a encontrei ainda me deixa transtornado.

— Não vou cometer esse erro de novo — responde sério.

— Ela está sozinha agora? — pergunto ainda preocupado.

— Libby ficou de passar lá, mas ela está melhor, o efeito dos medicamentos parece ter passado, então está agindo normalmente agora.

— Bom, isso é muito bom. — Pensando em Daniel, eu me pergunto por que ele nunca me contou nada disso? Sobre a depressão? Será que a Libby nunca comentou com ele? Elas são melhores amigas, impossível ela não saber, mais impossível ainda é ela não contar algo dessa gravidade ao Daniel. Mesmo porque segredos nunca foram seu forte.

Luke e eu continuamos a conversar, ele me conta como é sua rotina no hospital. Seus olhos brilham quando conta sobre o trabalho, o Luke preocupado de alguns minutos antes foi embora num piscar de olhos, dando lugar a um determinado e apaixonado.

Exatamente como ele costumava ser.

Não consigo conter o sorriso no rosto, depois de tanto tempo, ainda posso ver o mesmo garoto de dezoito anos, o meu irmão, minha outra metade.

E isso me enche de esperança. Talvez também consiga ter a minha antiga garota de volta.

Luke

Havia dois irmãos.

Gêmeos, idênticos.

Havia uma garota.

Ela foi a ruína deles, mentindo e enganando. Ela os separou.

Agora, os irmãos se reencontraram.

A amizade antes esquecida ainda está lá.

Dava para sentir, em seu aperto de mão, em seu abraço.

Meu irmão, meu amigo. Ele está de volta.

E dessa vez, a garota não iria mais arruiná-los.

Eu me certificaria disso.



Saio da casa do meu pai com um sorriso satisfeito no rosto, é tão engraçado como as pessoas costumam acreditar naquilo que veem. Um sorriso e você consegue convencer que está tudo bem, um remédio tomado de forma errada e as pessoas acreditam que está doente, ou louca.

Talvez os dois?!

Impulsos, muitas pessoas são movidas por eles, a grande maioria, eu me atrevo a dizer. E isso as leva a um julgamento precipitado e consequentemente ao erro. Eu adoro essa falha humana.

Entro no meu carro pensando justamente nisso e controlo os meus próprios impulsos. Ligo o som e sorrio quando Being Evil Has A Price começa a tocar.

“Is this the golden man that I run through

If I could give my thoughts across to you”

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Erin

Depois de passar praticamente vinte e quatro horas dopada, e de ter um dos piores momentos com Cage, concentro minha atenção na cozinha, organizando o almoço.

Lembrando do que aconteceu, não posso dizer que o beijo tenha sido ruim, muito pelo contrário, foi mágico, como se o tempo tivesse congelado para nós dois. Mas como eu não estava precisamente consciente, acabei afastando-o. E meu estado de letargia só me deixou ainda mais confusa.

Luke também não voltou para casa ontem, apenas ligou para avisar que não voltaria e, também, para saber se Cage ainda estava aqui. Não consegui identificar nenhum traço alívio ou nervoso quando respondi que ele já tinha ido embora. E isso foi o que me deixou mais apavorada, essa maneira de ele agir em torno do irmão. Quando atendi sua ligação na noite passada, e ele pediu para falar com Cage, eu não soube o que pensar.

Suas mudanças de humor estão mais frequentes desde que Cage voltou. Ora me punindo por ter pego a carona que ele mesmo sugeriu, ora pedindo a Cage que tomasse conta de mim. Luke está me deixando doente e maluca, e só existia uma única certeza.

Ele me puniria depois.

Solto um gemido só de pensar nisso, ao mesmo tempo em que escuto a porta abrir. Liam foi para a escola mais cedo, não antes me perguntar várias vezes se eu estava realmente bem. Luke disse que eu tinha contraído algum tipo de vírus, e era por isso que fiquei naquele estado. Infelizmente, ou felizmente, Liam não sabe a diferença entre: estar de cama por doença e estar de cama porque você foi drogada pelo seu marido mentalmente perturbado.

— Ocupada? — A voz dele faz meu corpo todo se arrepiar, mas não de um jeito bom. Viro para encará-lo, e por puro instinto, continuo segurando a faca firme na mão. Ele percebe o gesto, e um sorriso irônico estampa seu rosto.

Ele sempre sorri. Sempre sorri *de mim*.

— Estava preparando o almoço. — Deixo a faca no balcão e vou até a pia lavar as mãos, Luke acompanha cada movimento meu como um predador analisando sua presa.

Nesses dez anos, algumas vezes, desejei matá-lo, outras, simplesmente desejei morrer. Mas em ambas, pensar em Liam me fez continuar seguindo em frente. Deixá-lo sozinho com Luke é aterrorizante, assim como o medo de ele me odiar por matar o pai que tanto amava.

— Está melhor? — pergunta se aproximando, colando seu corpo no meu, deixando-me presa.

Meu Deus, como eu o odeio.

— Sim, muito melhor. E preciso te agradecer por isso — respondo sem virar, mas o tom que uso deixa claro o quanto desprezo o que ele fez comigo, com meu corpo e com a minha cabeça.

Já é insuportável ter meu corpo controlado por ele, saber que ele conseguia tirar de mim orgasmos que me deixavam a ponto de desmaiar. Mas não sabia como lidar com Luke brincando com a minha cabeça desse jeito. E ele me drogar, descaradamente, me deixou ainda mais desesperada.

— Você fica tão sexy quando está com raiva, Erin. — Ele beija minha nuca e eu me retraio.

— E você foi longe demais, Luke. — Dessa vez eu viro para encará-lo. — Usar meu corpo, fazer dele seu parque de diversões, acabei aprendendo a suportar, mas a minha cabeça? Minha razão? Você não pode me tirar isso também, Luke — acuso.

— E o que mais eu tirei de você, Erin? — Ele coloca as mãos no balcão, uma em cada lado do meu corpo.

Seus olhos fitando os meus, tão familiares. Tão assustadores.

— Poderia me dar licença? Preciso terminar o almoço. — Tento me mover, mas ele não se mexe e sorri. Sempre sorrindo. *Tenho vontade de arrancar esse sorriso com as próprias unhas!*

— Gostaria muito de ouvir o que tem a dizer, meu amor. Ouvir você listar cada coisa que eu tirei de você. Deve ser uma lista bastante interessante.

— Ele brinca com meu cabelo. Eu não aguento mais suas provocações e

entro no jogo dele. E infelizmente, é um jogo que eu sei que jamais vou ganhar.

— Que tal começarmos com a minha liberdade? — Eu o desfio.

— A porta não estava trancada quando eu cheguei — rebate.

— Não se faça de rogado.

— Vamos lá, querida, apenas te fiz provar um pouco do seu próprio veneno. — Seus dedos deslizam pelo meu rosto.

— E o que tem a me dizer sobre a violência? E o estupro? — Dou um tapa na sua mão para afastá-la.

— O quê? — Ele tem a audácia de parecer ofendido. — Você é minha esposa, Erin. Eu não violencei você. Nunca a forcei.

Nunca?

Seguro a vontade de gargalhar, eu devo mesmo ter enlouquecido porque está difícil de segurar a risada histérica que está prestes a sair.

— Você me machucou, Luke, várias vezes. — Estendo os braços para tentar sair do seu alcance, só que ele é mais rápido e segura meus pulsos.

— E de quem é culpa? Hein? — rosna na minha cara. — Quem estava praticamente babando pelo ex, *eu*? Quem drogou o marido para que ele dormisse a noite inteira assim poderia assistir ao ex-namorado na TV?

— Isso não é descul... — Mas ele me interrompe.

— Não tente jogar isso para cima de mim, de novo não. É você quem está repetindo os mesmos erros do passado. — A raiva no seu olhar desaparece, dando lugar a tristeza, e eu sei o motivo dela. Sinto as emoções tão confusas.

— Eu... — As palavras somem da minha mente, não consigo verbalizar nada com Luke me olhando dessa forma.

— Nós fomos felizes. Nós *somos* felizes. — Ele enterra o rosto no meu pescoço, inspirando profundamente o cheiro preferido dele. E está tão próximo que sou obrigada a inclinar o corpo para trás.

— Luke, nós não... — Ele beija meus lábios, me impedindo de falar mais uma vez.

NACIONAIS-ACHERON

— Não — murmura depois de interromper o beijo. — Por favor, não diga mais nada. Vamos ser felizes, Erin, vamos voltar a ser como antes. — Ele segura meu rosto com as mãos e me beija de novo. — Nós três, como a família que somos. — Fico perplexa com o uso das palavras “por favor”, Luke nunca disse isso antes. O que está acontecendo?

— Não faça isso.

— Como posso *não* fazer isso? Como? Explica para mim, Erin. Porque eu te amei durante todos esses dez anos. Dediquei minha vida a nossa família. Você tem que me amar também. — Fico paralisada com suas palavras.

— Não se sente amor com imposição, Luke.

— Mas você me ama. — Ele empurra o quadril para frente, esfregando sua ereção em mim.

— Estou machucada — aviso antes que ele tente avançar mais, ainda estou bastante dolorida das noites anteriores, e ele sabe muito bem disso, mas por algum motivo, sinto que ele não se importa nem um pouco.

— Eu vou cuidar de você — sussurra no meu ouvido. — Sempre cuidei. — Olho para seu rosto, e vejo uma expressão tão diferente de segundos atrás.

Luke tem um olhar apaixonado, quase em reverência. Por um momento, não é ele que enxergo na minha frente. Por um instante, não é a sua boca que toma a minha.

Ele abre meu jeans baixando até os tornozelos, e então, segura minha cintura e me coloca sentada no balcão. O frio tocando minha pele é um contraste à raiva que esquenta todo o meu corpo. Mas é o olhar direcionado a mim que me faz perder a cabeça.

Não é Luke quem vejo, é Cage.

A expressão, o sorriso leve e despreocupado.

— Eu amo você. — Ele beija o lóbulo da orelha, abrindo minhas pernas com as mãos, fecho os olhos e me entrego ao diabo.

Ele sempre me teve.

Em momentos assim, eu não desejo abrir os olhos. É bom mantê-los fechados, deixando somente as sensações comandar. E principalmente, com

NACIONAIS-ACHERON

Luke agindo dessa forma, não há razão que me traga de volta à realidade.

O lugar para onde meus pensamentos vão é muito mais reconfortante, a pessoa que chupa meu clitóris com vontade é o homem que eu amo.

Minhas mãos agarram seu cabelo com força quando gozo. É tão intenso, sinto meu corpo inteiro tremer e sou incapaz de conter o grito de prazer que escapa pela boca.

Ainda estou tonta, sentindo ondas e mais ondas de êxtase, e Luke está beijando a parte interna da minha coxa quando a campainha toca. O barulho me assusta e sinto as pernas se fecharem quase que automaticamente, porém Luke prevê o movimento e segura as coxas com as mãos. Ele aperta forte, mais do que o necessário, ainda provando e bebendo cada gota do meu orgasmo, e só para quando se dá por satisfeito.

— Não disse que cuidaria de você? — Dá uma piscadinha antes de se levantar. Lambe os lábios e sorri. A campainha toca outra vez e posso jurar que meu corpo está todo vermelho de vergonha.

Quem quer que seja, é bem provável que tenha me ouvido gozar.

— Ei. — Luke chama a minha atenção. — Não fique com vergonha, seja lá quem for, teve o privilégio de te ouvir gozando.

— Não posso acreditar, meu Deus! — Coloco as mãos no rosto.

— Para já com isso, você estava magnífica. — Luke segura minhas mãos e me beija nos lábios, consigo sentir meu gosto em sua boca. — Se ajeita, vou ver quem está na porta.

Ele vai até a pia e joga um pouco de água no rosto. Então sai para atender a porta com o sorriso mais presunçoso que já vi em seu rosto, e com uma tremenda ereção. Uma que deixaria até a mais safada das mulheres sem fala.

Desço do balcão rapidamente e subo meu jeans, estou prendendo o cabelo quando ouço a voz.

E congelo.

Bile começa a subir pela garganta, e começo a correr, passando com tudo pela sala, sem me importar com as boas maneiras. Tenho que chegar depressa ao banheiro, ou todos poderão ver tudo o que tenho no estômago.

NACIONAIS-ACHERON

E a única coisa eu consigo ouvir é: — O que aconteceu? — dito por uma voz preocupada.

A voz do Cage.

O homem que ontem eu estava beijando como uma louca.

O homem que é irmão do meu marido.

Meu único amor.

O homem que acabou de me ouvir gozar. Sem saber que era nele que eu estava pensando naquele momento.

Erin

Estou saindo do banheiro quando encontro com Luke, ele está sentado na cama todo despreocupado.

— Está melhor? — pergunta.

— Sim. — E não dou mais explicações.

— Cage e eu estamos saindo para almoçar. — Ele levanta da cama. — Eu disse ao meu irmão que você ainda estava um pouco indisposta. — Ele passa a mão na minha barriga, e aproxima o rosto do meu. — Eu disse a ele que estamos desconfiados de que você esteja grávida. — Engulo em seco. — Não é a primeira vez que acontece, não é mesmo?

— Você sabe que isso não é possível. — Magoa transborda através das minhas palavras.

— Eu sei, mas meu irmão não. — Olho incrédula para ele. — Acho que ele ficou feliz com a possibilidade de ser tio de novo.

— O que você ganha fazendo esse tipo de coisa, Luke? — Eu me afasto, e pela sua expressão dá para ver que ele não gosta nem um pouco do gesto.

— Prazer. — Uma palavra, pura e simples.

— Prazer? Simples assim? — Ele me observa. — É por isso que me tortura esses anos todos que estivemos juntos? Por *prazer*?

— Não. — Percebo como ele tenta conter o tom. Cage está lá em baixo esperando, ele não é estúpido. — O que acontece com você, Erin, são consequências, mas não nego que seu medo me excita. Sempre excitou. Vai dizer agora que nunca notou? — Ele joga as palavras e sai do quarto.

O que ele quis dizer com aquilo? A primeira vez, eu quase desmaiei de tanto medo que senti. Luke estava tão bêbado que não seria capaz de lembrar o próprio nome, quem dirá o que estava acontecendo. Ou será que ele lembrava?

Olho pela janela do quarto e vejo os dois saindo, tão iguais que os pelos da minha pele se arrepiam com a visão. Qualquer pessoa que não os conheça

bem, pode facilmente confundi-los.

Observando-os assim, é como voltar no tempo, onde os irmãos Nolan eram reverenciados aqui, quando eu era respeitada. Até Luke acabar com tudo.

Até eu estragar tudo.



Já é fim de tarde quando Luke volta para casa, Liam chega com ele, então toda tensão e acusações são empurradas para debaixo do tapete, e a fachada de família feliz é mais uma vez erguida.

Liam conta como foi o dia na escola, durante o jantar, ele está eufórico com toda atenção que está recebendo por causa da presença do tio na cidade. Luke está pendurado em cada palavra, ele sorri e conta histórias do tempo da escola enquanto eu permaneço em silêncio.

Não me escapa o fato de que Liam está deslumbrado, nem os pequenos gestos de irritação da parte do pai dele. Uma pequena linha discreta marcando a testa, ou o segurar mais apertado em torno do copo. Luke é extremamente controlado, mas nesses anos de convivência, posso ler tão bem, que chega a me incomodar.

A única pessoa que conheci a esse nível foi Cage, mas eu o amava. Com Luke é diferente, é como um mecanismo de proteção.

Aproveito esse pequeno momento de interação entre pai e filho para me deliciar, mesmo que em silêncio, de Luke perdendo o controle.

— Combinamos de ir jantar amanhã — comenta quando já estamos deitados.

— Tudo bem, vou programar alguma coisa com Liam.

— Liam vai ficar na casa da Libby. Ela e Daniel contrataram uma babá para ficar com ele e David enquanto saímos.

— Vamos sair nós quatro? — pergunto, curiosa, já faz muito tempo que não fazemos algo assim.

— Cinco, Cage vai também. — Eu fico tensa. — Relaxa, Erin, vai ser divertido, será como nos velhos tempos. — Ele vira na minha direção e me

encara com aquele mesmo olhar apaixonado de hoje cedo, depois toca meu rosto com uma das mãos. — Só que dessa vez, quem vai sair da festa com você sou eu.

— Sou a esposa troféu? — ironizo.

— Não, você era o troféu dele. A garota perfeita que ele sempre se orgulhou. — Meu corpo treme inconscientemente. — Você é minha agora, não um prêmio, ou um troféu, é apenas minha. Dê tudo de si amanhã, querida, e a noite será perfeita.

Luke beija meus lábios carinhosamente antes de virar de costas. Ele não demora a pegar no sono, enquanto que eu não consigo digerir a informação de que não passava de um troféu.

Lembranças do baile de formatura faz lágrimas rolarem pelo meu rosto. As músicas que dançamos, as fotos que tiramos juntos. A maneira com que entrou comigo de braços dados no salão, ele parecia mesmo orgulhoso.

Eu era apenas um troféu.

Cage

Dizem que é preciso passar por dias ruins, para sermos capazes de aproveitar ao máximo os bons. Desde que retornei, minha cota de dias ruins tem ultrapassado a normalidade.

Não soube o que dizer quando Luke contou sobre uma possível gravidez. Eu deveria ter ficado feliz por eles, mas egoísta ou não, eu não a queria grávida de novo. Pelo menos não *dele*.

Assim que cheguei na casa deles foi possível ouvir sons que eram explicitamente autoexplicativos. Erin gemia, e caramba, tinha muito tempo desde que a ouvir gemer daquele jeito. Precisei de todo autocontrole para não a arrancar dali. E apesar de todos os meus esforços para lutar contra o desejo que ainda sentia por essa mulher, senti meu pau reagindo só de ouvir os seus gemidos. E isso era errado, tão errado, porque eu sabia que quem estava provocando todo aquele prazer flagrante era o meu irmão.

Que situação fodida do caralho!

Maior ainda foi minha surpresa ao vê-la atravessar a sala correndo, segurando a mão na boca para não vomitar pelo caminho. Não sabia o que me torturava mais naquele momento: se era a possibilidade de ela estar grávida ou de ter ouvido ela transando com meu irmão. E, assim como antes, tento me conter com todas as forças para não explodir e arrebentar o meu irmão. Momentos perigosos que me faziam desejar que ela não tivesse me parado há onze anos.

Quando aquele dia torturante chegou ao fim, resolvi me trancar na garagem e refletir sobre todas as coisas que aconteceram naquele dia. Luke comentou que gostaria de sair para jantar no dia seguinte, como nos velhos tempos, e eu, espontaneamente, aceitei.

Acho que estava me tornando um masoquista de primeira, mas a única coisa que me veio à cabeça quando ele sugeriu de sairmos era que eu iria vê-la.

Masoquista... Doente... Devo ter perdido toda a razão, mas foda-se, eu

iria ver a Erin!



Mais tarde, saio do chuveiro e vejo que meu celular tem uma chamada perdida. Olho para o nome na tela e sorrio. Estela. Eu me visto antes de retornar sua ligação. Estela tem o péssimo hábito de fazer chamadas em vídeo.

— Cage! — grita assim que atende. — Amor maior da minha vida.

— O quer você quer, Estela? — Sento na cama, sorrindo para tela.

— Nossa, por que acha que estou querendo algo?

— Você disse que eu sou o amor maior da sua vida, e nós dois sabemos que isso não é verdade.

— Claro que é, você vem logo depois de chocolates e bolsas. — Ela sorri.

— Tá bom, o que está fazendo? — Tento ver o lugar onde ela está, parece um aeroporto.

— Então, é sobre isso que eu quero falar com você. — Ela começa a andar para um lugar mais reservado. — Ainda está na casa do seu pai?

— Sim — respondo sem fazer ideia de onde ela quer chegar com esse mistério todo.

— No fim do mundo?

— Aqui não é o fim do mundo.

— Ainda não saiu nenhuma foto sua nos jornais? Nenhum furo ou flagra? — Nego com a cabeça. — Então, meu amor, aí é sim o fim do mundo.

— Certo, e o que tem *o fim do mundo*?

— Preciso de um lugar.

— Pode ficar no meu apartamento.

— Não, Cage. Você não entendeu, eu preciso de um lugar fora daqui. Fora de Nova Iorque. Preciso de um lugar aí, no fim do mundo.

— Nem pensar, Estela.

NACIONAIS-ACHERON

— Porque não? Somos amigos, Cage, e é só por uns dias.

— De quem você está se escondendo dessa vez? — Uma coisa é certa sobre Estela, ela ama exposição, e quando quer se afastar, é porque estava fugindo de alguma coisa ou de alguém.

— Não estou me escondendo, Cage. Só preciso ficar fora do radar por uns dias.

— Vocês terminaram?

— Sim — responde quase chorosa. — Então, posso ir?

— Só por uns dias?

— Só por uns dias, prometo. Sério, Cage, estou cansada de receber rosas e bilhetes com pedidos de desculpas, meu apartamento está parecendo uma mistura de floricultura com os correios. Não aguento mais! — resmunga daquela forma exagerada de sempre.

— Tudo bem, quando vem?

— Agora mesmo. — Ela mostra a passagem. — Meu voo sai daqui meia hora.

— *O quê?* E se eu tivesse dito não, Estela? — Ela é inacreditável.

— Você não seria capaz de fazer isso — retruca vitoriosa.

— Seria sim.

— É, seria. Você é um ogro, às vezes, mas não vou incomodar, Cage. Juro.

— Tudo bem. Por um acaso... Está trazendo algum vestido de festa? — Penso no jantar de amanhã, pelo menos Estela pode ir comigo.

— Até parece que você não me conhece, Cage. — Ela bufa. — Tenho que embarcar, eu te espero no aeroporto. — E manda um beijo.

— Deveria deixar você vir a pé — resmungo.

— Faça isso e mando a conta do sapato. E para de ser chato. — Ela sorri.

— Mande o horário que você vai chegar por mensagem. — *O que foi que eu fiz para merecer essa mala!*, penso.

— Obrigada, Cage. — Desligo a chamada.

Bem, talvez com a presença dela aqui, meus dias podem começar a melhorar. Estela Carlson é como um tornado, nada permanece intacto depois que ela aparece. Ter ela aqui nessa cidade vai ser no mínimo interessante.

Ela é uma das minhas amigas mais antigas, digamos assim. Nos conhecemos em uma festa nos Hamptons, uns três anos atrás. Depois de uma noite regrada a muita bebida, acabamos na cama, transando como loucos. Atormentados por relacionamentos desastrosos do passado, desesperados por algo inalcançável. Dias depois daquela bebedeira, a convidei para sair e tentamos uma segunda rodada. Foi um verdadeiro fiasco, percebemos que aquela noite jamais se repetiria porque não existia química, ou melhor, podemos dizer que a reação química do malte em nosso organismo foi da melhor qualidade, mesmo sem chance de repeteco. Ficamos conversando o resto daquela noite e uma amizade inesperada, e muito bem-vinda, acabava de nascer.

Sempre que ela termina um relacionamento é a mim quem ela recorre, ela é a única mulher que eu permiti que se aproximasse, verdadeiramente, de mim. E que também esteve ao meu lado sempre que precisei nesses anos que nos conhecemos.



— Garagem!? Você está dormindo na garagem, Cage? — exclama Estela espantada quando entramos no meu quarto improvisado.

— Eu falei que você podia ficar no quarto de hóspedes. — Coloco as malas dela no chão. Sim, malas no plural. Para quem veio passar *só* alguns dias, não parece nada exagerada. *Mulheres!*

— E que graça teria? Como vamos chocar a sociedade se eu ficar dormindo lá dentro? — Ela aponta em direção a casa. — Se bem que podem dizer que estou dormindo com seu pai. Isso ia ser bastante divertido. — Se eu não a conhecesse bem, acreditaria que esse papo todo era sério. Melhor ficar de olho com ela perto do meu pai, por precaução.

— Meu pai está fora dos limites para você. — Ela senta na cama e cruza as pernas.

— Você já foi muito mais legal, sabia?

— E você mais comportada. — Sento ao seu lado e seguro a sua mão. — Como é que você está, de verdade? — Ela encosta a cabeça no meu ombro.

— O sexo era bom, sabe?

— Você sempre fala a mesma coisa. — Sorrio.

— Pois é. Cage, eu não sei o que há comigo, talvez meu destino é ficar solteira. Igual a você. — Ela cutuca meu abdômen.

— Meu caso é diferente, e você sabe disso. — Ela apenas balança a cabeça. Estela é uma das poucas pessoas que sabem da minha história com Erin, além de Daniel.

— Você a viu? — pergunta.

— No dia seguinte em que cheguei à cidade.

— Uau! Pensei que fosse fugir dela como o diabo foge da cruz.

— Acredito que o diabo tinha outros planos, porque fiquei frente a frente com ela.

— E, então, como foi? — Ela levanta a cabeça para olhar nos olhos. — E não minta, Cage. Preciso saber que não sou a única que está na *bad* por causa de um ex. — Sua expressão é tão séria, que chega a ser cômica.

— Estranho, assustador e avassalador — confesso.

— Você ainda a ama. — É uma constatação.

— Nunca tive dúvidas em relação a isso, Estela, mas não é certo. Não mais.

— Eu sinto muito, Cage, de verdade. Deve ser torturante ficar diante de alguém que você ama dessa maneira e ainda saber que esse amor não é correspondido.

— Queria seguir em frente, Estela. Realmente queria, mas tem algo que está me puxando para ela, eu não sei como explicar. Eu me sinto tão frustrado.

— E ela?

— Ela não está bem.

— Como assim? Ela está doente?

— Segundo meu irmão, está com depressão.

— Oh, droga, isso é como andar em gelo fino, Cage.

— Eu sei, mas quando olho nos olhos dela, algo me incomoda, e eu sinto que Luke não está me dizendo tudo.

— Talvez nem mesmo ele saiba — comenta, mas Estela não conhece meu irmão, não como eu.

— Talvez.

— Bom, chega dessa conversa triste que está me deixando ainda mais deprimida. — Ela levanta, colocando as mãos na cintura. — O tal jantar que você mencionou quando estávamos vindo é amanhã, certo?

— Sim.

— Ótimo, então, acho que está mais do que na hora de eu conhecer a mulher que pegou seu coração, trancou em um cofre impenetrável e jogou as chaves fora. — Sorrio com suas palavras.

— Acho que vai gostar dela.

— Ai, droga!

— O que foi?

— Caramba, Cage, isso foi tão fofo. Precisava ver os seus olhos. Toda essa fofura me deixou com tesão, onde tem um bar próximo para eu ir à caça? — E mexe as sobrancelhas sugestivamente.

— Nada disso, você veio aqui curar sua dor de cotovelo, não para procurar sarna para se coçar.

— Você é um chaaaatoooooooo!!! Estraga-prazeres!!! — Mostra a língua antes de cair na risada e ir se preparar para dormir.

Talvez meus dias bons estejam chegando. Tenho certeza de que Estela vai se certificar disso.

Luke

Observo seus passos, acompanho cada movimento seu durante o dia. Ela sempre mantém a expressão reservada, sorrindo nas horas certas. Mas eu a conhecia, sabia mais a seu respeito do que ela própria poderia sonhar.

Eu sou aquele que a observa enquanto dorme.

Eu sou aquele que a faz gozar de prazer.

Eu sou aquele quem ela teme.

Eu sou aquele que a possuí, mas também sou dela, quando ninguém está vendo. Quando seu corpo está relaxado e com o sono pesado, eu sou só dela.

Erin me teve quando eu não imaginava ser possível, um casamento tão cedo nunca havia sido o meu objetivo, acho que nem pensava em me casar em qualquer outro dia. Minha vida de solteiro era tudo o que eu sonhava e muito mais. Mas como diz o ditado: se a vida te der limões, faça uma limonada. E foi exatamente isso o que eu fiz, quando a situação toda se tornou um caos, eu a peguei quando ninguém mais quis. Fiz dela minha esposa quando todos a desprezavam.

Fui o responsável por ela não ter ido parar na sarjeta. Eu sou o homem que ela deveria amar.

Não meu irmão. Cage a abandonou na primeira chance, no primeiro problema, agindo impulsivamente, indo embora sem olhar para trás. Ele acreditou no que foi dito, não tentou descobrir o que realmente aconteceu, não de verdade.

Aliás, nunca foi atrás para saber também.

Esse é o seu maior erro. E paga por isso até hoje.

Erin já está quase pronta quando me aproximo para ajudá-la a fechar o vestido. Ela passou o dia sendo mimada. Salão de beleza, massagens, roupas e acessórios novos. Tudo para que essa noite ela estivesse perfeita.

Perfeita ao meu lado.

— Deixa que eu fecho para você. — Estendo a mão para o vestido,
NACIONAIS-ACHERON

alcanço o zíper e começo a fechá-lo, lentamente. Quando termino, deixo um beijo suave roçar em sua nuca. Ela estremece e eu dou um sorriso convencido, observando sua pele arrepiar.

— Obrigada, Luke. — Ela encara seu reflexo no espelho, um pouco nervosa. — Eu mal me reconheço — comenta, aturdida.

— Não é a primeira vez que você se veste assim, já saímos muitas vezes antes — lembro.

— Sim, mas é que já faz tanto tempo. — Ela passa a mão pelo vestido novo.

— Você está deslumbrante, Erin. — Eu chego por trás dela, encostando o corpo ao seu e coloco a mão na sua barriga, pressionando-a contra mim. — Mais que isso, querida, você está perfeita.

Olho para a nossa imagem no espelho. Estou usando terno preto, camisa vermelha e gravata preta, e ela está usando verde, um tom que a deixa um verdadeiro espetáculo e absolutamente sexy. Meu irmão vai ter um colapso, mal posso esperar para ver a cara dele quando vir a Erin.

Ela me olha através do espelho e sorri.

— Você também está lindo. — Ela soa sincera, ainda sim, eu me pergunto: será que ela está se referindo a mim? Ou está vendo o Cage no espelho?

— Hora de irmos, não queremos nos atrasar.

— Tudo bem, só vou pegar a bolsa.

— Vamos encontrar com todos no restaurante, parece que Daniel vai buscar Cage e sua acompanhante. — Observo a sua reação, mas ela é muito boa nesse jogo. — Pelo que eu soube, meu irmão não perdeu tempo em trazer alguém de fora para esquentar a cama dele. Acho que as mulheres daqui não são suficientes, não é mesmo? Talvez nunca foram? Só Deus sabe...

Erin se afasta, tentando não parecer afetada pelas minhas palavras, ela pensa que estou brincando sobre Cage estar acompanhado, mas não estou, e isso me deixa muito mais ansioso para começar a nossa noite juntos. Vamos ver como minha adorada esposa vai reagir quando se der conta de que apenas falei a verdade.

E a verdade é loira, cativante e refinada. Algo que ela nunca vai ser.

Erin

Durante o caminho para o restaurante, eu não abro a boca. Não há necessidade, Luke fez questão de tentar me abalar antes de sairmos de casa, contando sobre Cage e a acompanhante. Tive vontade de dar risada porque não sou mais afetada por esse tipo de merda que ele faz. Onze anos e ele ainda insiste nisso, será que não sabe que depois de tantos anos você acaba se acostumando com certas coisas?

E se for mesmo verdade o que disse, vai doer muito ver Cage com outra mulher bem na minha frente, mas por mais que doa, meu amor por ele é tão grande, que eu só desejo que ele seja feliz. Fiz minha escolha, e preciso continuar seguindo com ela. Mesmo errada, ou sem sentido, eu tomei uma decisão e não posso fazer mais nada sobre isso.

Voltar atrás seria um verdadeiro caos, envolveria coisas que eu não estou disposta a explicar, e as consequências seriam devastadoras. Por enquanto, apenas eu continuaria sofrendo com o resultado das minhas próprias escolhas, não tinha porquê envolver mais pessoas.

Luke também não conversa, e eu me pego admirando sua aparência. Ele está tão bonito, e é impossível não imaginar em como deve estar Cage agora. E simples assim, sou levada de volta às minhas lembranças.

Estamos indo para um restaurante no centro da cidade, um que eu vim poucas vezes, na maioria delas era para algum evento do trabalho do Luke. O diretor do hospital adorava jantares de gala, e sempre encontrava algum motivo a ser comemorado. Porém, já fazia bastante tempo que eu não saía para algo assim, então não sei explicar o que me deixou mais inquieta, se passei muito tempo dentro de casa ou se era pela noite assustadora à minha frente.

Quando Luke estaciona o carro, ele desce e abre a minha porta, estendendo a mão para me ajudar. Aceito o gesto galanteador, e por mais estranho que seja, algo dentro de mim gosta disso, gosta desse Luke cheio de gentilezas.

— Já disse como você está linda? — sussurra Luke no meu ouvido assim

que entramos, mas não tenho tempo de responder pois logo encontramos com todos.

— Nossa, ver vocês dois no mesmo ambiente é como voltar no tempo. — Brinca Daniel quando nos aproximamos, Libby e Cage estão junto com ele. — Continuam idênticos — diz ele ao cumprimentar Luke.

— Não é para tanto, afinal de contas, agora temos algo para nos diferenciar — diz Luke todo orgulhoso e me encara.

— E isso seria? — pergunta Cage, ele olha Luke nos olhos aguardando uma resposta.

— Eu uso uma aliança. — Ele mostra a mão esquerda. A expressão de Cage não revela nada, ele sequer olha na minha direção quando Luke me puxa pela cintura em um gesto possessivo. — A aliança que você gostaria de usar, não é mesmo, meu irmão?

Sinto meu corpo todo gelar, eu sabia que a noite poderia ser caótica, mas não imaginei que ela começaria a degradingolar tão cedo. Luke nunca agiu assim, tão descarado em público, ele está desafiando Cage a dizer algo, porém nosso momento constrangedor é interrompido por uma mulher.

Ela é loira, alta e deslumbrante. Está segurando duas taças de champanhe. Seu vestido longo vermelho destaca cada curva perfeita do seu corpo, ela brilha no ambiente, sua beleza chega a ser quase ofuscante. Quando se aproxima de Cage e entrega uma das taças a ele, eu me encolho involuntariamente.

— Desculpem a demora, acabei me perdendo. — Ela vira e olha para mim e Luke. — Caramba, você nem precisa me dizer quem é. — E estende a mão, mas não é Luke quem ela está cumprimentando, é a mim.

Todos ficam boquiabertos.

— Sou Estela, e você deve ser a Erin.

— A própria. — Ela aperta minha mão e depois me dá um suave beijo no rosto.

— E você é o famoso irmão gêmeo. — Ela vira na direção de Luke, mas só aperta a mão dele.

— Não posso negar essa afirmação — comenta, sorrindo.

NACIONAIS-ACHERON

— Ele é tão bonito quanto você. — Elogia antes de voltar para o lado de Cage e sussurrar algo no ouvido dele, somos incapazes de ouvir, mas o sorriso malicioso que ela dá é bastante visível a todos.

É, eu pensei que lidaria melhor com isso, mas o aperto no meu coração me diz que a noite vai ser longa e, absolutamente, mais dolorosa que tinha imaginado.

— Ela parece do tipo atirada, não acha? — murmura Libby enquanto seguimos para a mesa, Luke está mais a frente com Cage e Daniel, e a tal Estela. Que parece bem à vontade com os três.

— Só trocamos poucas palavras, Libby. Você não está com ciúmes do Daniel, está?

— Não é para o meu marido que ela está babando, Erin. Vai saber quais os tipos de pensamentos que ela está tendo com Luke e Cage juntos.

— Que nojento, Libby. — *E aterrorizante*, penso.

— Bom, esses eram os boatos que rolavam quando você se separou do Cage, não lembra? Nojento, sim, mas não impossível. Não se esqueça disso quando a loira atirada perto do seu marido hoje à noite.

Depois que termina de passar o seu alerta, Libby vai sentar-se ao lado do marido. Vejo Cage afastar a cadeira para Estela sentar, atencioso com ela, mas depois que ele se acomoda, nossos olhares se cruzam, e por um instante, tenho quase certeza de que ele está lembrando da mesma coisa que eu.

Do nosso beijo.

Inesperadamente, o restante do jantar transcorre de forma tranquila, Luke não fez mais nenhum comentário sarcástico, mesmo estando diferente. Ele me toca de jeito delicado. É carinhoso como um marido apaixonado.

Tento evitar olhar para Cage, mas as risadas que escuto deixam a tarefa quase impossível, porque tudo que consigo pensar é que aquele que está rindo é o *meu* Cage, quem me levou para o baile, que passou a noite comigo.

O garoto que me amava.

Mas dessa vez, eu não sou a responsável por seus sorrisos, Estela é quem comanda o show.

Desvio minha atenção de Cage quando Luke pede licença para ir ao banheiro, porém meus instintos começam a dar sinais de alerta quando vejo ele caminhar na direção do maître, conversar brevemente com ele e depois parte para um dos cantos da pequena pista de dança que o restaurante possui. O que está fazendo ali? E por que está conversando com o responsável do som? Então, observo ele se afastar e ir para os banheiros.

O que você está aprontando, Luke?

— Quer dançar? — sussurra no meu ouvido assim que volta a se sentar ao meu lado. Ele tirou o terno e o pendurou na cadeira, o colarinho da camisa está aberto e as mangas dobradas na altura do cotovelo, é como se o garoto de onze atrás tivesse assumido o lugar do homem que hoje é um cirurgião famoso. Ele também já bebeu muito mais do que normalmente consome quando saímos.

— Eu não acho que...

— Vem, vamos dançar. — Ele me interrompe e puxa a minha mão, mas seu movimento não é brusco.

Luke me conduz e eu sou obrigada a acompanhar, quando chegamos no meio da pista, envolve um dos braços na minha cintura e com a outra mão acaricia meu rosto enquanto seus olhos estão fixos nos meus, então inclina a cabeça na direção do meu pescoço e sinto o roçar gentil do seu nariz por toda a extensão exposta antes de beijos suaves fazem o seu caminho até a ponta da minha orelha.

O que está acontecendo? Eu quase tenho medo da resposta dessa pergunta. Um arrepio desce pela minha espinha.

— Enfim sós — sussurra antes de pressionar meu corpo contra o seu, as mãos pousando no meu quadril.

— Bem, a pista de dança está um pouco lotada — comento, olhando em volta, sem entender o que ele está dizendo.

— Longe dos olhares de cobiça, é o que eu quis dizer. — Ele advinha o meu pensamento.

— Olhares de cobiça? Isso não existe, Luke — digo, meu tom saindo um pouco mais duro do que eu gostaria, e isso tem um resultado. Seus dedos

afundam em meu quadril, um gemido de dor escapa dos meus lábios, e eu arregalo os olhos, espantada por sua audácia.

— Seja discreta, Erin. Como sempre foi. — Ele balança suavemente, no ritmo da música.

— Você está...

— Louco? — Mais um aperto.

— Está me machucando, Luke. — Ele aproxima o rosto, voltando a beijar meu pescoço. Para qualquer expectador, nós representamos um casal completamente apaixonando dançando ao ritmo da música.

Se eu fosse uma mulher corajosa, esse seria o momento em que eu sairia correndo daqui para nunca mais voltar.

— Eu nunca te machuco — murmura, e agora eu tenho certeza de que ele só pode estar delirante.

Quando “(Everything I Do) I Do It For You” do Bryan Adams começa a tocar, meu coração dispara, Luke me observa com sorriso cheio de malícia tomando conta do seu rosto.

Agora tudo começa a fazer sentido.

— Estava me perguntando quando essa música ia começar a tocar — diz, conduzindo meu corpo no ritmo da música. — Vamos dançar, meu amor, em homenagem aos velhos tempos. — A única coisa que consigo fazer é encará-lo. Porque tenho medo do que pode acabar saindo da minha boca com todas as emoções invadindo meu coração nesse momento.

Essa música representa tanta coisa, era a nossa música, minha e do Cage.

E Luke estava tirando isso de mim também. Quando penso que suas tentativas de me afetar não irão mais me atingir, ele surge com algo totalmente novo e inesperado.

Começo a me lembrar da primeira vez que Cage cantou ela para mim, no dia em que me pediu em namoro. Nossa, fui pega de surpresa, foi engraçado e um dos momentos mais felizes da minha vida. Éramos amigos perdidamente apaixonados um pelo outro, e numa tarde reunidos com toda a turma, ele se declarou, com essa música cheia de promessas perfeitas.

— Como se sente esta noite? — pergunta Luke e me trazendo de volta para o presente. Então, ele me gira, e o que vejo sobre o seu ombro não deveria doer porque meu corpo está todo entorpecido pelas tristezas. Mas eu me seguro para não sucumbir aqui mesmo, no meio de todos.

Cage e Estela estão dançando num mundo só deles.

— O que você quer dizer? Eu estava bem, até você começar a me torturar. — Consigo dizer entre os dentes cerrados.

— Sabe, Erin, eu poderia te dar um exemplo bem claro do que é tortura, quem sabe assim, você para de usar essa palavra de uma vez por todas. Mas, a minha pergunta é: como é saber que tudo que ele te prometeu não passou de mentiras? — Ele gira meu corpo de novo antes de continuar. — Porque, afinal de contas, ele nem tentou lutar por você. Não lutou, não é mesmo? Preferiu a fama, dinheiro e as mulheres mais gostosas que qualquer homem pode sonhar. — Mais um giro e de novo Cage e Estela estão no meu campo de visão. — Mas parece que os tempos de farra do meu irmão chegaram ao fim. Olha para eles, Erin. Como eles são perfeitos juntos.

E são mesmo. Seus movimentos são fluídos e com uma sintonia de dar inveja a muitos casais. Apoio a cabeça no seu ombro, incapaz de continuar olhando os dois.

— Por que faz isso comigo, Luke? — digo e não consigo esconder o ressentimento da minha voz. Ele não responde e continua dançando. E quando levanto a cabeça para pedir ao Luke para voltamos à mesa, meus olhos são presos aos de Cage. Um mundo de emoções se passam entre nós antes dele desviar o olhar, pegar a mão de Estela e sair da pista de dança.

Por que tudo teve que terminar assim?

— Porque sabe que é verdade. Você sabe, meu amor, que tudo o que eu faço, eu faço por você, para você — sussurra, como se estivesse cantando a música para mim.

Eu paro de me movimentar, mas ele não desiste. Segurando meu rosto com as mãos, ele me dá o golpe final.

— Como se sente sabendo que é comigo que passará o resto dos seus dias? Que sou *eu* o seu felizes para sempre? — Ele não me dá tempo de responder, ou de pensar, Luke me beija.

NACIONAIS-ACHERON

Um beijo avassalador digno de Oscar.

De tirar o fôlego... Suave, reverente e apaixonado.

Eu me sinto doente.

Cage

Quando a nossa música começa a tocar, não posso mais ficar ali e testemunhar aquela cena toda. Sem conseguir me segurar, ergo o olhar, num gesto de coragem — ou de masoquismo — e procuro seus olhos. Então, eles se encontram e, meu Deus! Não sei descrever o que sinto ou o que vejo ali, a única certeza é que, por alguns milésimos de segundo, eles não estão mais vazios. Estão cheios de tristeza, desespero, arrependimento, saudade e, talvez... amor? Estou enlouquecendo, só pode ser. E antes que acabe fazendo alguma besteira, praticamente arrasto Estela de volta à mesa.

Há muito, muito tempo, não era eu o homem sentado e bebendo. Quem estava na pista de dança, com os braços em torno da mulher mais bonita da festa, era eu. O homem com o olhar apaixonado, era eu.

Penso no futebol, nas viagens que fiz, ou em qualquer outra merda para afastar esses pensamentos confusos — e os olhos — da pista de dança onde está a mulher que foi e sempre será objeto do meu desejo.

A reminiscência é quase física, às vezes acabo preso nas memórias do passado. Pensando em como costumávamos ser, na sensação de suas mãos me segurando, não me deixando sair dos seus braços, no jeito que meu nome soava como uma suave melodia em seus lábios.

Então, eu me lembro do nosso último beijo, Erin não é mais minha, pelo menos não fisicamente, mas nós somos mais que corpos. Sempre foi mais do que isso.

— Esse guardanapo deve ter sido muito mau — ironiza Estela. Eu olho para baixo, e ela tem razão, estou massacrando o guardanapo com as mãos.

— Acho que ele está pagando pelos erros dos outros — murmuro e largo o pano na mesa. Estamos sentados sozinhos, Libby e Daniel foram conversar com um casal de amigos enquanto Luke e Erin continuam dançando. E eu, bem, estou remoendo a maior dor de cotovelo que já experimentei.

— Entendo porque está com os quatro pneus arriados pela Erin, ela é espetacular, Cage — comenta Estela antes de provar seu drinque, ao mesmo

tempo em que continua com os olhos na pista de dança. — Eles formam um bonito casal.

— É. — Tento não soar igual a um cão raivoso.

— Sabe o que eu acho desse tipo de casal, Cage? — Ela traz sua atenção para mim.

— Não tenho a mínima ideia.

— Que são perfeitos, bonitos demais. E esse tipo de beleza deve ser apreciada como fazemos com as antiguidades.

— Não existe ninguém que faça eu me sentir melhor do que você, Estela. Obrigado. — Meu sarcasmo é evidente, e ela abre um sorriso cheio de dentes. Palhaça.

— Acontece que as antiguidades têm suas imperfeições, Cage. Se olharmos bem de perto, com a devida atenção, somos perfeitamente capazes de enxergá-las.

— O que está querendo dizer com isso? Que eles estão fingindo? — Na hora, eu me lembro das palavras do meu pai. *Abra bem os olhos que você será capaz de enxergar a verdade.* Um calafrio atravessa pelo meu corpo.

— Estou dizendo que não gostará do que vai encontrar quando realmente abrir os olhos. — Ela vira a taça e toma a bebida de uma vez, depois levanta da mesa.

— Preciso de um cigarro, você vem? — pergunta, mas não estou no clima, e se eu for verdadeiramente honesto, não quero perder de vista o *casal* 20 versão 2017.

— Pode ir, vou ficar por aqui.

— Você que sabe. Eu já volto. — Ela pega a bolsa da mesa e sai.

Não fico muito tempo sozinho porque Libby volta assim que a Estela desaparece pela porta do restaurante. Ela senta e pega sua bebida, tomando-a num gole só. Parece que não sou o único que não está se divertindo.

— Noite ruim? — Não consigo disfarçar o sarcasmo na voz.

— Por que a noite estaria ruim? — responde com outra pergunta, estampando no rosto um sorriso mais falso que os peitos de silicone que já vi

na vida. E olha que não foram poucos os que tive a oportunidade de ver. — Nem todo mundo aqui tem a mesma sorte que você. Não deve ser fácil ver sua ex-namorada dançando com o marido, não é mesmo? Ah, e não vamos nós esquecer de que ele é seu irmão.

Vagabunda.

— Pois é, um brinde a minha sorte. — Levanto o copo e volto a olhar na pista de dança, nossa música ainda está tocando e meu estomago começa a revirar. E não é por causa da bebida, é porque eu a quero tanto que dói.

Então a música termina, e Luke faz o que eu já imaginava, ele a beija, exatamente como eu teria feito. Com amor, paixão e luxúria. Desvio o olhar e sou surpreendido por algo que jamais imaginaria que fosse ver. Libby está encarando a pista de dança, e sua expressão ferida a entrega. Sou capaz de arriscar que estamos com a mesma dor estampada no rosto.

Por que Libby reagiria dessa maneira com um casal de amigos se beijando?

Olho na pista de novo, é, não tem nada de simples naquele beijo. Antes que o monstro verde do ciúme vence e me faça fazer papel de ridículo, voltou a atenção para Libby que está segurando o copo com tanta força que suas juntas estão esbranquiçadas.

— Preciso ir ao toalete. — Ela levanta feito um raio e atravessa o salão num piscar de olhos. Se eu não soubesse que ela ama Daniel, acharia que ela está com ciúmes do casal apaixonado. Mas porque sentiria algo assim? O que me deixa mais incomodado é um vislumbre de raiva e propósito. Tem alguma coisa errada aqui. Não sou um dos melhores *quarterbacks* da NFL à toa, ao longo dos anos apurei meus instintos e visão de jogo. Passou da hora de colocar isso em prática fora do campo. E vou começar agora mesmo descobrindo o que essa vagabunda está aprontando.

Levanto e caminho na direção que foi, vejo quando ela entra no banheiro feminino. O lugar é pouco iluminado, e não tem ninguém por perto porque as pessoas ainda estão aproveitando a música.

Vejo um vão próximo a porta que é perfeito para o que eu preciso, e é nele que eu espero. Alguns segundos depois ela sai do banheiro, e mesmo sob à parca luz, consigo ver seu semblante recomposto.

— Pensei que teria que entrar ali. — sussurro em seu ouvido num tom de voz que cansei de imitar quando éramos garotos, quando a abordo por trás, então pego seu braço e a puxo para o vão. Eu mantenho as costas do corpo dela colado à frente do meu, sem dar chance à ela de virar o rosto. Prendendo-a contra parede, uso uma das mãos para segurar seus cabelo e manter sua cabeça virada, e com a outra, subo pelas curvas do seu corpo. Ela se derrete e geme: — Luke... aqui não... — É tudo o que eu precisava.

Eu a viro com tudo. A luxúria em seus olhos evapora dando lugar à descrença. Ela me encara congelada, talvez tentando entender o que está acontecendo, deve ter percebido o nojo e ódio marcados no meu rosto, porque tenta se afastar apressadamente. Eu não cedo um milímetro.

— Você enlouqueceu, Cage? — Esbraveja. Vamos ver quanto tempo ela vai manter essa bravura.

— Há quanto tempo você trai a sua amiga? — Seus olhos se alargam. *É, te peguei, piranha.*

— Do que você está falando? Só pode estar bêbado.

— Mais sóbrio impossível, e você não respondeu minha pergunta.

— Você é um babaca, Cage, sempre foi. — Ela tenta se afastar de novo e eu seguro seus braços apertado, e ela se encolhe.

— Vamos recomeçar, Libby — Aproximo minha boca da sua orelha —, mas dessa vez, responda a porra da pergunta. — Ela prende a respiração, eu posso jurar que a vadia ficou excitada. — Há quanto tempo trai a sua melhor amiga? Há quanto tempo está transando com o marido dela?

— Você está falando merda. — Ela joga duro, mal sabe ela que sou extremamente competitivo.

— Eu vivo rodeado de mulheres iguais a você, Libby. E posso afirmar uma coisa. — Inclino meu rosto no pescoço dela, inspirando seu perfume, e sussurro: — Mulheres como você tem um cheiro próprio. Quer saber qual o cheiro que sinto?

— Qual? — pergunta. Eu dou um passo atrás para que ela possa ver meus olhos.

— Vocês fedem, Libby. Fedem a interesse, a traição. — Faço um gesto

NACIONAIS-ACHERON

como se estivesse cheirando o ar antes de concluir. — Fedem a boceta usada. — Minhas palavras demonstram toda repulsa que sinto por ela. Seu olhar muda por completo, e ela me encara com puro ódio.

— É por isso que Luke tirou a Erin de você, Cage. Eu retiro o que disse sobre você ser o mesmo babaca de sempre. Você é um filho da puta. — Ela tenta passar e eu a seguro novamente.

— Vinte e quatro horas é o tempo que vou dar a você.

— Para quê?

— Saia da vida do meu amigo e da Erin.

— Ou? — Ela me desafia.

— Ou eu mesmo vou te arrastar para fora dela, e você não vai gostar nem um pouco disso. — Largo seu braço com tudo. Observo ela engolir em seco, mas não ousa responder, e quando começa a sair, eu a chamo uma última vez.

— E, Libby, a única puta aqui é você. — Não consigo disfarçar o sorriso que se forma no rosto. Eu perdi uma única vez na minha vida, e não foi dentro do campo. Dessa vez, eu vou a desforra.

Então ela sai com a mesma pressa que chegou até aqui.

Respiro fundo e penso em tudo que ainda tenho pela frente, voltar para mesa, ver Erin e Luke, e agora mais essa: Libby tendo um caso com meu irmão. Porra, quando foi que eu arrumei tanto autocontrole?

Coloco os pensamentos em ordem e saio do vão onde estava escondido, ainda um pouco aturdido que acabo esbarrando em alguém. É tudo tão rápido que só reajo, seguro sua cintura para evitar que ela caia. Ergo a cabeça e começo a dizer: — Me desc... — Minhas palavras são interrompidas pelo choque.

Porra!

Putá merda!

Caralho!

É ela.

A minha Erin.

Sua cintura. Seu perfume. Fecho os olhos, sentindo-a sob as minhas mãos e respiro fundo, me sentindo livre e aliviado pela primeira vez desde que esse maldito jantar começou.

Instintivamente eu a levo para o lugar que acabei de sair. Ela não reage, confiando em mim como sempre fez. A gente se encara pelo que parece uma eternidade e eu já não me importo com mais nada.

— Me beija, Erin.

Cage

Eu espero porque nada será capaz de me afastar dela agora. Não quando estar com ela assim tão perto, me faz sentir como se... como se estivesse finalmente em casa.

— Cage... — implora, pelo o quê, eu não sei.

— Passei a noite inteira sendo torturado. — Abro os olhos para vê-la, e fico extasiado com o que encontro. Os mesmos olhos que uma vez eram poços profundos de vazio, agora revelam uma miríade de emoções. Ao mesmo tempo que quero avançar nela como um animal descontrolado, preciso saber que ela quer isso também, tenho que ter a certeza disso. Então, foco numa das únicas emoções que consigo discernir ali e, que na verdade, é a que mais importa nesse momento: redenção. — Eu passei a noite vendo vocês, vendo como são perfeitos juntos, vendo ele te beijar. — Passo o dedo pelos seus lábios. — Eles não foram feitos para o Luke, eles foram feitos para serem beijados por mim, Erin, sempre por mim.

Ela pisca, e meu polegar toca seu lábio inferior, incentivando-o a abrir. Ela abre, e perco o controle.

Não há nada de gentil nesse beijo, minha mão segura firme seu cabelo, prendendo sua boca. Ela não me afasta, não, Erin dá cada parte de si nesse beijo, necessita disso tanto quanto eu. Como não enxerguei isso? Como pude ser tão cego assim? Erin sempre foi um livro aberto, e agora não é diferente, o que sentimos um pelo outro praticamente faz nossos corpos pegar fogo.

— Abra os olhos — Interrompo o beijo, ela hesita em abri-los.

— Não preciso, me deixe ficar assim, Cage.

— Quero que você olhe o que vou fazer. — Ela os abre.

— O que vai fazer? — pergunta, ofegante.

— Ser o primeiro a te dar um orgasmo hoje à noite. — Fico de joelhos e suspendo seu vestido. Estou me lixando se alguém vai aparecer.

Eu só quero uma coisa. Ela.

Cada parte sua.

Aqui, e agora.

Ela se apoia na parede para não perder o equilíbrio, e eu suspendo sua perna esquerda, colocando sob o ombro. Não perco tempo, minha boca e língua parecem ganhar vida própria quando uso uma das mãos para afastar sua calcinha de lado e devoram cada centímetro seu.

Ela tem gosto de céu.

É a porra do paraíso.

E eu vou — mais que satisfeito — arder no fogo do inferno por isso.

Ela parece tensa no início, percebo quando seguro sua coxa com mais força, então mudo o ritmo, suavizo meu toque, mas os golpes da língua não. Não quero mais sair daqui, nunca mais, mas alguma parte no meu subconsciente solta um alerta e me faz lembrar de onde estamos, então com muita relutância dou o golpe final, aquele que eu sei que vai levá-la aonde eu quero. No céu junto comido. Dou uma leve mordida em seu clitóris, e ela goza. Com um gemido suave, ela se desmancha na minha língua. E eu pego tudo que me é oferecido, cada gota do que sempre foi meu.

Quando levanto, seus olhos estão fechados, absorvendo o momento. É exatamente assim que eu me sinto agora, como se estivesse em outro mundo. Um mundo só nosso.

Começo abrir a boca para falar, mas sou interrompido por alguém dando um puxão no meu braço, me afastando dela.

— Acho bom você se apressar para o banheiro — diz Estela a Erin, que nos olha assustada. — Anda logo antes que seu marido seja o próximo a chegar aqui. — Ela segura Erin e praticamente a empurra para dentro do banheiro.

— Que porra é essa, Estela? — rosno, não entendendo nada.

— Você me deve uma, cacete. Uma enorme. — Ela me empurra contra a parede e segura meu rosto com as mãos. — Estou salvando a sua pele, caralho, então vê se colabora.

Não tenho tempo de reagir porque sua boca avança na minha. E não é um beijo de amigos. Sem parar de beijar, ela pega minha mão e coloca na sua

NACIONAIS-ACHERON

bunda.

— Merda, ela gozou na sua boca — murmura e volta a me beijar, e minha nossa, com muito mais vontade do que antes.

Ainda atordoado, sem entender porra nenhuma, escuto alguém se aproximar. Ergo os braços para começar a afastar Estela, que está praticamente transando à seco comigo, mas congelo quando ouço uma voz. A voz de Luke.

— Aí está você — diz ele, e eu olho na sua direção, vendo Erin sair do banheiro. O olhar dela para em mim e Luke acompanha o movimento de seus olhos. — Ops, acho que o lugar está um pouco cheio. Vamos, amor, melhor irmos para casa.

— Se você se mexer, eu te mato — sussurra Estela ríspidamente antes de beijar meu pescoço. Nem se eu quisesse isso seria possível, a mulher está me esmagando.

Quando Luke e Erin saem, Estela finalmente me solta, ela encosta na parede ao meu lado, ofegando. Então, começa a rir.

— Santo Deus! Essa foi por pouco.

— Você acabou de impedir um possível assassinato, isso é certo. — Solto um gemido só de pensar nas possíveis consequências desse flagrante.

— Eu vi quando ela veio para cá, e deduzi que você estaria aqui quando não te vi na mesa.

— Obrigado, Estela.

— Não precisa me agradecer. — Ela bate no meu peito. — Não fiz isso só por você.

— Não vai me dizer que se apaixonou por ela também? — Yeap, aqui vamos nos outra vez com o bicho verde do ciúme mostrando sua cara.

— Não vou mentir, ela tem um gosto fantástico. — Ela limpa a boca com as costas da mão. — Mas ela é sua, meu amigo, toda sua.

— Preciso te agradecer por isso?

— Consiga sua mulher de volta, Cage, e estaremos quites.

— Não serei um pecador por pegar de volta aquilo que me pertence. —
NACIONAIS-ACHERON

Meu tom sai irreconhecível.

— Esse é o espírito, meu amigo.

Estela bate de novo no meu peito e voltamos para a mesa, não me surpreendo quando leio uma mensagem de Daniel dizendo que foram embora porque sua esposa não se sentia bem. O que, na verdade, me deixa surpreso é Erin e Luke ainda estarem aqui.

— Estávamos esperando vocês — diz. Tenho a ligeira impressão de que seu tom de voz soa alegre demais.

— Não precisava — informo, olho na mesa a procura de um copo cheio, e Luke percebendo, me entrega um.

— Engraçado, não me lembro de ter visto você beber tanto assim, Cage.

— Velhos tempos, novos hábitos. — Tomo metade da bebida num gole só. — Vamos? — pergunto a Estela.

— Com certeza. — Ela pega a bolsa. — Foi um prazer conhecer vocês — diz para Erin e Luke, meu irmão se levanta para cumprimentá-la, mas Erin permanece sentada.

— Igualmente — responde ela.

— Vocês também vão embora agora? — pergunta Estela a Erin, e eu fico sem entender nada.

— Sim, acho que sim. — Ela olha para Luke que apenas concorda.

— Maravilha, nossa carona pelo visto nos deixou na mão, então a gente pode ir com vocês? Tudo bem para você, Cage? — A cara de paisagem da Estela é ridiculamente estúpida quando me olha. Tenho vontade de dizer que é uma péssima ideia, mas concordo mesmo assim. Estela nunca faz nada pela metade e sinto que está armando alguma coisa. Eu não sei o que é, mas ela sendo uma das poucas pessoas que confio, deixo ela seguir em frente. Só espero não me arrepender disso depois.

— Se não for incomodar, tudo bem. — Minhas palavras nunca soaram tão idiotas.

— Incomodo nenhum, você é meu irmão. Quantas vezes me levou bêbado para casa? Hora de retribuir o favor. — Luke sorri e estende a mão

para a esposa. Erin levanta e vamos todos embora.

Durante o caminho, vou no banco de trás com Estela, que resolveu fazer do meu corpo um parque de diversões pessoal, passando a mão por ele e soltando risadinhas safadas. Fico me perguntando em que ponto da noite que me distraí e acabei não vendo ela bater com a cabeça. Porque ela realmente perdeu o juízo.

— Obrigado pela carona — digo ao meu irmão quando saímos do carro.

— Sempre que precisar. Espero que não acordem o papai, sabe como ele fica mal-humorado quando é acordado no meio da noite. — E dá uma piscadela para nós.

— Estamos na garagem — responde Estela com um sorriso sacana, segurando meu braço. — Barulho zero. Pelo menos, eu espero. — E agora quem pisca é ela, e meu irmão sorri.

Olho em Erin e nossos olhares se encontram — e mais uma vez nada de vazio — só que agora noto emoções diferentes de antes. E tenho receio de que nenhuma me agrada.

Raiva, desprezo e determinação...

Quando ela vira o rosto para frente, sinto como se tivesse levando uma martelada no peito.

Não ouço nada do que Estela e Luke estão conversando porque minha concentração está focada só nela e o que eu percebo, emana de sua postura, expressão e corpo. Ela está resignada. Determinada em sair de uma vez por todas da minha vida. É claro como água.

Ela se sentiu usada.

E isso destrói o que resta de mim.

Erin

Depois que deixamos Cage e sua *acompanhante* em casa, Luke permanece em silêncio durante a volta para casa. Esta noite Liam vai dormir fora, e pensando em tudo que aconteceu nesse jantar, na dança ridícula que fui obrigada a participar, receio que meu marido tenha planos para mim.

Sinto os dedos tremerem quando toco a maçaneta do carro assim que ele estaciona. Seria louco não descer? Seria exagero demais ficar aqui, só para não ter que passar por qualquer coisa que esteja me esperando lá dentro? Ou deveria enfrentar logo de uma vez o que tenho pela frente, e acabo logo de uma vez com essa dor que sinto no peito ao reprisar sem parar a imagem de Cage com a boca em mim e nem um minutos depois, a mesma boca que me devorou, assolar a de Estela. Como fui idiota.

— Você não vem? — pergunta Luke, parado na frente da porta do carro, como se tivesse se teletransportado de dentro do carro para fora.

— Desculpe. — Saio do carro e o acompanho.

Cada movimento seu, meu corpo estremece levemente. É involuntário. O barulho das chaves ecoando no silêncio da noite, parece que até os bichos noturnos se esconderam. Acho que o que dizem é verdade; os animais sentem quando um predador maior está se aproximando. Seus passos são pesados e determinados ao subirmos as escadas. A fechadura da porta do quarto range quando ele a abre.

Eu entro.

Ele acende as luzes.

Meu coração acelera.

— Tire a roupa. Deite-se na cama.

— Luke, eu...

— Faça o que eu digo, Erin.

— Estou cansada. — Tento argumentar.

Ele caminha na minha direção, e me analisa da cabeça aos pés, num

NACIONAIS-ACHERON

piscar de olhos, sua mão vai para o lugar favorito dele.

Minha garganta.

— Está na hora de te mostrar que a única pessoa que você deseja de verdade está bem aqui na sua frente. — Ele aperta mais, minhas mãos tentam em vão aliviar seu aperto. — Está na hora de mostrar que a única pessoa que você tem que ter ciúmes é a mesma que está te tocando agora. — Ele começa a andar, me empurrando até parar quando minhas pernas batem na cama. Ele continua com a mão envolvida no meu pescoço, aumentando a força do aperto a cada palavra que sai de sua boca. — É só comigo que deve se importar, querida. E quando eu acabar com você está noite, não vai restar qualquer resquício de dúvidas nessa sua cabecinha linda.

— Você está me machucando — consigo dizer, e então ele solta meu pescoço.

— Ainda nem comecei... *meu amor*. — E dá o sorriso mais sinistro que eu acho que já vi no rosto dele. Meu sangue gela.

Ele me empurra com tudo e eu caio de costas na cama. Observo ele ir até o armário e pegar sua maleta.

Merda.

Merda.

MERDA.

— Hoje será sem anestesia, amor. Pode gritar à vontade. — Luke ergue seu bisturi, o brilho do metal me dá ânsia. Ele passa o dedo suavemente na lâmina e vejo um fio de sangue escorrer nele antes de levá-lo à boca e lamber o fio vermelho. Engulo em seco, tentando impedir o jantar que está subindo pela garganta, exploda pela boca.

Ele se aproxima da cama, um joelho na cama, depois o outro, e então senta sobre mim com uma perna de cada lado, me imobilizando na cama. Levando o bisturi até a minha garganta, percebo o movimento dele ao engolir, o filho da puta deve estar com uma enorme ereção. Ele adora ver o medo nos meus olhos.

— Estava com saudades das nossas brincadeiras. — Seu tom confirma o quão excitado está, a cabeça inclina de um lado a outro, analisando.

NACIONAIS-ACHERON

— Isso que você faz não é brincadeira, Luke.

— É sim, quando alguém está se divertindo, e meu amor, eu me divirto muito — retruca, e se abaixa, beija minha boca, depois o pescoço.

Ele se afasta e vejo um brilho doentio tomando conta dos seus olhos. Tira o celular do bolso, e, se estou correta, ele deve estar abrindo o aplicativo que acessa o sistema de som do quarto. A música começa a tocar, confirmando meu palpite.

“Let Me Live My Life” de Saint” Asonia é a trilha sonora que ele sempre coloca nesses momentos. Eu a odeio tanto, cada letra, cada batida.

Luke me encara enquanto escorrega habilmente pelas minhas pernas até chegar na altura da barra do vestido. Ele continua com os olhos colados aos meus ao mesmo tempo em que prende as pernas contra as minhas. Observo quando ele começa a rasgá-lo debaixo para cima, e só então me dou conta do propósito de seus movimentos, alinhando o tecido para um corte liso. Assisto hipnotizada o bisturi se aproximar da virilha. Assim que alcança ali, instintivamente tento me afastar.

— Mecha-se e eu corto algo que não deveria — avisa e continuar a subir, seu bisturi afiado não encontra dificuldades enquanto vagarosamente faz seu caminho pelo meio das minhas pernas, abdome e por fim, chega aos seios, onde raspa o bisturi deitado por cima de um mamilo, depois faz o mesmo com o outro. Minha calcinha também tem o mesmo destino, ele transformou algo belo, em um monte de trapos.

Quando termina seu trabalho cirúrgico no tecido, puxa o que sobrou debaixo do meu corpo, jogando-o no chão. Fico parada, porque eu sei que se não cooperar, as coisas podem piorar. Porém, não consigo conter as lágrimas que rolam pelo rosto, borrando toda a maquiagem, trazendo a Erin sem vida, de volta a realidade. Fecho os olhos com força porque não quero ver mais nada. Gostaria de não sentir mais nada.

— Você lembra de quando as fiz? — ele aponta para as cicatrizes no meu ventre enquanto sou tomada pelas memórias da noite em que eu conheci o verdadeiro monstro o qual me casei.

— *Você cheira a pecado. — diz enquanto observa o sangue escorrendo pela minha barriga. Passando a mão nas feridas que ele mesmo infligiu com o bisturi. — Pecado e decadência — Ele passa a língua provando meu sangue, sinto vontade de vomitar, seu olhar é fascinado.*

Meu corpo está dormente nesse momento, anestesiado, literalmente. Luke é preciso em seus movimentos, ele não quis correr o risco caso eu me movesse. Pânico me sufoca, porque eu vejo, mas não sinto. Não consigo me mover.

— *Está gostado delas? — Seus dedos traçam as linhas novamente. — Cada uma delas será para simbolizar um mês longe dela. — ele está se referindo a nossa filha e meu coração aperta de tristeza. — Hoje faz um ano que perdi algo precioso Erin, e eu vou fazer você se lembrar disso. Você já tem doze marcas, querida. Parabéns.*

— Porra! Até seu sangue me excita. Você tem noção de como isso é fodido? De como você mexe com a minha cabeça? Abra bem as pernas. — Suas palavras novamente me fazem voltar ao presente — Não vou te machucar. — Isso me pega de surpresa, abro os olhos e o vejo jogar o bisturi no chão. — Mas não posso deixar você esquecer, não é mesmo?

Estremeço.

Mais lágrimas rolam pelo rosto.

Copiosamente.

Minhas mãos vão para o meu ventre, onde está coberto de cicatrizes, feitas pelo maldito bisturi. Estou tão cansada, desesperada por um pouco de paz, que não consigo parar de chorar.

Luke puxa as minhas mãos dali e as substitui por beijos, passa a língua pelas cicatrizes e eu choro ainda mais. Suas mãos tocam meu corpo, nos mesmos lugares que Cage tinha tocado pouco tempo atrás. Tento desligar a mente, como fiz inúmeras vezes.

Só que dessa vez é demais. Cage e Luke, os dois na mesma noite. O mesmo rosto, meu anjo e meu demônio. Às vezes, não consigo saber qual papel cada um representa na minha vida.

Luke tira as roupas, e volta a beijar meu corpo, seu toque é cheio de reverência e desejo, mesmo quando sua boca encosta na barriga marcada, sinto seu carinho. Mais lágrimas descontroladas começam a cair porque percebo que estou excitada. Ele deita sobre mim e se posiciona entre as minhas pernas. Tento virar a cabeça, mas ele não deixa, segurando meu queixo com uma das mãos e me faz encará-lo. O olhar doentio de antes foi substituído por um olhar apaixonado. Então, um grito sai da minha boca quando ele me penetra de uma vez.

E meu grito não é de dor, é de desespero.

Desespero em saber que esse é o destino que escolhi.

Medo por ter certeza de que jamais vou conseguir me libertar.

As investidas são suaves e carinhosas, explorando os movimentos, fazendo meu corpo responder ao encontrar os pontos certos que ele descobriu ao longo dos anos. Luke acelera o ritmo e goza, gritando meu nome. Empurrando tão forte, que eu gozo junto. Ele só para de se mexer, quando tem a certeza de que conseguiu tirar de mim tudo que ele queria.

— Eu amo você — sussurra, limpando minhas lágrimas.

— Eu não me importo. E odeio você. — As palavras saem antes que eu consiga impedi-las, ele se assusta, mas consegue se recompor rapidamente.

— Odeia? Não se importa? Estou pagando para ver isso, querida. — Ele ainda está dentro de mim.

— EU. NÃO. ME. IMPORTO — grito e começo a me debater. — Você pode dizer que sou sua, pode dizer que me ama. Eu não me importo mais, Luke! — grito outra vez, meus braços começam a socar seu peito. — Você não vai tirar mais nenhuma lágrima minha, sabe porquê? — Estou gritando feito louca. — EU NÃO ME IMPORTO MAIS! — repito aos berros. Ele segura meus pulsos me impedindo de bater nele.

— Vou ter um enorme prazer em fazer você se importar, Erin. Um enorme prazer.

Ele solta meus pulsos com tudo, e levanta. Vai ao banheiro, e não me escapa o fato de ele não pegar o bisturi do chão para guardar. Ele ainda tem planos para a noite, mas dessa vez, se depender de mim, a festa acabou. Ouço

o chuveiro funcionando, e aproveito minha chance, viro para a cômoda e pego o frasco de comprimidos para dormir. Nunca tomei voluntariamente, mas agora? As únicas coisas quero são: frustrar os planos de Luke, e então, fechar os olhos e esquecer tudo.

Até mesmo de Cage, e a imagem das suas mãos no corpo da Estela.

Erin

Acordo ainda zonza, com o quarto vazio. Luke deve ter ido trabalhar, então tenho algum tempo para me recompor. Sinto o corpo exausto e dolorido com toda tensão de ontem; o orgasmo que Cage me deu, o orgasmo que Luke me roubou.

Minha mente tenta processar tudo que eu disse a ele, e droga, devo estar mesmo louca, porque em todos esses anos eu nunca o enfrentei desse jeito.

Mas tudo que eu disse, era verdade. Não estou conseguindo aguentar mais.

Tomo um longo banho antes de trocar de roupa, e o tempo todo lembrando da noite anterior, de Cage, de Estela, e do beijo escaldante deles depois de me abordar daquela maneira. Eu me sinto tão patética. Porém, se não fosse Estela chegar naquele exato momento, Luke teria visto a gente, e eu tenho certeza de que o bisturi não teria sido meu único martírio. Um calafrio atravessa pelo meu corpo só de pensar.

Quando estou para sair do quarto, a campainha toca. O que é estranho, não estou esperando visitas. Antes de descer para atender a porta, dou uma olhada rápida no espelho, nenhuma marca aparente no pescoço, o desgraçado sabe dosar a força. A campainha toca outra vez e eu me apresso.

— Olá. — Uma loira alta e estonteante diz assim que abro a porta, os imensos óculos escuros são colocados para cima da cabeça e ela abre um amplo sorriso. — Bom dia, Erin — cumprimenta Estela.

— Bom... dia?! — Minha resposta mais soa mais como uma pergunta. O que a Estela está fazendo aqui? Dizer que estou surpresa com sua presença é um . É tudo o que eu não preciso agora, ainda mais depois da noite passada. Será que veio brigar comigo por causa do Cage?

— Seu marido está? — Ela olha por cima do meu ombro, evidentemente o procurando dentro da casa.

— Não, Luke está no trabalho.

— Maravilha. — Ela não espera o convite para entrar, simplesmente

NACIONAIS-ACHERON

entra e se acomoda no sofá como se estivesse na casa da melhor amiga. *Que ótimo.*

— Gostaria de beber alguma coisa? — pergunto.

— Não, obrigada. Não pretendo demorar. — Ela cruza as longas pernas, os saltos poderiam deixar qualquer mulher desconfortável, mas ao vê-la caminhar elegantemente até o sofá, posso ver que os usa com maestria. — Sente-se, Erin, eu não mordo. — Ela dá um tapinha no lugar vazio ao seu lado. Que situação mais estranha, no entanto, sei reconhecer quando estou em dívida com alguém. Ela, literalmente, salvou a minha pela ontem.

— Eu preciso te dizer que o que quer que esteja pensando sobre ontem... — eu me apresso em dar uma explicação, mas as palavras morrem, porque eu não sei nem por onde começar.

— Sou uma coisinha curiosa e adoraria ouvir como é que Cage te fez gozar ontem, pode acreditar, mas não é sobre isso que eu vim conversar. E não se preocupe, não vim para dar uma de namorada ciumenta, ou coisa parecida. — Meu rosto esquenta de vergonha.

Tenho uma mulher estranha na minha sala, falando sobre como eu gozei ontem com um homem que não é meu marido, e que segundos depois estava beijando-a.

— Detesto rodeios, e acho que já percebeu isso também, por tanto, vou perguntar logo de uma vez. — Sua voz é tranquila e gentil, porém determinada. Aceno com a cabeça para que ela continue. — Quando foi que ele começou a bater em você?

Fico absolutamente sem reação, não consigo verbalizar nada, é como se as palavras virassem sopa de letras no meu cérebro. Ela sabe, mas como?

Demoro bons segundos para conseguir reorganizar a bagunça que está virando a minha cabeça antes de responder.

— Desculpe, Estela, mas não tenho ideia do que está falando. — Inesperadamente, a cada palavra que me sai da boca sinto como se uma faca estivesse sendo cravada e torcida no peito. Não percebo quando começo a massagear o peito com uma das mãos, só me dou conta disso porque pego Estela observando o movimento como um falcão. Rapidamente abaixo a mão, e seus olhos estreitam ao me encarar por alguns instantes.

NACIONAIS-ACHERON

— Sabe, Erin, os homens são idiotas. — Ela se inclina e pousa a mão sobre a minha. Eu abaixo a cabeça e fico olhando sua mão. — Eles não enxergam como nós. Como as mulheres enxergam. — E aperta minha mão suavemente, é um aperto reconfortante. — Uma mulher que já passou pela mesma coisa que você, consegue enxergar os sinais tão claros como o dia. — Ergo a cabeça e vejo uma lágrima solitária rolar pelo seu rosto. — Cada movimento rígido, sorriso forçado, ou aperto mais firme. Reconheci todos eles, Erin. — E também sou capaz de sentir a sua dor aqui... — E ela toca meu coração com a palma da mão.

Não consigo desviar do seu olhar, e o que vejo nele me faz chorar junto com ela.

— Eu... — Erguendo a mão do meu coração, ela a usa para limpar as lágrimas que caem sem parar do meu rosto.

— Meu padrasto fez o mesmo comigo. A primeira vez que aconteceu, eu tinha oito anos. — Sua voz vacila. Depois respira fundo e ela aperta minha mão novamente. Só que dessa vez quem tenta dar um pouco de conforto, sou eu, e ela sorri com o gesto. — Durante todas às madrugadas que ele entrava no meu quarto, eu fechava os olhos e fugia para dentro da minha própria mente. A cada tapa ou chute que recebia dele, meu corpo adormecia mais e mais. Até que um dia, eu já não senti mais nada.

— Sinto muito. — Sei que não deve servir de nada, mas dói pensar numa garotinha inocente conhecendo tamanha brutalidade.

— É exatamente isso que eu espero de você, Erin, que sinta. Que sempre sinta até que seja capaz de se libertar. Não faça como eu, não adormeça. — Ela limpa o rosto coberto de lágrimas. — Quando meu pesadelo acabou, foram anos de terapia, anos sem permitir o toque de qualquer homem em mim. As memórias eram doloridas demais.

— Mas, e Cage? — Fico confusa. Ela é o retrato da sensualidade, carisma e confiança.

— Passei a me relacionar com mulheres. — Por essa eu não esperava. — Mas, então conheci Cage, e entre uma bebida e outra, a gente acabou transando.

— Entendo. — E compreendia de verdade. Cage tem esse magnetismo,
NACIONAIS-ACHERON

ele é doce, gentil e irresistível.

— Erin, não estou dizendo que Cage me salvou e que sou apaixonada por ele. O que aconteceu serviu para que eu percebesse que nem todos os homens eram iguais, entende? Gosto tanto de homens quanto de mulheres, e hoje já consigo ter relacionamentos. — Dessa vez ela retira um lenço da bolsa e limpa o rosto, depois me oferece, mas eu recuso. — O que estou tentando dizer é que sou amiga do Cage, e se você quiser, serei sua amiga também.

— Por que quer ser minha amiga? — Não fazia sentido.

— Por que você precisa de uma, Erin. Precisa de alguém que possa escutá-la sem fazer julgamentos, que não te faça se sentir culpada. Não somos culpadas, nunca somos.

— É diferente, eu fiz isso comigo — digo, envergonha.

— Ele te bateu porque o obrigou ou pediu? — Cubro o rosto com as mãos. — O que eu quero dizer, Erin, é que você precisa enxergar e aceitar que não é a responsável por nada disso. Só existe um monstro nessa história, e nós sabemos que não é você. — Estela suspira alto e se levanta.

— Não sei se consigo. — Minha voz sai tão baixa que não sei se ela escutou. Ergo os olhos e o carinho ali me diz que ela ouviu perfeitamente.

— Todos somos capazes de conseguir o que queremos, Erin. Basta ter coragem. E não se esqueça, você não está mais sozinha. — Ela se aproxima e deposita um beijo no meu rosto.

Quando começa a caminhar na direção da porta, para e me olha de novo. Tenho a nítida impressão de que está se debatendo sobre alguma coisa, mas sua hesitação dura apenas alguns segundos.

— Seu homem ainda te ama, Erin. E não tem ideia do que está acontecendo com você.

— Por favor, Estela, não diga nada — imploro. Por incrível que parece, durante a nossa conversa não me lembrei de Cage. — Não sei o que ele vai fazer se descobrir.

— Eu sei, e lá no fundo, você também sabe. É por isso que tem medo? — pergunta, curiosa.

— Já não faço ideia de quais são os meus verdadeiros medos —
NACIONAIS-ACHERON

confesso.

— Eu te entendo, mas acredito que você pode sair dessa, assim como eu consegui.

— Olhar para você e imaginar que passou pelo inferno, é difícil de acreditar — comento.

— Muita gente não imagina, Erin. Acho que ficamos *expert* na arte de representar, não é? — Sorrimos uma para a outra, mas que de alegres não tem nada. — Dê o que as pessoas querem ver e, *voilà*, todo mundo fica feliz. E acredite em mim, ninguém quer ver uma mulher com um rosto machucado.

— No entanto, o pior, fica onde ninguém pode ver — digo.

— Feridas na alma não se curam, Erin, mas elas nos deixam mais fortes. — E com isso retoma a direção da porta. — Não precisa me acompanhar. — Ela coloca os óculos de volta no rosto. — Pense no que eu disse e converse com Cage, deixe que ele cuide das coisas. Ele sabe o que fazer, confie. — Diz sobre o ombro antes de abrir a porta.

Estela sai da mesma forma que entrou, me deixando sem palavras. Eu continuo sentada no sofá, atônita e confusa, digerindo o caminhão de informação que foi despejado na minha cabeça.

Minha nossa! Nem Libby que é a minha amiga mais antiga sabe o que acontece dentro dessa casa, sinto tanta vergonha que nunca tive coragem de contar. Agora uma estranha bate na porta da minha casa para oferecer amizade e compaixão.

O mais difícil de tudo, é saber que cada palavra que ela disse é verdade. Estela não contou uma história de mentira, tirada de algum livro. Ela viveu isso assim como eu, uma alma quebrada sempre reconhece a outra, uma triste realidade.

Por falar em *realidade*, antes de subir para o quarto, resolvo ligar para Luke. Nossa ligação é breve, preciso saber se almoçará em casa, mas ele avisa que vai ficar trabalhando até tarde. Seu tom de voz está um pouco estranho, porém resisto ao impulso de perguntar se havia algo errado, depois dos últimos acontecimentos, tudo estava fora do lugar. *Mas quando estiveram no lugar certo?*

Vou para o quarto, e antes que perceba, estou puxando uma tábua solta do assoalho debaixo da cama. E tiro a caixa.

A caixa que contém toda a minha vida. Fotos de quando Cage e eu namorávamos. Momentos eternizados, que mesmo com o passar dos anos, não se apagaram. Seguro uma foto nossa com força contra o peito.

Estela tinha razão, preciso me libertar. Mas também preciso deixar o passado para trás, e começar a pensar no futuro. Determinada, eu decido dar o primeiro passo.

Coloco as fotos de volta na caixa e desço as escadas correndo, preciso me livrar disso tudo. Antes que Luke a encontre, antes que esse maldito círculo vicioso de obsessão absorva o resto de sanidade que me resta. Não eram só os vídeos que eu assistia nesses anos todos, nessa caixa, além das nossas fotos, tenho imagens de todas as matérias publicadas e cada capa de revista que Cage estampou.

Abro a porta abruptamente, ainda segurando a caixa quando esbarro em alguém. A caixa escapa das minhas mãos e cai, abrindo a tampa e espalhando tudo pelo chão. Agacho, desesperada tentando recolher e guardar tudo, não me importando em olhar para cima e ver em quem eu esbarrei. Então, ergo a cabeça ao mesmo tempo em que ele pega uma das fotos.

— Também senti sua falta. — Ele está agachado, segurando a nossa foto nas mãos, com amor brilhando nos olhos enquanto me encara.

— Cage! — Meu coração dispara. Ele volta o olhar para nossa foto de novo e sorri. O meu sorriso favorito, mostrando o quanto está feliz com o que acabou de ver.

Ele realmente sentiu a minha falta.

Mas, não mais do que eu senti a dele.

Luke

Já são quase meio dia e a papelada em cima da minha mesa mostra que eu não estou nem perto de terminar, não que esteja reclamando, mas preencher esses relatórios não é exatamente a parte mais excitante do meu trabalho.

— Doutor Nolan? — Samantha, minha secretaria bate na porta antes de entrar, me interrompendo.

— Sim? — Não tiro os olhos da pilha de papéis.

— A senhora Marshal está aqui, ela pediu para vê-lo. — Isso me chama atenção porque geralmente Libby não vem até o hospital.

— Peça para ela entrar. — Samantha acena e sai, alguns instantes depois Libby entra feito um tornado na minha sala. Dizer que ela está furiosa é um .

— Seu irmão me encurralou na festa, Luke. Literalmente. Você perdeu a trava na língua e acabou abrindo a boca? — ela praticamente grita na minha cara.

— Bom dia para você também, Libby. Vejo que teve uma noite bem interessante. E não, ao contrário do que você pensa, não dei com a língua nos dentes. Como pode ver, sou médico e não mago, portanto não possuo uma bola de cristal, assim fale logo de uma vez que raios está acontecendo. — Ela bufa e senta na cadeira a minha frente.

— Estou falando sério, Luke. Ele me ameaçou. A gente precisa resolver nossa situação.

— Ameaçou? — Franzo o cenho, isso não é típico de Cage. E o que diabos ela quer dizer com nossa situação? É quase hilário.

— Sim, ele quer que eu me afaste de você e da Erin. Acho que está na hora de assumirmos nossa relação pelo bem de todos.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar com essa baboseira toda, Libby. — Se ela continuar tomando meu precioso tempo, vai sair daqui bem diferente de como entrou. — Não existe relação aqui.

— Aonde quero chegar? Pelo amor de Deus, Luke! Ele quer que a gente pare de ser ver! Exigiu que eu saia da vida do Daniel. E se a merda bater no ventilador meu divórcio vai acabar acontecendo! — ela começa a falar sem parar.

— Qual é o drama, Libby? Peça logo de uma vez a porcaria do divórcio, você vem choramingando sobre isso a meses.

— Ele também quer que eu saia da vida da sua esposa. Então, Luke, ainda estou fazendo drama? — Sinto o maxilar travar, não gosto nada disso. A única pessoa que tem permissão de decidir qualquer coisa a respeito da minha esposa sou eu e somente eu. Ora, ora, ora... Cage está começando a mostrar as garras. Até onde meu irmão é capaz de ir? Um sorriso começa a surgir no rosto mas desaparece assim que ouve as próximas palavras de Libby.

— Posso pedir o divórcio, você também vai pedir porque não estou sozinha nessa. A gente começou uma relação juntos e vamos terminar do mesmo jeito!

— Quer que eu peça uma tomografia para você? — Ela me olha como se tivesse crescido mais três cabeças em mim. — Porque você só pode estar delirando.

— Luke, ele me ameaçou! Não entende a gravidade?

— Sim, ele ameaçou a *você*. Sabe, Libby, meu irmão nunca gostou de vagabundas. — Ela me encara atônita com as minhas palavras, estreita os olhos enquanto se levanta lentamente, coloca as mãos na minha mesa, e se inclina em uma pose ameaçadora. — E eu vou repetir, não temos nenhuma *relação*. — Senhor, ela é estúpida ou o que?

— Não brinque comigo, Luke. Acho que a sua esposa perfeita não vai gostar de saber que fodemos há anos, nem que o seu filho vai aceitar que o pai dele dormiu com a mãe do seu melhor amigo.

Suas palavras me penetram sem muito alarde. Tenho vontade de gargalhar mas me seguro. Observo sua postura, porém mesmo com toda a bravata, consigo sentir o cheiro do seu medo. Ela está assustada, como um coelho encurralado.

Acontece que o medo faz com que as pessoas tomem atitudes estúpidas,
NACIONAIS-ACHERON

e agora, eu não tenho tempo para isso. Seguro o abridor de cartas na mão. Ela não percebe o movimento.

— Venha aqui, Libby — ordeno, ela hesita por um segundo, mas logo me obedece. A blusa de seda com alça fina deixa à mostra um generoso decote. Eu sorrio com a visão. — Ajoelhe-se. — Dessa vez sem um segundo de hesitação. Ela sempre faz tudo que eu mando, e eu quase reviro os olhos.

Pego o abridor de cartas e desço vagorosamente entre seus seios. A raiva nos olhos dela é substituída por excitação.

— O que vai fazer? — pergunta ela, mas a vadia sabe a resposta. Enfio o abridor por dentro do seu sutiã e afasto um lado, depois faço o mesmo com o outro. Os mamilos já estão duros e apontando para mim. Raspo a ponta do abridor em um deles e ela ofega. Eu sorrio.

Meu celular toca roubando minha atenção. Imediatamente sinto meu pau ficar duro feito aço quando olho a fotografia no visor.

Erin.

Timing perfeito.

— Chupa meu pau, Libby — ordeno, ela olha para mim, depois para o celular, e antes que ela abra a boca para questionar, ergo seu queixo usando o abridor de cartas. — Não me faça pedir de novo. — Meu olhar duro é o suficiente para ela saber que não deve tentar a sorte comigo.

Ela pisca, e então, rapidamente abre minha calça e sem perder mais tempo, me coloca inteiro na boca.

— Oi, querida. — Atendo a ligação, e já coloco no viva-voz porque sei que vou precisar das mãos livres.

— Oi, Luke. — *Porra!* Eu amo quando ela fala meu nome. Libby tenta se afastar, mas a seguro no lugar com uma das mãos e uso a outra para massagear um dos seus mamilos.

— Diga, meu amor. — Eu passo para o outro mamilo e aperto. Quando Libby geme, aperto seu cabelo num aviso claro para ficar quieta.

— Eu só liguei para saber se vem almoçar em casa.

— Não, querida. Me desculpe, mas estou um pouco enrolado aqui com

alguns relatórios. — Começo a conduzir os movimentos de Libby do jeito que eu quero, bem devagar.

— Tudo bem, e para o jantar?

— Eu te ligo mais tarde para avisar, tudo bem? — Empurro a cabeça da Libby para baixo, indo mais profundo. Sei que ela não vai engasgar, a vagabunda adora chupar um pau. Reprimos um gemido.

— Combinado, se vier jantar em casa, gostaria de algo em especial? — pergunta Erin, totalmente alheia ao que está acontecendo.

— Só você querida, só você — respondo e ouço sua respiração resignada.

— Até mais tarde, Luke.

— Até, eu amo você. — Ela não responde de imediato, mas sabe o que tem que fazer, e eu espero enquanto empurro mais fundo na boca da melhor amiga dela.

— Também amo você.

E antes mesmo de desligar a ligação, estou gozando. Forte e intenso. Jogo a cabeça para trás enquanto meu corpo treme com os espasmos.

Cacete, eu amo essa mulher.

— Não acredito que você fez isso. — Libby levanta arrumando o sutiã no lugar. — Sério, Luke, precisamos resolver isso.

— Já resolvi — digo, fechando o zíper.

— Revolveu? Como? — pergunta, confusa.

— Você viu o que aconteceu aqui, não viu? É por essa razão que não vou me separar da Erin. Peça seu divórcio, faça o que achar melhor. — Libby está com medo das ameaças do Cage, mas eu o conheço muito bem, ele pode até ter ameaçado ela, mas jamais contaria a verdade, não com a saúde mental da Erin tão frágil.

— Você só pode estar brincando! — Seu assombro chega a ser hilário.

— Não estou, você sabe muito bem o seu lugar na minha vida. Uma trepada, vez ou outra. Portanto, Libby, não enche o meu saco.

— Era a minha boca que estava no seu pau, idiota. — Ela aponta o dedo na minha direção. Como ela é irritante.

— Mas foi a voz dela a responsável pela minha excitação. — Ela parece ter levado uma bofetada. Sua mão voa para o meu rosto, mas eu a seguro antes que alcance seu objetivo. — Vá para casa, Libby. Não seja estúpida. — *Mais do que já está sendo.*

— Você é um escroto, Luke.

Ela se afasta, terminando de ajeitar a blusa antes de sair enfurecida do meu consultório, tão brava quanto quando entrou.

Quando sua figura desaparece ao fechar a porta, pego o telefone e ligo para minha secretária.

— Samantha?

— Sim, doutor?

— Meu almoço já chegou?

— Já estou levando.

— Obrigado — agradeço e volto a atenção para os papéis, quase esquecendo o surto da Libby.

Quase.

Cage

As mãos dela tremem quando nossos dedos se tocam, ou são as minhas que estão tremendo? Não sei dizer ao certo, mas o que eu vi espalhado no chão, não me assustou, pelo contrário, me encheu de esperança.

Não dormi nada noite passada enquanto Estela ocupava a minha cama, eu preferi improvisar algo no chão, mas esse não foi o motivo da minha insônia. Foi Erin.

Tudo o que vi no seu olhar quando eles nos deixaram, acabou me fazendo sair de casa antes do dia amanhecer e ficar dirigindo por horas sem rumo pela cidade.

— Luke não está. — Suas palavras soam vazias assim que deixam seus lábios, e meu sorriso morre instantaneamente com a menção do marido. A porra do meu irmão.

— Não vim aqui para vê-lo. — Observo ela absorver minhas palavras, ela respira fundo e olha para algumas fotos que ainda estão espalhadas pelo chão.

— Isso é tão embaraçoso. — Ela começa a guardar tudo apressadamente, vermelha de vergonha.

— Eu já disse que também senti a sua falta, Erin. — Não largo a foto que está na minha mão, é uma de nós dois juntos. É tão difícil de me segurar para não pegá-la nos braços agora mesmo e mostrar o quanto eu também pensei nela durante esses anos.

— O que você quer, Cage? — Ela termina de recolher tudo, levanta e aperta a caixa com força contra o peito.

— Conversar com você. — Ela não diz nada. — Sobre ontem.

— Não precisa me explicar nada, Cage. A Estela, ela...

— Não é sobre ela que eu quero falar, Erin. É sobre o que aconteceu entre a gente. — Estendo a fotografia, ela olha e a pega rapidamente, guardando dentro da caixa. — Pode sair um pouco? Eu sei que Luke está no

hospital, e acredito que Liam esteja na escola, eu só preciso de um tempo a sós com você.

— Tudo bem. — Sua resposta, por mais que desejada, não era a que eu esperava. Surpreso, não consigo me conter e volto a sorrir. É quase como voltar no tempo quando a convidei para sair na primeira vez, só que mil vezes mais intenso porque sinto que nossas vidas estão prestes a mudar para sempre.

— Você precisa guardar isso antes de sair? — Aponto para a caixa.

— Não, na verdade, eu estava...

— Saindo para se livrar da caixa? — Termino a frase, e ela sorri.

— Sim, é exatamente isso. Não posso mais viver no passado, Cage — justifica.

— Que bom, porque meu objetivo é conversar sobre o futuro. — Um suave brilho surge em seus olhos, ela apenas assente e vira para fechar a porta. — Não precisa de nada? — pergunto quando ela não volta para pegar uma bolsa, ou coisa do tipo, permanecendo somente com a caixa na mão.

— Tudo que eu preciso está bem aqui. — Sinto suas palavras me cobrirem como um cobertor bem quente num dia congelante de inverno. *Senhor, o que essa mulher faz comigo?* Só Erin mesmo para me fazer ter pensamentos iguais aos de um adolescente apaixonado.

Ela caminha ao meu lado até o carro, mantendo uma distância respeitável. A caixa, ainda firme contra o peito, parece ser seu porto seguro nesse momento. O dia está calmo, quase ninguém andando pela rua. Mas Erin parece não notar, tem um olhar determinado no rosto, porém completamente oposto à sua postura um tanto derrotada.

Eu me pergunto em que ponto ao longo dos anos, a minha garota se perdeu.

— Para onde iremos? — pergunta assim que eu entro no carro e coloco o cinto. Ela já está devidamente acomodada, então giro a chave na ignição ao mesmo tempo em que não consigo deixar de sorrir ao revelar para onde pretendo levá-la.

— Para o lago. — Em seu rosto também se forma um sorriso, não um

NACIONAIS-ACHERON

tímido ou forçado. Mas um enorme, que ilumina toda a sua feição. Ela está feliz com a escolha do lugar.

Coloco os óculos escuros e dirijo para o único lugar que sei que teremos privacidade para conversar, onde foi nossa primeira vez. E onde pretendo recuperá-la.

— Você está silenciosa — comento sem tirar atenção da estrada.

— Ainda não estou pronta para falar. — Ela pode não ter tido a intenção de me machucar, mas suas palavras me rasgam por dentro.

— Acho que te entendo.

— Não, Cage, você não entende. — Não é uma acusação, mas sua voz sai carregada de tristeza.

Vinte minutos depois, chegamos ao lago. Erin desce do carro e observa ao redor, ela fecha os olhos, respirando fundo. O lugar continua exatamente como eu me lembrava. Ele fica um pouco afastado da cidade, e é repleto de histórias. As árvores espalhadas pela margem garantem uma boa sombra aos banhistas no verão, a maioria delas estão marcadas com iniciais dos casais que aqui passaram.

Fico tentado a procurar pela nossa, mas minha busca é adiada quando percebo que ela se aproxima da água.

— Você me ajuda? — Ela estende a caixa na minha direção.

— Quer queimá-las? — pergunto, mesmo que lá no fundo, eu saiba exatamente o que ela vai fazer.

— Vínhamos tanto aqui, lembra? — É claro que eu me lembrava, ela volta a olhar para o lago. — Quero jogar tudo na água, quero que ela lave tudo de ruim que essa caixa representa.

— Eu sou algo ruim? — Ela olha para mim, e caramba, posso morrer agora mesmo só com a força do seu olhar. Ser um excelente leitor de jogadas me garantiu como um dos melhores *quarterbacks* da liga profissional, então posso dizer com toda a certeza, que o que eu vejo em seus olhos é amor. Sim, tão evidente quanto o céu limpo acima de nós.

— Ruim era o lugar que eu estava quando comecei a reunir tudo aqui dentro, Cage. A pessoa que eu era. Não quero mais viver assim, dentro dessa

caixa. — Ouço a determinação em sua voz é impossível não me sentir orgulhoso.

Olho em volta, procurando um lugar para sentarmos. Quase um quilômetro de nós, vejo o antigo pequeno píer de madeira, que agora está mostrando o desgaste que o tempo causou. Provavelmente teremos que pisar com bastante cuidado sobre ele, porém, nesse momento vai ter que servir.

— Vamos, acho que tem um lugar perfeito para isso. — Estendo a mão e ela aceita de bom grado. Seguimos na direção do píer, e noto que o lago está um pouco acima do nível normal.

Começamos a caminhar sobre ele, bem devagar, e a cada rangido das tábuas, Erin ri. Mas não acho nenhum pouco engraçado o risco que ela está correndo em cair na água, e podendo ainda acabar se machucando na queda.

— Está nervoso, Cage? — brinca, tentando aliviar a minha tensão evidente. Escuto sua risada quando murmuro um palavrão ao ouvir um estalo na madeira. Estou na sua frente, pisando com calma, e observando o caminho de madeira, evidentemente, podre.

— Foi a pior ideia que eu tive. — Ando devagar testando o piso antes, assim ela pode pisar em segurança.

— Ah, qual é, Cage! Você corria por essas tábuas feito um raio, se bem me lembro.

— Elas eram mais firmes naquela época. E não um monte de madeira podre. — Paro de andar e viro para encará-la. Seu sorriso é como um bálsamo e sinto o corpo começar a relaxar.

— Acho que você não sabe mais brincar, Cage.

— Você acha? — Levanto uma sobrancelha.

— Acho, mas vou te dar uma chance. — Estreio os olhos diante do brilho malicioso que acende no seu olhar antes de soltar: — Venha me pegar! — E dispara correndo até o final do píer.

Putá merda!

Sua risada alta faz cada fibra do meu corpo ganhar vida, e então eu corro, porque estou mais do que decidido a pegá-la, e nunca mais soltar.

Quando eu a alcanço, ela está gargalhando com os olhos vivos, cintilando de alegria.

— Você sabia que não ia ceder, não é? — acuso.

— Talvez. — Ela dá de ombros, tira os chinelos e senta na borda, ela suspira quando metade das pernas afundam na água. — Sabe, ainda venho aqui algumas vezes — revela com a voz suave e baixa, e os olhos fechados.

Tiro o tênis e sento ao seu lado. Cacete, a água está gelada, mas ela parece não se incomodar, pelo contrário, sua expressão e corpo estão completamente relaxados.

— Então, você vem sempre aqui? — pergunto encarando o lago. Ele é imenso, a água é escura, parece um mar de Coca-Cola, é assim que Erin e eu o chamamos, lago Coca-Cola.

— Mais do que eu gostaria.

— Por que?

— Porque sempre que venho aqui, Cage — Ela finalmente abre os olhos e vira para mim. — É quando eu sinto saudades de você.

— Isso acontece com frequência? — Minha voz sai rouca de emoção.

— Tanto que me assusta — confessa.

Erin abre a caixa e olha dentro, uma lágrima solitária rola pela sua face e eu me controlo para não impedi-la. Tenho vontade de pedir que ela não jogue a foto que eu peguei, mas algo dentro de mim entende que ela precisa se livrar de tudo. Porra, até eu preciso deixar o passado para trás.

E, embora ela faça parte desse passado, Erin é a única pessoa com quem eu desejo ter um futuro. Por mais que pareça errado, e mesmo com tantos anos de atraso, pretendo recuperar o que é meu.

Uma a uma, as fotos são atiradas no lago. A cada foto jogada, a expressão dela suaviza, como se um peso estivesse sendo retirado de suas costas, quando lança a última, solta um longo suspiro e coloca a caixa vazia ao seu lado.

— O que quer que você queria conversar comigo, Cage, agora é o momento. — Ela não me olha, sua atenção está no lago.

— Acho que quando temos assuntos pendentes o certo é começar pelo início, não é mesmo? — Ela balança a cabeça concordando. Olho para o lago enquanto minha mão procura a dela, e eu a seguro firme.

— Passei todos esses anos tentando descobrir onde foi que errei com você, Erin. Onde errei com nós dois. Que merda gigantesca que eu fiz naquela época que me levou a te perder. Sabe o que descobri?

— Não. — Sinto sua mão gelada, suando frio.

— Que eu não fiz nada de errado, Erin. Na verdade, foi exatamente esse o meu maior erro, não ter feito nada. E cada vez que me deparava com essa conclusão, eu morria um pouco. — Dessa vez eu viro para olhá-la. — Me explica como eu posso te tocar hoje e sentir meu corpo queimar de desejo? Como voltarei à Nova Iorque sabendo que sua boca ainda se encaixa na minha, tão perfeitamente? — Seus olhos enchem de lágrimas. — Como conseguirei seguir em frente com a minha vida, se eu sei que não posso mais viver nenhum dia sem sentir o seu gosto. — Toco seu rosto e ela fecha os olhos. — Como ir embora dessa maldita cidade sabendo que eu ainda te amo, Erin? Amo muito mais do que eu gostaria, muito mais do que sou capaz de suportar.

— Cage. — A dor em sua voz me faz estremecer.

— Tentei te odiar, sempre que lembrava que nunca fiz nada para te machucar, eu tentava odiá-la. Mas no final das contas, só conseguia odiar a mim mesmo, porque eu não conseguia parar de te amar.

Lágrimas começam a rolar pelo seu rosto, ela olha para nossas mãos e aperta, se aproximando mais, ela encosta seu corpo no meu, minha mão livre acaricia seu cabelo.

— Se você tem uma resposta para todas essas perguntas, essa é a hora de responder. Porque se não tem, vou acreditar que sente o mesmo por mim e eu não vou parar até ter você de volta. E se Luke se meter no meu caminho, nem você e nem ninguém será capaz de me parar dessa vez, Erin.

Ela não diz nada, sua resposta vem na forma de um beijo. Um beijo faminto e cheio de saudade, suas mãos agarram meu cabelo, arrancando um gemido meu. Minha língua acaricia a sua, fazendo círculos lentos, numa leve carícia. Nossas bocas não param de se mover, o que começou suave, se

tornou voraz. Eu queria mordê-la, marcá-la, mas ainda havia algo racional dentro de mim.

Ofegando, interrompo nosso beijo. Estou a ponto de explodir dentro da calça, igual a um adolescente na primeira vez, e não ajuda em nada ver que ela parece igualmente excitada. Minha língua roça seus lábios, saboreando o gosto dela.

— Quero te levar para outro lugar — murmuro sem rodeios, porque é o que eu desejo, quero fazer amor com essa mulher, quero me enterrar profundamente dentro dela.

Voltar finalmente para casa.

Ela retira os pés da água e imagino que vai se levantar, mas ao invés disso, ela deita nas tábuas sujas do píer. Num convite explícito. Um que não sei se sou capaz de recusar. Essa mulher me tem na palma da mão. Sempre teve.

— Eu quero você, Cage. Aqui, onde fizemos amor pela primeira vez. — Tiro as pernas da água, e paio sobre ela.

— Tem certeza? — Não era assim que eu a queria, mas talvez, entenda seu receio em sair e perder o encanto desse momento.

— É você que importa. Eu te amo, Cage. Me beija. — E eu beijo seus lábios tentando transmitir através deles tudo que estou sentindo.

Minhas mãos tocam a barra da sua blusa, mas ela me impede de tirá-la. Deus, o que eu não daria para afundar os dentes nos seus seios? Mas a respeito, porque as tábuas estão sujas, entendo e aceito seu pedido silencioso, por enquanto.

— Abra os olhos. — Ela não abre — Levo a mão até o cós do seu jeans e abro o primeiro botão. — Quero ver seus olhos quando estiver dentro de você, meu amor — sussurro e a beijo mais uma vez.

— Não posso. — Eu paro sem saber se ouvi direito.

— O que disse? — pergunto, confuso.

— Não posso abrir os olhos, não vou e não quero. — Ela parece receosa.

— Erin, por favor, abra os olhos — imploro, e devagar ela obedece. — O

que está acontecendo? Conversa comigo, minha Erin. — Saio de cima dela para lhe dar espaço, ela senta, virando o rosto na minha direção. A atenção focada no meu peito, evitando, claramente, me olhar diretamente nos olhos quando começa a falar.

— Não consigo te olhar. Ver você assim, em cima de mim. — Então, ela ergue os olhos e me encara, visivelmente aflita. — Não dá para olhar em você agora porque quando eu abro os olhos, é Luke quem eu vejo. — Erin leva as mãos ao rosto, e começa a chorar compulsivamente.

Não sei o que dizer, apenas sigo meu instinto, envolvendo os braços ao seu redor e a puxo contra mim. Eu a abraço, tentando dar o mínimo de conforto e carinho que eu sei que ela precisa nesse momento, enquanto ela derrama lágrimas e mais lágrimas desesperadas porque quem ela enxerga quando me olha, é a merda do meu irmão.

Quero matá-lo por ter arruinado a única coisa que é importante para mim.

Cage

Alguns minutos se passam até que ela finalmente consegue se acalmar. Erin se afasta um pouco, ajeitando o cabelo. Mesmo com o rosto inchado pelo choro e o cabelo bagunçado, ela é de tirar o fôlego.

— Hoje eu estou passando uma vergonha atrás da outra com você. — Ela volta a olhar o lago.

— Não se preocupe, eu entendo você. — Ela dá um sorriso forçado, porém eu a compreendo, meu irmão gêmeo é o marido dela, e mesmo que ele não mereça uma esposa fiel, isso a deixa confusa. — Como foi depois que fui embora. Quero dizer, como foram as coisas pra você?

Nunca perguntei nada além do necessário, Daniel me mantinha informado apenas sobre seu bem-estar, nada mais, no entanto, depois que descobri sobre Luke e Libby, quero saber tudo que aconteceu, preciso saber.

— Assim que você foi embora, as coisas complicaram. — Dessa vez, ela não tenta disfarçar a tristeza. — Se eu for honesta, Cage, as coisas simplesmente pioraram.

— Com seus pais? — Daniel me contou que eles a expulsaram de casa.

— Naquele dia, logo depois que a ambulância levou Luke para o hospital, eu fui para casa. Lembra da quantidade de pessoas que estavam na porta da sua casa?

— Lembro. — Foi um verdadeiro show de horrores, muitas pessoas começaram a se aglomerar na frente de casa quando a ambulância chegou, muitos vizinhos pensaram que algo havia acontecido com meu pai. Mas ele não estava em casa naquela noite, então juntar dois mais dois não foi difícil. Luke coberto de sangue, Erin chorando sem parar, e eu feito um animal descontrolado. As fofocas começaram ali mesmo, no gramado de casa.

— Meus pais estavam no meio daquelas pessoas, e ouviram tudo. — Fico surpreso.

— Eu não sabia.

— Ninguém sabe dessa parte da história, Cage. Nunca contei a ninguém.

— Gostaria de saber o que aconteceu. Poderia me contar? — Vejo seus olhos traçar todo o meu rosto antes de voltar a atenção para o lago.

— Ainda estava muito nervosa quando cheguei em casa, meus pais já estavam lá. Você sabe o que meu pai pensava do nosso namoro, não é?

— Sim, ele nunca escondeu que me odiava.

— Então, deve imaginar como ele me acertou com força naquela noite.

— Ele bateu em você? — Estou perplexo.

— Até não ter mais forças. Ele me deu uma surra, Cage. — Ela volta a olhar nos meus olhos. — Tapas, depois o cinto assumiu o lugar das mãos.

— Droga, Erin, eu... — Eu queria dizer que sentia muito, mas eu era o maldito responsável por isso também.

— Eu era uma vergonha, Cage, a vagabunda que estava transando com o irmão do namorado. — Ela esfrega o rosto com as mãos. — Isso sem contar os boatos que sobre nós três transando juntos. — Ela sorri, mas é um sorriso amargo. — Ele não conversou comigo desde então. A última vez que ouvi a sua voz foi para me *convidar* a sair de casa.

— E a gravidez? — Perguntar sobre isso dói mais do que eu gostaria de admitir.

— Foi nesse dia que eu descobri, que ele fez o maravilhoso convite.

— Ele expulsou você quando descobriu que estava grávida? — Puta que pariu!

— Sim, e então eu saí, só com a roupa do corpo.

— E a sua mãe? — pergunto confuso, eu sei que seu pai era um verdadeiro ditador, a mãe dela sempre foi bastante complacente.

— Ela não fez nada, Cage. Aceitou as ordens do meu pai como lei — responde Erin de um jeito tão natural que me assusta.

— Então você procurou o Luke?

— Ele que me achou, Cage. E me levou para casa e cuidou de mim.

— Pelo menos meu irmão fez uma coisa boa, afinal ele é o pai. — As

palavras saem cheias de rancor.

— Ele não precisava fazer nada, Cage. Você sabe muito bem disso. Luke foi a única pessoa que não me desprezou, apesar de tudo, eu sei que devo muito a ele. — Quero discutir e dizer que ela não deve nada, que foi o mínimo que aquele idiota podia ter feito, sinto vontade de abrir a boca e contar que ele tem um caso com sua melhor amiga, quero dizer tanta coisa, mas me seguro. Agora não é o momento para isso.

— Entendo o seu lado, é por isso que não quis abrir os olhos quando te pedi? Por que acha que deve algo a ele? Sei que ele é seu marido e que o que estamos fazendo é errado, Erin, mas eu pretendo mudar isso.

— Não é por isso, Cage. A situação é muito mais complicada do que imagina.

— Só é complicado se você quiser. Vi nos seus olhos, ouvi da sua boca e senti no seu corpo. Você ainda me ama, Erin. Só preciso que me diga que quer ficar comigo, e eu vou cuidar do resto.

— Cage, as coisas não... — Meu celular toca interrompendo-a.

— Só um minuto, é meu pai. — Ela sorri quanto eu atendo. — Oi, pai.

— Preciso que você venha me buscar no hospital. — Direto como sempre.

— *No hospital?* Como assim? Você está bem? — Levanto estendendo a mão para Erin e estremeço. Até esse simples gesto faz meu corpo vibrar.

— Claro que estou, essa sua amiga que é uma histérica. — Quando vou perguntar o que a Estela tem a ver com isso tudo, a própria pega o telefone e, na hora, entendo o meu pai porque ela responde furiosa no telefone.

— O caralho que eu sou histérica, seu pai passou mal, Cage, e agora está internado — diz rispidamente.

— O que aconteceu?

— Aparentemente, seu coração resolveu dar uns solavancos. Os médicos querem mantê-lo aqui, mas ele é um velho teimoso feito uma mula. — As últimas palavras saem gritadas.

— Tudo bem, estou indo. Luke está aí?

— Seu irmão psicopata? Não, segundo a enfermeira ele está em uma cirurgia.

— Estela — advirto.

— O quê? Vai mesmo defender ele?

— Estou indo, assim que chegar a gente conversa. — Desligo o celular, mas não sem antes ouvir ela bufar: *homens*.

— Seu pai está bem? — pergunta Erin, preocupada.

— Estela disse que sim, mas tenho que ir para o hospital.

— Tudo bem, foi por causa do câncer? — Fico surpreso ao descobrir que Erin tem conhecimento da doença do meu pai.

— Então você sabe?

— Sim, ele me contou, mas pediu que eu não dissesse a ninguém, nem mesmo ao Luke.

— Não gosto dessa decisão, Luke é filho dele e é médico, porém estou tentando respeitá-lo. Mas só até certo ponto, se a doença avançar, ele não terá mais essa opção.

— Também não concordo, e disse isso a ele.

— Desculpe ter que sair assim, mas eu tenho que ir. Você quer ir comigo?

— É melhor não, Cage. Luke está lá, eu não quero complicar mais as coisas. — Por mais que eu queria ela ao meu lado, sei que ela tem razão.

— Tudo bem, vou levá-la para casa então.

— Obrigada.

— Não me agradeça, nós ainda não acabamos essa conversa. — Ela não diz nada, e eu aproveito seu silêncio para beijá-la. Ela se derrete contra mim. Ainda é difícil de acreditar que estou finalmente com Erin nos meus braços depois de tantos anos.

Depois de deixá-la em casa, sigo direto para o hospital, com a nossa conversa ainda martelando pela cabeça. A forma com que foi tratada pelos pais e em Luke sendo o único que a ajudou, ele parece a merda de um herói.

Muito a contragosto, reconheço o seu gesto.

— Droga! — reclamo ao estacionar.

Estela enviou uma mensagem informando qual quarto do meu pai, passo pela recepção e noto vários olhares na minha direção. Noto algumas pessoas um pouco confusas, mas não tenho tempo para essas merdas.

— Gostaria de ver o senhor Nolan, apartamento 203 — peço a recepcionista. Ela pisca tantas vezes que imagino ser algum tipo de tique nervoso.

— Dr. Nolan, o senhor não precisa de autorização — responde com a voz confusa. *Ótimo*, penso. Ela está me confundindo com meu irmão.

— Não sou o doutor Nolan, sou Cage, irmão gêmeo dele. — Sua boca forma um O, e se não estivesse preocupado e com tanta pressa, acharia graça.

— Desculpe, eu não fazia ideia.

— Muita gente se confunde. — Sou ríspido.

— O senhor pode ir, fica no segundo andar, saindo do elevador à direita. — Ela me entrega o crachá de visitante, eu agradeço e sigo pelo caminho que indicou.

Quando chego no apartamento, encontro Estela na porta mexendo em seu celular.

— Não larga mais essa coisa? — digo quando me aproximo.

— Novo vício. — Ela mostra um jogo na tela.

— Porque está aqui fora?

— Seu pai é um ser detestável. — Ela torce os lábios e quando vê minha expressão, sorri. — Estou brincando, seu bobo! Uma enfermeira está examinando-o.

— Tudo bem, vou entrar.

— Vou ficar aqui, preciso acumular vidas nesse troço — diz igual a uma adolescente, voltando a atenção para o jogo. Às vezes eu me pergunto se ela tem mesmo a idade que diz ter.

Deixo Estela na porta e entro no quarto, encontro meu pai com uma

carranca e a enfermeira fazendo algumas anotações.

— Tudo bem por aqui? — pergunto.

— Poderia estar melhor, se não estivesse preso nesse lugar. — Ele olha com raiva para a enfermeira.

— Senhor, o Dr. Nolan foi bastante claro ao nos instruir que o senhor só poderá ir embora depois que ele mesmo o examinasse.

— Besteira, ele nem é cardiologista — retruca.

— Mas ele já solicitou uma série de exames, e pediu para a avaliação de um especialista.

— Ele ainda não foi examinado? — pergunto.

— Sim, mas o Dr. Nolan exigiu alguns exames específicos, e depois seu pai passará por novas avaliações.

— Luke está certo, papai — digo, me aproximando da cama.

— Isso tudo é besteira — rosna.

— Bom, preciso ir. Se precisarem de algo, é só chamar. Com licença. — A enfermeira sai do quarto.

— O que aconteceu, pai? Por que está aqui?

— Foi apenas um mal-estar.

— Luke internou você por causa de um mal-estar?

— Seu irmão tem tendência a exagerar.

— Tem alguma coisa haver com a doença? — indago.

— Não, parece que meu coração resolveu se rebelar. — Sorrio.

— Vamos aguardar o Luke.

— Tanto faz — resmungo.

Arrasto uma cadeira para o lado da cama e me sento. Permaneço calado por alguns instantes antes de começar a falar.

— Conversei com a Erin. — Não sei se esse é o momento certo para isso, mas ele parece ter ficado feliz.

— Que notícia boa, Cage. Não se sinta mal, você está no caminho certo.
NACIONAIS-ACHERON

— Mesmo com muitas coisas acontecendo, pai, eu só consigo pensar no quanto quero a minha garota de volta, mas a gente ainda tem um longo caminho a percorrer.

— Eu sei, meu filho. Mas não deixe de lutar.

Ficamos em silêncio de novo, e eu tento entender como é que ele pode incentivar um irmão a tirar a esposa do outro. Alguma coisa não está encaixando nessa história e eu vou descobrir o que é.

— Sua garota agora é uma mulher, Cage, você precisa enxergar isso também — ele volta a falar.

— Eu sei, é tão confuso. Quando olho para Erin, ainda vejo a garota de onze anos atrás, mesmo com as mudanças evidentes, é aquela garota que eu enxergo.

— Mas você sabe que ela não existe mais, não é?

— O que você quer dizer?

— Que as pessoas passam por algumas circunstâncias que acabam transformando-as para sempre. Algumas mudam para melhor, outras para pior.

— Entendo, eu não vou apressar nada, papai. Vou levar as coisas com calma, o Luke me contou sobre a depressão, por isso que estou sendo bastante cauteloso — afirmo e ele apenas assente com a cabeça. Eu sei que não é a antiga Erin que terei de volta, mas estou determinado a colocar felicidade em seus olhos novamente, algo que ela tinha quando estávamos juntos.

Meu pai fecha os olhos com o semblante cansado. Duas horas já se passaram e nada do Luke aparecer, de acordo com a enfermeira, ele está em uma cirurgia complicada, que pode durar mais do que previsto.

Estela foi embora logo depois que eu cheguei, e agora estou sozinho com meu pai. Ver ele em uma cama de hospital me deixa preocupado e incomodado. Eu só o vi assim uma vez, quando a minha mãe morreu.

— Vá para casa, Cage — murmura, sonolento. — Já passa da hora do almoço, seu irmão vai passar aqui a qualquer momento. Vou aproveitar e descansar, peço ao Luke para te avisar quando eu for liberado.

NACIONAIS-ACHERON

— Vai contar a ele? — pergunto, ele sabe que estou me referindo ao Câncer.

— Não, Cage, e nem você.

— Pai...

— A decisão é minha, eu digo que não. Agora vá, por favor.

— Tudo bem, mas peça para o Luke me avisar. Vou para casa porque o cansaço está batendo e preciso dormir, não preguei o olho na noite passada. Mas só estou indo porque vejo que o senhor está bem. Luke está aqui, e vai cuidar de tudo.

Nos despedimos e vou direto para casa, não estava mentindo quando disse que me sentia exausto. A falta de sono da noite anterior somada a minha conversa com a Erin, me esgotaram. Resisto a vontade de ir para a casa dela, sinto meu corpo implorar para estar perto dela, mas dessa vez eu escuto a razão.

Hora de descansar, de colocar a cabeça no lugar e traçar um plano de estratégia para trazer a minha garota de volta. E sim, ela será sempre a minha *garota*.

Luke

Algumas pessoas acreditam que sonhos podem se tornar realidade milagrosamente, não sou uma dessas pessoas, eu sou do tipo que faz os próprios sonhos se tornarem reais. E estou prestes a fazer um deles acontecer bem nesse momento.

— Que maneira mais estranha de conhecer o trabalho do filho — digo ao homem deitado na cama, ele está com vários aparelhos conectados pelo corpo, sendo monitorado constantemente.

Tom Nolan não tem o hábito de frequentar o hospital, a verdade é que desde que comecei a trabalhar aqui, nunca o vi colocar os pés aqui dentro. Então, devo dizer que fiquei mais do que surpreso e, bastante curioso, ao receber a notícia de sua internação de emergência.

— Pare de dizer bobagens, Luke — retruca, mal-humorado.

— Não lembro da última vez que veio me visitar, *papai*. — Começo a folhear seu histórico.

— Não vai dar uma de filho rejeitado agora, vai? — desdenha.

— Sabe, pai. — Deixo seu prontuário de lado e me aproximo da cama.
— Estava me perguntando quanto tempo mais demoraria para isso acontecer.

— Minha internação? — pergunta, confuso.

— Não, essa fachada de homem decente, e de pai zeloso. Parece que está finalmente começando a ruir, não é mesmo? — Inclino o corpo até que fiquemos nariz a nariz, e mais uma vez meu faro é infalível, o cheiro do seu medo é inebriante. Eu me seguro porque ainda não é o momento de atacar, ainda não.

— Do que... você está falando? — Ele se entrega ao dar um ligeiro vacilo. O velho deve estar mesmo com medo porque nunca vacilou antes. Nem no passado, nem no presente.

— Usou sua doença para trazer o Cage de volta, papai? Que falta de originalidade, minha nossa! Seu tempo ocioso está sendo ocupado demais

com novelas, só pode ser. — Consigo controlar a gargalhada coçando na garganta.

— Ele voltou por vontade própria. — Agora não consigo mais segurar e começo a rir. Levo alguns segundos para me recompor e ficar sério novamente.

— Vou perguntar de novo, *papai*, mas dessa vez em uma linguagem que eu tenho certeza de que o senhor vai entender. — Puxo a cadeira mais próxima e coloco ao lado da cama, então sento e uso o seu tórax como apoio, cruzando as mãos. Ele me encara incrédulo. — Você chamou o Cage de volta porque sabia exatamente o que estava acontecendo com a Erin, não é? — Ele pisca, e quando abre a boca para responder eu pressiono sutilmente seu tórax, num aviso explícito antes de dizer. — Pense bem no que vai dizer...

— Eu não poderia deixar que ela continuasse sofrendo em suas mãos — responde rispidamente entre dentes.

— Reconheceu os sinais, não foi? Será que foram os movimentos dela que a entregaram? Sabe, pai, estou curioso para saber o que chamou sua atenção, o que te fez comparar as ações dela com as da mamãe? — Levanto ainda o encarando, pressionando os punhos ainda mais fortes contra o seu peito.

Ele começa a ficar nervoso e a máquina aciona com um apito agudo e pausado.

— Sua pressão não está nada bem, pai. — Olho o monitor e volto a encará-lo. — Como se sente sabendo que foi você quem praticamente me obrigou a casar com a Erin?

— Luke! — A voz sai abafada, ele leva a mão até o pescoço e não tentando tirar minha mão do seu peito. Ele ainda tem bom senso, sabe que não tem condições contra mim. — Não estou... conse... gui... guindo respi... rar di... direito. — As palavras sem embaralhadas e gaguejadas.

— Ah, sim. Isso é normal, sua visão também deve estar turva, não está? — Observo seus olhos e noto que estão perdendo o foco.

A máquina apita mais alto e as pausas mais curtas. É como música para os meus ouvidos.

— Como é que você a silenciava? Cage e eu nunca ouvimos nada, como é que fazia aquilo? — Ele começa a se debater, e eu permaneço com os punhos no mesmo lugar sem alterar a força da pressão.

— Enfermeira! — ele tenta gritar, mas o som sai mais como um grunhido.

— Desde pequeno sempre quis ser médico, nasci para isso porque minha percepção e intuição eram boas demais. — Afasto uma das mãos do seu peito e um vislumbre de alívio atravessa sua feição. *Aproveita, esse pequeno gesto misericordioso, papai, porque será o último*, penso. — Nos dedos da mão dela. — Alcanço o soro. — Haviam ossos quebrados que não saravam mais como deveriam. — Eu corto o fluxo do soro. — Não se curavam porque você nunca a levou para o hospital — acuso. — Depois de adulto, consegui aceso ao histórico médico dela, analisei cada ponto falho, cada merda jogada debaixo do tapete.

— Luke, por favor! — implora. Não me importa mais, eu o odeio tanto que sou forçado a me controlar para não o estrangular.

— Ela te implorou? Na noite que você bateu nela dentro do carro? Na noite que causou aquele acidente porque foi um crápula e bateu nela quando estava dirigindo? — A máquina começa a apitar mais alto. Mas ainda tenho alguns segundos antes do quarto ser invadido por médicos e enfermeiras. — Sabe, pai, tenho certeza de que quando me olha, enxerga a si próprio, e é exatamente por isso que me odeia tanto, não é?

— Lu... Luk... e... ! — Aos sussurros ele implora mais uma vez.

— E para piorar ainda mais, deve saber que não sou o único monstro na família Nolan. Sabia que seu filho de ouro matou uma pessoa em Nova Iorque? Ele bateu sem remorso e não conseguiu parar até que o homem não respirava mais?

Biiiiip... Biiiiip...

Biiiiip...

— Posso ser igual a você, pai, mas Cage é muito pior. Não queria que tudo acabasse desse jeito. Estou falando sério quando digo que esperava te ver sofrer com o câncer, mas quem sou eu para recusar uma chance dessa, não é mesmo?

NACIONAIS-ACHERON

Encaro seus olhos suplicantes, observo a respiração falhando e o rosto já sem cor. Os apitos pausados são substituídos por um constante, ao olhar o monitor, vejo a linha contínua correndo na tela.

Libero o fluxo do soro.

— Enfermeira! — grito, abrindo a porta do quarto. — Rápido, preciso de ajuda! Meu pai está morrendo, porra!

E como previsto, a equipe médica já está a caminho acionada pelo alarme do monitor. Depois de entrar no quarto, dois médicos começam a verificar meu pai. Ouço o desfibrilador funcionar, tentando fazer seu coração voltar a bater. O que eles não sabem é que Tom Nolan nunca teve um.

Assim como eu.

Erin

Uma semana se passou desde que conversei com Cage no lago. Ele tem ficado no hospital depois que seu pai quase morreu, preocupado, não quer sair de perto. Luke também tem preferido ficar ao lado do pai, volta para casa tempo suficiente para um banho, descansar um pouco e ficar com Liam, e nos mal conversamos.

Passo os meus dias cuidando de Liam, e pensando em Cage. Tentando encontrar uma saída para consertar essa bagunça que virou a nossa vida. Estela é uma presença constante em nossas vidas, e com Libby bastante ocupada até mesmo para ter uma conversa por telefone, Estela encarnou o papel de melhor amiga, e confesso, foi como respirar uma brisa fresca, a amizade acabou nascendo e se fortalecendo. E quase sempre, acabamos na cozinha com ela tagarelando sobre a péssima cozinheira que é.

— Juro que eu já tentei de tudo — lamenta, mexendo em alguns temperos. — Mas vamos parar de falar sobre a minha falta de habilidade culinária, tá bom? — Sorrio.

— Do que você quer conversar? — Seu tom brincalhão é substituído pela seriedade num piscar de olhos.

— Quero saber se ele tem tocado em você ultimamente — diz sem rodeios. Uma coisa que aprendi no pouco tempo de convivência com Estela é que ela não perde tempo, e é tão sincera que chega a assustar.

— Luke mal tem vindo em casa. Com os problemas de saúde do pai e aquele susto que o senhor Nolan nos deu, ele passa a maior parte do tempo no hospital e quando vem pra cá, fica com o Liam.

— E o garoto? Ele nunca o tocou? — sonda.

— Ele ama o filho, Estela. Luke pode ser o pior pesadelo de marido, mas como pai, ele é perfeito.

— O desgraçado é bom — reflete. — E sobre a denúncia que conversamos? — Há dois dias, Estela vem tentando me convencer a denunciá-lo.

— Não posso fazer isso, Estela. — Meu único receio é expor Liam a mundo cruel e venenoso cheio de fofocas capazes de destruir uma pessoa de dentro para fora. E ele é apenas uma criança.

— O caramba que não. — Respiro fundo e paro de cortar os legumes.

— Estela, nesses dias que está passeando na cidade, o que conseguiu ouvir a respeito de Luke? — Ela fica em silêncio por alguns instantes, obviamente pensando.

— Todos o amam, de fato. — Até mesmo ela é capaz de enxergar isso.

— Sim, ele é o melhor médico, o melhor pai e, aos olhos de todos, o melhor marido. — Solto um suspiro derrotado.

— Eles sempre são, Erin, mas você não tem mais que passar por tudo isso! Para de se preocupar com o que as pessoas irão falar, cacete! Pense em você em primeiro lugar ao menos uma vez na vida! — diz, exasperada.

— Também tem meu filho. Eu me pergunto como vai ficar a cabeça dele, se souber de tudo o que o pai já fez e ainda faz comigo! Liam não vai me perdoar, Estela.

— Liam ama a mãe que tem, mas essa decisão quem tem que tomar é você, Erin. Enquanto você está preocupada com a cabeça dele, eu estou com a sua. Sabe, às vezes acho é tarde demais e que ela esteja tão danificada que não seja mais possível ser reparada.

Penso em suas palavras, e sei que Estela tem razão. Nunca neguei isso, mas tenho motivos que me seguram. Todos culminando num só: medo. Medo de me tornar outra vez o centro das fofocas na cidade, medo de que meu filho nunca me perdoe se o pai acabar preso, medo de ser considerada uma mentirosa.

A única prova concreta que tenho são as cicatrizes por todo o ventre, mas até mesmo com relação a isso ele virou o jogo. Quando ameacei denunciá-lo no dia que ele começou a me machucar com os bisturis, ele tirou sarro. *“Ora, minha querida, em quem você acha irão acreditar? No médico benfeitor, respeitado pela comunidade ou na esposa com depressão profunda que perdeu um bebê e o autocontrole ao se mutilar por sentir culpa? Quer apostar, meu amor? Se eu ganhar, o que você vai me dar? Eu sei já o que vou te dar se eu ganhar...”*, eu ainda consigo escutar as palavras dele sendo

NACIONAIS-ACHERON

sussurradas no meu ouvido.

Luke é um doente. Um verdadeiro monstro.

Não querendo forçar a situação e estregar nossa tarde, Estela não insiste e muda de assunto. Ela vai embora no começo da noite, Liam já dormiu, então começo a fechar a casa para ir dormir também quando meu celular toca. Luke.

— Oi, Luke.

— Erin! — Seu tom desamparado me assusta. — Está em casa? — *Que tipo de pergunta é essa?* Ele sabe muito bem a resposta.

— Sim, Luke, estou em casa.

— Eu... Meu amor... Nós fizemos o possível, Erin. Não sei nem por onde começar. — Sua voz vacila.

— Aconteceu algo com o seu pai? — Meu coração começa a bater mais forte. Foram poucas às vezes que ouvi Luke falando assim, ele sempre foi bastante centrado e nada costuma abalar seus nervos.

— Não, Erin, meu pai está bem, teve alta hoje.

— Então, o que é que está acontecendo, Luke? — Será que aconteceu alguma coisa com Cage? Meu coração parece que vai sair pela boca.

— É a Libby — responde. — Ela... droga... — Escuto ele soltar um palavrão longe do telefone.

— Luke, você está me deixando apavorada! Diz logo o que está acontecendo! O que tem a Libby? — Não estou entendendo nada. Libby estava na casa dela enquanto Daniel foi passar o fim de semana com os pais dele em Nova Iorque, levando David com ele. Estava bem quando liguei ontem para ela. — FALA, LUKE!!!! — grito, em pânico.

— Ela está morta, Erin... Eu sinto muito. Deu entrada... — Não consigo escutar mais nada do que ele está dizendo porque minha cabeça começa a zumbir. Eu devo ter escutado errado, só pode.

Minha amiga. *Morta?*

— Não, isso não é possível. Deve ser algum mal-entendido — murmuro, descrente.

NACIONAIS-ACHERON

— Você ouviu o que eu disse, Erin? Uma ambulância a trouxe. Ela foi encontrada na casa dela. Chegou no hospital com sinais de estrangulamento.

— Meu Deus! — Levo a mão à boca, não acreditando no que estou ouvindo.

— Quando ela chegou aqui, estava praticamente sem vida.

— Mas como? Como aconteceu? — *Minha melhor amiga, Libby! Como pode ter acontecido isso com você!*

— Ainda não sabemos, a polícia está na casa dela procurando pistas do que pode ter acontecido, mas tudo indica que tenha sido um assalto. Alguém precisa ligar para o Daniel, você é a primeira pessoa que entrei em contato.

— Ainda não estou conseguindo acreditar, Luke.

— Eu também, amor. Eu também. Vou avisar o Cage, pedir para ele ligar para o Daniel, eles são amigos, vai saber como lidar com a situação.

— Tudo bem. — É a única resposta que dar.

— Daqui a pouco estarei em casa.

— Certo.

— Eu te amo — diz, mas dessa vez não espera pela minha resposta, desligando em seguida.

E antes que eu perceba, estou sentada no chão, chorando a perda da minha amiga.



Algo um tanto estranho e misterioso acontece na cidade toda vez que tem um enterro. Chove, sempre chove nos enterros. Pode ser uma garoa, ou um temporal, águas sempre caíam do céu, não importa a intensidade.

No funeral da Libby não é diferente. Daniel pegou o primeiro voo assim que descobriu sobre a morte da esposa. Ele resolveu deixar o filho com os pais. Meu coração aperta de tristeza só de pensar em como deve estar David com a perda da mãe.

Estamos todos no cemitério, guarda-chuvas formando uma cobertura sombria sobre nossas cabeças, ouvindo as palavras do pastor. Daniel não tira os olhos vermelhos e opacos do caixão. Ele está arrasado, mesmo com todas

NACIONAIS-ACHERON

as brigas, sabemos que ele a amava de verdade.

Estela e Cage estão ao lado de Daniel e Luke e eu do outro lado.

Meu marido não saiu de perto de mim, desde que me ligou para contar sobre a morte da Libby, ele tem sido meu apoio. Nunca sofri a perda de alguém próximo para a morte. Meus pais continuam vivos, mesmo morando em outro Estado e sem nos comunicarmos.

Perder Libby está sendo uma nova experiência um tanto amarga e difícil de engolir. Ela era minha única amiga, a pessoa que podia conversar sobre tudo. Uma pontada de dor invade meu coração porque ela era minha amiga e eu nunca contei toda a verdade sobre a minha vida.

Aperto o braço de Luke involuntariamente, ele entende como um pedido de consolo, e envolve minha cintura com o braço. Ele me puxa para mais perto, plantando um beijo no topo da minha cabeça.

Quando o enterro termina, esperamos as pessoas cumprimentarem Daniel antes de prestarmos nossas condolências. Cage e Estela permanecem o tempo todo ao seu lado.

— Meus pêsames — Luke diz, abraçando o amigo.

— Obrigado. — Daniel me olha.

— Ainda não consigo acreditar. — Choro, e Daniel me abraça.

— Eu também não — diz com a voz embargada.

— Ela vai fazer tanta falta. — Ele concorda com a cabeça e se afasta.

— Sinto muito, Erin. — Estela diz antes puxar para um abraço. — Eu sei o quanto eram próximas. Se precisar de alguma coisa, não hesite em me procurar.

— Pode deixar, obrigada. — Meu olhar é capturado pelo de Cage. Percebo seu semblante tenso antes de desviar a atenção na direção de Luke, que está conversando com Daniel. Ele se afasta deles e se aproxima de nós.

— Sinto muito pela sua perda, Erin — diz, mas não é o que seus olhos refletem.

— Ela era minha única amiga, Cage.

— Você tem a mim e a Estela. E, não se esqueça do senhor Nolan. —
NACIONAIS-ACHERON

Ele chega mais perto, beija meu rosto, e antes de se afastar, completa. — Somos seus amigos, Erin, seus *verdadeiros* amigos. — Tem algo implícito em suas palavras que me deixa confusa.

— O que há com ele? — pergunto a Estela, enquanto observo ele voltar a se juntar a Daniel e Luke.

— Não faço ideia, mas ele não tem sido o mesmo nesses últimos dias. — Ficamos olhando os três conversarem.

Pelo que Luke me disse mais cedo, a polícia ainda não tem nenhum suspeito. Ao que tudo indica pode ter sido um assalto que deu errado. Daniel estava fora com David, então provavelmente o assaltante tenha pensado que a casa estava vazia.

É um pouco assustador essa violência toda porque moramos em um dos bairros mais seguros, porém o que chama a atenção é que não houve indícios de arrombamento e os indícios apontam que o suspeito entrou e saiu pela porta.

Será que foi ela quem abriu a porta, mas para quem?

Cage

Fodido.

É assim que estou me sentido, e não no bom sentido. Desde que Erin e eu conversamos no lago, o universo resolveu conspirar contra os meus planos. O ataque cardíaco que meu pai sofreu foi o prenúncio da avalanche que ainda estava por vir.

O que a Estela e o meu pai me disseram continua martelando na cabeça. Então, acontece a morte da Libby. Não querendo esperar pelo próximo golpe do destino, resolvo enfrentar de uma vez por todas o que mais temo.

Três dias depois do enterro de Libby, eu me encontro batendo à porta de Erin e Luke. Sei que fui um idiota na ocasião, mas não consegui suportar vê-la sofrendo pela *melhor amiga*. Mal sabia ela que tipo de mulher era Libby, com certeza alguém que não merecia piedade de ninguém, muito menos lágrimas sinceras e fiéis.

Bem, por mais cruel que pareça, não vou negar que é um problema a menos para lidar.

Toco a campainha e espero. Depois de confirmar que Luke estaria de plantão hoje, resolvo buscar Erin para outro passeio. Só que dessa vez, quem precisa se livrar do passado sou eu.

Erin abre a porta e meus olhos tem vida própria ao observá-la. Ela está usando leve vestido preto que vai até os joelhos. Merda, até de luto sinto vontade de rasgar suas roupas.

— Cage? — A surpresa é evidente em seu rosto ao me ver.

— Está na hora de terminar a nossa conversa. — Sou direto.

— Cage, acho que... — Eu a interrompo.

— Liam está? — Ela balança a cabeça dizendo que não. — E Luke? — pergunto mesmo já sabendo a resposta.

— Luke está no trabalho e Liam vai passar o dia na casa do Daniel, David chegou com os avós.

NACIONAIS-ACHERON

— Ótimo, preciso te levar num lugar.

— O lago? — Tento disfarçar o sorriso ao perceber o tom ligeiramente esperançoso.

— Não. Dessa vez quem precisa superar o passado sou eu. — Ela me encara por alguns segundos antes de responder.

— Tudo bem, só vou pegar minha bolsa e o celular. — Concordo, dizendo que vou esperar por ela na porta.

Não demora muito para perceber qual é o nosso destino. O lugar onde toda essa merda começou. A minha casa.

— Veio buscar alguma coisa? — pergunta quando paro o carro e desligo o motor.

— Sim. — respondo bruscamente sem dar detalhes. *Vim buscar de volta a vida que deixei para trás, junto com a minha paz e o meu coração. Vim buscar você, Erin.* — Vem comigo. — Abro a porta e saio, dou a volta e abro sua porta para ajudá-la a sair. Ela me acompanha um pouco assustada, mas não diz mais nada. Assim que entramos, corre o olhar pela casa e quando vê o lugar vazio, franze o cenho.

— Meu pai e Estela saíram. A casa é só nossa por um tempo. — Olho profundamente em seus olhos, tentando transmitir a segurança de que ela precisa, a confiança de que eu preciso que ela tenha em mim. Porque tenho certeza de que não será fácil para nenhum de nós dois enfrentar o que estou prestes a fazer. O que eu devia ter feito a muito tempo.

Erin não diz nada enquanto eu espero. Permito que ela tenha todo o tempo necessário para que enxergue a intenção nos meus olhos. Quando percebo a determinação e o entendimento tomarem conta de suas feições, estendo a mão e ela a aceita. Caminhando juntos, subimos as escadas. E só paro ao chegar na frente da porta do lugar que não ponho os pés há onze anos.

— Eu nunca mais entrei aqui desde aquela noite — confesso, olhando fixamente na porta como se ela fosse a entrada para o inferno. *Bem, ela meio que foi.*

— Cage... — Seu tom soa como um apelo. Mas estou decidido a

enfrentar esse maldito passado que consumiu nossas vidas desde então.

— Sempre que me lembro desse quarto, eu vejo vocês dois. — Volto o olhar para o seu rosto e observo atentamente sua reação. Eu não sei o que ela vê nos meus olhos, mas o que quer que seja, a faz recuar um passo.

— Preciso saber o que realmente aconteceu naquele dia. Por favor, Erin...

— Você não tem que fazer isso. A gente pode...

— Sim, eu preciso. E, assim como você, não quero mais viver no passado, Erin. — Eu a interrompo, determinando a fazê-la entender o quanto esse passo é importante para seguirmos em frente.

— Tudo bem. Vamos fazer isso. — Ela aperta minha mão e eu abro a porta do quarto.

Surreal!

É a única palavra que me vem à cabeça. Erin solta um grito de espanto, mas eu não me surpreendo. O quarto do Luke também está intocado. Do jeito que estava quando ele foi embora, assim ficou.

— Meu Deus! — Ofega, olhando em volta. — Cage, me diz que eu não estou alucinando.

— Não está, meu pai manteve tudo como estava.

— Isso é tão... — Ela pensa um pouco. — Bizarro. — Tenho que concordar.

— Acho que o velho Nolan não é adepto a redecação. — Passo a mão na estante de madeira ainda cheia de livros. Um deles me chama a atenção. Sim, me lembro bem desse livro.

“O Grande Gatsby” de F. Scott Fitzgerald. Vi esse livro largado no chão do quarto na noite que peguei os dois juntos. É o livro dela.

— Vamos sair daqui, Cage — implora quando me vê pegar o livro da estante. Ela também o reconhece.

— Meu pai continua me dizendo que eu preciso enxergar. Estela foi mais longe dizendo que não vou gostar do que vou encontrar. — Engulo em seco, passando a mão pela capa do livro antes de folheá-lo. Um papel cai de dentro

dele, eu me abaixo para pegar e vejo algo escrito.

Cage ♥ Erin Cage Nolan.

Erin Nolan.

Sr. e Sra. Nolan Nossos nomes, rabiscados várias vezes na folha.

— Quando escreveu isso... — Entrego a ela o papel, vendo seus olhos cheios de lágrimas. — Quando escreveu “Erin Nolan”, em quem estava pensando? Era em mim ou no meu irmão? — Mesmo lendo “Cage” no papel, eu preciso ouvir da sua boca a confirmação.

— Em você — responde sem um segundo de hesitação.

— Então me diz a verdade, Erin. — Puxo o papel da mão dela e o coloco na estante antes de segurar seu rosto, impedindo que afaste o olhar do meu. — O que eu preciso enxergar? O que foi que realmente aconteceu aqui? — Seu corpo começa a tremer, pequenos tremores acompanhados por soluços de choro. O rosto encharcado de lágrimas. Mas não cedo.

Ela demora alguns segundos para se recompor, e então olha nos meus olhos.

— Luke... — Sua voz vacila e os lábios estremecem. — Ele... ele... — Mais lágrimas. — Ele estava me estuprando naquela noite.

Minha visão nublada e sinto a cabeça zozna.

Eu estava certo. Caralho! Como fui estúpido em ter acreditado nas palavras dela e não no meu coração.

Sem saber o que dizer, aguardo para ouvir o resto que ela tem a contar, mas Erin se afasta, virando para a janela. Ela parece perdida enquanto observa a rua. Ela solta um suspiro e através do reflexo vejo seus olhos se fecharem. As mãos vão para as costas, ouço o barulho do zíper abrindo o vestido. Saindo do amontoado de tecido aos seus pés, ela vira para mim.

Meus joelhos cedem e caio sentado com a visão na minha frente.

Cage

Ela ainda está de olhos fechados. Sua respiração está pesada, a veia no pescoço pulsando sem parar.

— Erin... — minha voz falha.

Minha Erin!!!!

Sinto-a me encarar enquanto escuto seu choro silencioso. Porém meus olhos estão grudados em sua barriga cheia de cicatrizes.

Erin, Erin, Erin... o que foi que aconteceu com você, minha Erin!

Meu corpo não para de tremer diante do que vejo. Parece que todo ar do quarto foi sugado, me sufocando e prendendo entre as paredes desse lugar maldito.

— Meu pesadelo não acabou quando você invadiu esse quarto naquela noite, Cage. Ele estava apenas começando.

O latejar na minha cabeça aumenta. É como se uma britadeira tivesse entrado ali e começado a trabalhar. Levo as mãos ao cabelo e aperto, numa tentativa frustrada de conter o doloroso barulho que somente eu consigo escutar.

— Estela estava se referindo a isso — continua.

— Por favor, Erin... Diga que é mentira... — Sinto um gosto salgado no canto da boca e passo a mão para limpar o que quer que seja. — Diga que não foi o meu maldito irmão que fez isso com você... — Com as mãos cubro o rosto em desespero, e só então percebo que também estou chorando.

— Não posso fazer isso, Cage. Não vou mais mentir para você.

Meu coração quase para antes de acelerar descompassadamente enquanto minha cabeça é bombardeada com *flashes* daquele dia.

Mais barulhos, mais lembranças.

A maneira como ele se movia brutalmente sobre ela.

Desgraçado!

Algo dentro de mim se quebra, e sinto os estilhaços me atravessarem de dentro para fora. Ela se abaixa e segura meu rosto. O vazio em seus olhos termina de dilacerar o que ainda me restava por dentro.

— O que ele tem feito com você? — exijo saber.

— Cage... — murmura meu nome, seu tom cheio de tristeza e derrota. — Eu sei que você quer saber a verdade e estou disposta a contar tudo. Meu único medo é que isso acabe te destruindo. Eu posso viver com muitas coisas, Cage. Meu Deus, tudo que eu passei é a prova disso. Mas não vou conseguir suportar vê-lo assim.

— Eu já estou destruindo, Erin. Como você acha que eu me sinto agora? Fui tão estúpido e fiquei cego, consumido pelo ciúme e decepção. — Tenho vontade de rir. Acho que vou enlouquecer.

— Você não foi estúpido. — O carinho na sua voz me deixa tonto. — Quem mentiu foi eu, Cage. E só eu. Menti para você e paguei por isso.

— Eu vou matá-lo. — Minhas palavras anunciam uma promessa.

— O monstro é ele, Cage. Não você. — Um sorriso amargo se espalha pelo meu rosto. Ela não faz ideia. Posso não ser como Luke, mas também sou um monstro. Somos a porra de irmãos gêmeos.

— Você não vai poder me parar dessa vez, Erin. Vou terminar o que eu comecei há onze anos — respiro fundo —, eu quero que você me conte tudo sobre aquela noite, cada maldita palavra.

Ela deita a cabeça no meu ombro e eu a puxo para o meu colo. Estamos sentados no chão do quarto, meus braços a envolvendo como se fossem um escudo, e sem esperar mais, ela começa a contar.

— Era início da noite quando cheguei na sua casa, seu pai ainda estava lá, mas de saída. Ele me cumprimentou e deixou que eu subisse para o seu quarto. Lembra que tinha ido resolver algumas coisas do apartamento naquele dia? — pergunta e eu concordo. É claro que lembro, eu me lembro de tudo daquele dia. — Achei que você ia demorar, então fui até a estante e peguei um dos meus livros que sempre deixava aqui. Encontrei seu MP3 com os fones de ouvido e me deitei na sua cama. Lendo e ouvindo música, acabei esquecendo do mundo.

Seu corpo estremece um pouco, eu a aperto contra o meu.

— Não o vi entrar no quarto, só percebi quando seu peso afundou o colchão ao se jogar na cama. Ele ficou ali deitado com o braço cobrindo o rosto por alguns instantes e eu cheguei a pensar que tinha apagado. — Ela me olha de novo.

— Continue — encorajo.

— Cutuquei seu peito para chamá-lo e dizer que estava no quarto errado, mas ele não se moveu. Como nada aconteceu, resolvi sair dali. Depois que fechei o livro e comecei a me levantar, senti sua mão segurar e apertar a minha coxa. — Ela para e olha na cama.

— Estou com você, amor. Continue — digo, e ela respira fundo antes de prosseguir.

— Ele começou a me acariciar e ao mesmo tempo dizia: “sua pele é mais macia do que eu tinha imaginado”. Eu congelei na hora, mas então senti o cheiro forte de bebida. Você sabe como era Luke naquela época. Logo pensei que estava bêbado e me confundindo com outra pessoa. — Bufo, sim, meu irmão sempre foi um idiota. — Afastei a mão dele, pedindo que fosse para o próprio quarto. Tentei mais uma vez me levantar e antes que pudesse reagir, ele girou o corpo sobre o meu, me prendendo contra a cama, e disse: “só uma vez, Erin. Me deixa te sentir só uma vez”. Meu Deus, Cage! Quando ele disse o meu nome sabia que precisava sair dali. — Meus dedos a apertam com mais força, ela me olha. — Você tem certeza de que quer ouvir tudo?

— Sim, Erin. Cada merda que ele disse. — Ela concorda com a cabeça. E eu, com muita dificuldade, alivio meu aperto.

— Comecei a empurrá-lo, mas ele era mais forte do que eu e sem muita dificuldade segurou meus pulsos acima da minha cabeça. Eu comecei a ficar apavorada, Cage. Seus olhos estavam vermelhos, e o sorriso... aquele sorriso sinistro que ostentava deixou todos os pelos do meu corpo em pé. Disse para me soltar, que estava bêbado demais e que não sabia o que estava fazendo. Ele riu e levou o nariz até o meu pescoço, inspirou, murmurando: “seu cheiro”. Não entendi na hora, fiquei confusa até que ele...

— Até que ele? — pergunto.

— Afundou o rosto no meu pescoço, gemendo com a voz rouca: “o que
NACIONAIS-ACHERON

me deixou embriagado foi o seu cheiro.”. Eu quase não o reconheci, Cage. O pânico só aumentava à medida que ele pressionava o corpo contra o meu, mais e mais, até que senti seu corpo excitado.

— Porra! — rosno, e ela se encolhe. — Desculpe, continue.

— Comecei a implorar para que ele parasse, dizia que ele estava fora de si. Que precisava parar. Mas quanto mais medo eu sentia e suplicava, mais enlouquecido ele ficava. Foi só quando me perguntou se o meu gosto era tão bom quanto o meu cheiro que me dei conta de que ele ia mesmo fazer aquilo. Reuni toda força que pude e abri a boca para gritar por socorro, porém ele foi mais rápido e sussurrou contra ela antes de me beijar a força: “shh. Prometo que vai gostar. Me deixa te sentir... preciso saber se é tão boa quanto eu acho que é.”

— Cage? Você está bem? — *Porra!* Não, eu não estava nada bem, mas preciso saber de tudo.

— Continue.

— Eu tentei resistir, Cage. Juro que tentei. A gente começou a se debater, mas parece que aquilo só o excitava ainda mais. Em questão de segundos, minha blusa e sutiã foram rasgados e a saia foi parar na cintura. — Olhos vazios e sem vida encaram os meus antes de prosseguir. — Uma das mãos apertou meus pulsos para cima enquanto usava a outra para puxar a calcinha de lado. Com as próprias pernas abriu as minhas, me prendendo no lugar antes de abrir o zíper do jeans e...

Eu a aperto nos meus braços, sentindo todo o seu corpo sacudir. Erin chora sem parar. Tento manter o controle, mas cada soluço que sai de sua boca é como um combustível. E merda, meu tanque, com certeza está cheio, porque quando eu o pegar... Ele vai desejar nunca ter nascido.

— O resto você já sabe. — Ela limpa o rosto e eu levanto seu queixo para olhá-la.

— Não serei capaz de apagar nada do que foi feito com você. — Levo a mão a sua nuca, aproximo o rosto até nossas testas encostarem. — Não posso curar suas feridas, meu amor. Mas posso fazê-lo sentir cada dor que *ele* te fez passar. Cada pedaço do seu corpo que *ele* violou e cada brilho de vida que apagou de você. *Ele* vai sofrer, Erin. É uma promessa. — Minhas palavras

nunca foram tão verdadeiras.

— Não quero essa promessa, Cage. Eu só preciso de uma coisa. Só preciso de você. — Ela se afasta um pouco quebrando nosso contato. — V- você ainda me quer? — pergunta, insegura. Cacete, ela é tudo o que eu sempre quis.

— Não existe nada nesse mundo que eu queira mais do que você, Erin. Só que não estou bem agora. Quero fazer amor com você como merece. — Seu rosto cora, envergonhada. — Porém, minha cabeça está tão fodida que eu não sei se conseguiria ser gentil nesse momento. — Seguro seu rosto com uma das mãos e a forço a me olhar. — Mas jamais duvide de uma coisa: nunca na minha vida desejei tanto uma mulher como eu te desejo. Sempre foi você, Erin. E sempre será.

— Fica comigo. Eu quero poder abrir os olhos e ver que é você, Cage. Por favor...

Porra!

— Não quero te machucar. Ainda estou lutando para processar tudo, tentando entender porque defendeu ele naquela noite.

— Você ia matá-lo.

— Eu ia. — Fito seus olhos e vejo a verdade neles.

Ela se sacrificou por minha causa.

— Você sabia que eu estava começando a jogar profissionalmente e que algum escândalo iria afetar todo o meu futuro. — digo em voz mais para mim mesmo do que para ela. — Você tentou impedir que eu matasse o meu irmão? Você se sacrificou por mim, não foi? — PUTA MERDA!

Ela sorri pela primeira vez desde que chegamos aqui, uma lágrima solitária começa a rolar pelo rosto. Seus olhos estão brilhando. Vivos.

— Eu te amo, Cage. Ontem, hoje e para sempre. Sempre foi você.

Jesus! Eu a amo tanto.

Não consigo mais resistir. Ela tem razão, ela precisa disso e eu também.

Pego-a no colo e a deito na cama, nós olhamos por um segundo apenas antes de eu começar a arrancar a minha roupa e o que resta da dela.

NACIONAIS-ACHERON

Demora menos tempo ainda para que eu esteja dentro dela.

Minha boca possui a sua furiosamente, nossas línguas travam uma batalha. Meu pau entra e sai dela, reconhecendo o lugar que sempre pertenceu. Erin geme e crava as unhas nas minhas costas. Suas pernas enrolam na minha cintura, me empurrando ainda mais profundo.

— Porra!!! Meu pau está encharcado de você, Erin. — Beijo seu pescoço e ela geme. — Tão gostosa. — Meus movimentos começam a ficar frenéticos.

— Cage... — Ofega quando começo a ir mais rápido. — Acho que vou...

Deixo seu pescoço para beijar carinhosamente cada uma de suas pálpebras antes de pedir: — Abra os olhos, Erin. — Ela os abre cautelosamente. Consegui a nossa primeira vitória.

— Goza, meu amor. Senti tanto a sua falta. — Erin grita meu nome quando atinge o clímax, e o animal dentro de mim acorda.

Eu a beijo descontroladamente, segurando seus cabelos em umas das mãos, me movendo cada vez mais rápido. Sinto as bolas apertar e mordo sua orelha, gozando de uma maneira que só com ela é possível.

Erin

Nunca pensei que chegaria o dia que me sentisse verdadeiramente amada ao ser tocada nas minhas cicatrizes.

Minhas cicatrizes!

Cage beija cada uma delas. Depois que transamos, ele acaricia cada centímetro do meu corpo que consegue alcançar.

— Ele não vai mais te tocar — repete entre um beijo e outro. — Nunca mais. — Fecho os olhos tentando acreditar nessas palavras.

Não tem nenhuma possibilidade de eu voltar para Luke, não depois de tudo que aconteceu aqui. Ou depois que contei a verdade.

Parecia que o peso do mundo tinha acabado de ser retirado das minhas costas. Era tão maravilhoso, quanto assustador.

— Nós iremos até a sua casa agora mesmo. Eu quero que pegue suas coisas e as de Liam — diz quando para de beijar meu corpo. Cage deita ao meu lado, embora os beijos tenham parado, suas mãos continuam me tocando.

— Tudo bem — respondo e não consigo esconder o alívio da voz.

— Sério? — Ele fica surpreso.

— Não posso mais dormir naquela cama, Cage. Não depois de tudo que aconteceu.

— Não tem porque se preocupar mais, ele não vai mais tocar em você, Erin. — Cada palavra é carregada de determinação.

— Luke não vai aceitar. E, sinceramente, estou apavorada com a reação dele.

— Quem vai lidar com meu irmão sou eu. Tudo que você precisa se importar agora é não esquecer nada que for precisar para trás. — E beija minha testa.

— Acha que... acha que eu devo ir à polícia? — pergunto.

— Vou te apoiar em qualquer coisa que resolver fazer. Estarei sempre ao seu lado.

— Fico pensando em Liam porque não quero que ele sofra mais do que já vai sofrer com a nossa separação.

— Mas tem que pensar no que será melhor para vocês a longo prazo, Erin.

— Onde iremos ficar?

— Vou ligar para um hotel e reservar um quarto.

— Não podemos dormir no mesmo quarto, Cage. Liam não vai entender nada. — Não gosto nem de pensar no sofrimento que ele vai passar. Luke pode ter sido um monstro para mim, mas sempre foi como um herói para Liam.

— Pedirei um quarto conjugado, podemos não dormir na mesma cama, mas não vou arriscar em te deixar desprotegida. — Beija meus lábios. — Acredite em mim quando digo que Luke nunca mais vai tocar em você.

— Eu acredito. — Sorrio.

— Vou conversar com Daniel e pedir para que ele traga o Liam até aqui. Perguntarei a ele como devemos proceder sem fazer alardes.

— Obrigada.

— Você não tem que me agradecer, Erin. Estou apenas fazendo o que deveria ter feito há onze anos. — Cage levanta da cama e pega suas roupas. — Vamos, não quero mais perder tempo.

Eu me levanto sentindo esperanças pela primeira vez. Cage termina de me ajudar com o vestido enquanto não paro de sorrir. Um verdadeiro sorriso, mas que desaparece assim que meu telefone toca.

Luke.

— Atenda e não diga onde está, apenas verifique o que ele quer. — Concorro com a cabeça e atendo a ligação.

— Oi, Luke. — Minha voz é apreensiva.

— Se eu fosse você, pararia de foder com meu irmão e voltaria para casa, querida. — Suas palavras me deixam em estado de choque.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu... — Estou tão assustada que não consigo dizer nada. Como é que ele soube? Cage percebe meu desespero e pega o celular.

— Preste bem atenção, *irmãozinho*, porque vou falar uma vez só. A minha mulher não vai voltar para você. Entendeu? — Não sei o que Luke responde, mas Cage franze o cenho e coloca no viva voz.

— Você tem vinte minutos para chegar em casa, amor — ameaça Luke com tanta calma que me arrepia. Olho para Cage sem saber o que dizer.

— O que você quer exatamente, Luke? — indaga Cage.

— Só quero que a minha esposa chegue a tempo para o almoço. — Quando ele termina de falar, ouço uma voz que faz meu sangue gelar. — Pai, a mamãe não vem? — pergunta Liam, e isso explica o tom calmo dele.

— O que ele está fazendo aí? — pergunto, começando a ficar desesperada de medo.

— Nosso filho? Que pergunta mais idiota, Erin. Ele está em casa, esperando a mãe para almoçar.

— Luke... — suplico.

— E não demore, Erin. Você sabe muito bem como eu me distraio quando estou com a cabeça cheia, não é? E as crianças são sempre sorradeiras, fazendo traquinagens quando a gente menos espera e se colocando em perigo. Sabe quantas crianças eu atendo com acidentes domésticos por semana?

— Você está ameaçando seu próprio filho? — Cage diz, incrédulo.

— Jamais faria isso — afirma Luke, antes de continuar. — Quem sabe, talvez eu não esteja ameaçando o *seu* filho, irmão?

Ele desliga antes que qualquer um de nós possa responder. Encaro Cage que está perplexo, tão chocado quanto eu. Ele segura o telefone e volta seu olhar para mim.

— Você tem uma chance, Erin. — Ele joga o telefone na cama. — A porra de uma chance para começar a falar. — Termina berrando, praticamente no meu rosto.

— Cage... por favor — imploro. — Eu tenho que ir.

— O que Luke insinuou... Liam, ele é meu filho? Você precisa me contar, caralho! — ele explode.

— Naquele dia... foi tudo confuso demais, e... — Começo a tremer e gaguejar. — Antes do Luke fazer aquilo... eu já estava grávida, Cage.

— Que porra é essa, Erin!!!??? Você escondeu meu filho de mim?

— Quando descobri, meus pais deduziram que era do Luke. Foi como uma avalanche descendo sobre mim, Cage. Seu pai também pensou a mesma coisa e com a cabeça transtornada acabei me deixando levar.

— Mentindo? Mais uma vez? — Meu Deus! Ele está furioso, andando de um lado para o outro. — Você deixou meu filho ser criado por um monstro porque não consegue lidar com a porra da verdade?

— Eu estava sozinha. — Dessa vez sou eu quem grita. — Luke achou que o filho era dele, e fez o que pensou ser o certo.

— Ele abusou de você, pelo amor de Deus! — acusa.

— Não naquela época, Luke mudou quando nossa filha morreu. — Cage me olha e sorri, um sorriso perverso. O mesmo que vi tantas vezes no rosto de Luke.

— Você acha que ele não sabe que não é pai do Liam, Erin? Ele sempre soube desde o início! — A certeza em seu tom era evidente. — Luke nunca mudou, apenas estava esperando, enganando e manipulando a todos.

Suas palavras me tiram o chão, ele me enganou? Esse tempo todo? Sinto meu estômago revirar e me seguro para não vomitar.

— Então fui apenas um peão? — A pergunta soa ridícula até para os meus próprios ouvidos. Porque é claro que fui!

— Pelo visto, todos nós fomos.

— Preciso ir até lá — digo apressada.

— Você não vai.

— Cage, é meu filho... nosso filho. — Reconhecer isso em voz alta é ao mesmo tempo um alívio e uma tortura. — Eu preciso ir.

— Eu vou com você — avisa, vestindo a camisa.

— Cage, por favor, me deixe cuidar disso — imploro.

— Assim como cuidou esse tempo todo? — Desdenha.

— Tudo que eu fiz foi sobreviver. — Ele me olha e se aproxima.

— Se você quiser voltar, eu não vou impedir. — Ele toca meu rosto. — Ainda estou furioso e confuso, Erin. E nós voltaremos a conversar sobre isso no momento certo. Você vai voltar para aquela casa, mas não ficará para sempre. Nem você, nem meu filho.

— Tudo bem.

— Vamos, vou levá-la. — Seu tom não deixa brecha para nenhum argumento.

Saímos em silêncio, o caminho até a minha casa nunca pareceu tão longo. Cage está com uma expressão indecifrável no rosto.

Ele estaciona o carro e desce para me ajudar a sair. Seguro sua mão estendida e caminhamos juntos até a porta. Meu coração troveja a cada passo dado e antes que eu possa encostar na maçaneta, Luke a abre.

Ele está usando só calça de moletom e segurando uma colher de pau. Abre um grande sorriso orgulhoso ao ver a gente.

— Ora, ora... resolveu se juntar a nós, meu irmão? — Vejo o maxilar do Cage contrair.

— Eu só vim para te dizer uma coisa — diz ríspidamente. Luke cruza os braços, seus músculos flexionam como se dissesse: pode vir. Cage se aproxima e solta minha mão para ficar cara a cara com o irmão. — Não posso segurar a Erin contra a vontade dela, Luke. Não posso forçá-la a fazer algo que não queira. — O sorriso no rosto do meu marido é de puro desdém. — Erin pode estar aqui, mas ela não é sua. A cada marca nova que aparecer no corpo dela, é um membro seu que vou arrancar. Não sou como você que passa por cima de tudo e todos para conseguir o que quer. Não queria ela um milímetro perto de você, mas infelizmente, o que ela quer agora é estar aqui. Por tanto vou respeitá-la. E é bom pensar duas vezes antes de encostar um dedo nela.

Luke sorri ainda mais. Meu estômago embrulha.

— Olha só!!! Meu querido irmão finalmente resolveu honrar o que tem
NACIONAIS-ACHERON

no meio das pernas! — Ele volta a atenção para mim. — Um pouco tarde, não acha? Onze anos de atraso, se me permite dizer. — Cage dá um passo na direção dele, mas para quando ouvimos a voz de Liam.

— Mamãe já chegou? — pergunta ele e se aproxima. O sorriso do Luke poderia praticamente partir o rosto dele ao meio.

— Sim, e ela trouxe o seu *tio*. — Ele dá ênfase na palavra *tio*. — Acho que vamos ter um belo almoço em família, o que acha? — pergunta a Liam que não esconde seu entusiasmo.

— Sinto muito mas eu só vim trazer a sua mãe. — Cage agacha para ficar da mesma altura de Liam, ele o olha com tanta intensidade que tenho vontade de chorar. — Como você está, campeão?

— Bem, meu pai está fazendo lasanha! É minha comida favorita.

— É mesmo? — diz Cage. — Nós comíamos muita lasanha quando tínhamos a sua idade.

— É verdade, mas seu tio nunca foi muito fã. Não é mesmo, Cage? Sempre reclamava.

— Sério, tio? — Quando Liam o chama de tio, uma expressão torturada toma conta do rosto de Cage. — Eu amo e meu pai também! Ele faz a melhor lasanha do mundo.

Quando Liam segura a mão do Luke, sinto uma pontada de tristeza no coração. Consigo sentir Cage desmoronando aos poucos, é quase palpável.

— Tudo bem, acho que vou ajudar o papai com esse almoço. Que tal? — interfiro com intenção de quebrar esse contato antes que Cage acabe explodindo.

— Tem certeza de que não quer ficar, Cage? — pergunta Luke.

— Tenho — responde. A fúria em seus olhos faria qualquer pessoa sensata correr na direção oposta. Melhor acabar logo com isso antes que seja tarde demais.

Eu me aproximo de Liam mas Luke é mais rápido e segura minha mão, me puxando para ele e beijando no pescoço.

— Já estava com saudades — diz alto o suficiente para que Cage escute.

Meu corpo vacila e tento me controlar, mas a tensão no meu corpo é quase insuportável de segurar.

— Eca, pai!!! Não comecem com essa nojeira — critica Liam e entra em casa.

— Tenha um bom dia, irmão. — Luke me puxa para dentro e fecha a porta.

O silêncio é quebrado pelo barulho de pneus cantando na rua.

Cage

Deixá-la naquela casa foi a coisa mais difícil que eu fiz, foi muito pior do dia em que fui embora dessa cidade. Bem, naquela época não sabia que estava dando de mão beijada a mulher que amava nas mãos de um monstro.

Devo procurar meu pai? Daniel? Porra! Penso em confrontar todos eles. Por que nunca me disseram a verdade?

Liam!

Meu Deus. Meu filho! Essa situação não tinha como ficar mais ferrada.

Pego o celular e ligo para meu amigo. Sei que é um momento egoísta já que ele acabou de perder a esposa, mas eu definitivamente preciso de alguns esclarecimentos.

— Oi, Cage! — Ele atende no segundo troque.

— Está na sua casa? — pergunto, seguindo na direção de lá.

— Sim, acabei de chegar.

— Posso passar aí?

— Com certeza. Está tudo bem? — Ele soa preocupado.

— Não, Daniel. Não estou nada bem.

— Merda. Pode vir que estou te esperando.

Desligo o telefone sem dizer mais nada. Não demora muito tempo para eu chegar. Nunca estive aqui, mas é nítido que está tomada pela tristeza.

— Fiquei preocupado, o que houve? — Estamos no escritório que Daniel tem em casa. O lugar é bem a cara dele; a estante repleta de livros, uma poltrona no canto, duas cadeiras de frente a mesa e muitas fotos dos três juntos. Vendo a Libby no retrato tento conter minha cara de desgosto.

— Não sei nem por onde começar, Daniel. É tudo uma grande e fodida bagunça.

— Pelo começo, Cage — diz.

Então eu conto tudo. Descrevo o que aconteceu no jantar, tendo apenas o cuidado de não mencionar Libby porque meu amigo já está lidando com muitas coisas agora. David tem um longo caminho até conseguir superar a perda da mãe, portando não precisa de mais problemas. Conto sobre a conversa no lago e que ela ainda me ama. Quando chego na parte das cicatrizes revelo como meu irmão se transformou em um monstro.

— Eu não fazia ideia. — Ele parece realmente surpreso.

— Confesso que eu demorei a acreditar, Daniel. É muito difícil saber que o homem que é o meu irmão, minha metade, fez aquilo. Mas não resta dúvidas, as provas estão marcadas no corpo dela e nas ameaças a Liam feitas por ele.

— Ele ameaçou o próprio filho? — duvida Daniel, espantado.

— Não. Liam não é dele, Daniel. Liam é meu filho.

— PUTA MERDA! — E levanta atordoado. — Como descobriu isso?

— Luke jogou a insinuação no ar, então eu confrontei Erin que confirmou tudo.

— E você deixou seu filho e mulher com o louco do Luke? — pergunta, incrédulo.

— É exatamente por isso que estou aqui. Não posso mais ser o homem que age por impulsos, Daniel. Preciso pensar numa saída para tirá-los dali em segurança.

— Precisamos chamar a polícia, Cage — diz como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Não, sem polícia. Agora que eu sei com quem estou lidando, não posso correr o risco do Luke surtar por medo de ser pego e acabar fazendo o pior com eles.

— Como assim? O que vai fazer?

— Pretendo terminar o que eu comecei há onze anos, Daniel. Mas preciso contar com alguém, caso as coisas saiam do controle.

Passo as próximas horas acertando todos os detalhes com Daniel, tenho que ter a certeza de que ele cuidará de tudo se algo der errado. A única coisa

certa nesse momento é que nada, nem ninguém, vai me parar dessa vez.

A noite chega e ainda estou na casa do Daniel. Ainda não tive notícias da Erin e, porra, não vou ficar aqui esperando. Eu já fiz isso por tempo demais. Quando levanto do sofá meu telefone toca e não me surpreendo quando vejo que é Luke.

— Você tem muito a aprender, irmão. Sabia que não é nada legal enviar mulheres para espionar? — O sarcasmo escorre por suas palavras.

— Do que você está falando? — pergunto sem entender porcaria nenhuma do que ele está dizendo.

— Sua amiga veio fazer uma visita. Nunca peça a alguém para fazer o trabalho que você devia fazer, Cage. Mas, covarde como sempre, resolveu mandar uma de suas putas. — Puta que pariu! Estela. Não fazia ideia que ela tinha ido até eles.

— O que você quer, Luke?

— *Eu?* Nada. Você por outro lado, acho que pode querer.

— Pare com esses jogos idiotas e diga logo de uma vez, Luke!

— Já ouviu falar no ditado: o que os olhos não vêem, o coração não sente. Pois é pensando nisso que eu prefiro mostrar em vez de dizer. Estamos te esperando, Cage. Tenho algo que eu sei que você quer, mas vai ter que vir buscar. — Desliga sem esperar pela minha resposta e meus instintos gritam para correr o mais rápido que posso até eles antes que seja tarde demais.

— Ele enlouqueceu — digo a Daniel. — Tenho que ir até lá.

— Eu vou com você. — Ele se apressa em me acompanhar.

— Não sei que diabos Luke está fazendo, então quero que você fique do lado de fora, Daniel.

— Você não precisa fazer isso sozinho, Cage. — Apenas com o olhar deixo claro que não aceito questionamentos. Daniel me conhece há muito tempo para saber que não vai resolver nada me questionar.

Ele entra no carro e eu dirijo o mais rápido que posso até a casa do Luke. No caminho, tento falar com Estela e quem sabe ela possa me dizer o que está acontecendo, mas o telefone cai direto na caixa postal.

— Droga. — Deixo o celular de lado.

— O que houve?

— Estela não está atendendo.

— Quer que ligue para o seu pai?

— Não, eu não quero preocupá-lo.

A tensão toma conta do carro assim que estaciono na frente da casa do Luke.

— Fique aqui — digo. Abro o porta-luvas e pego a arma ali guardada. Não sei por que meu pai deixa isso aqui, mas agora ela pode ser de grande ajuda.

— Minha nossa! — exclama Daniel enquanto verifico a trava da pistola, coloco atrás no cós da calça e puxo a camisa para escondê-la.

Vejo as luzes apagadas dentro da casa quando saio do carro. É como se a morte estivesse à espreita. Pego a arma — uma pistola semiautomática — e seguro firme, posso não ter muita prática em atirar, mas definitivamente não vim aqui para errar.

Caminho até a porta percebendo que está encostada. Com a arma em punho, eu entro, e o que encontro é de causar arrepios.

Algumas velas estão acesas pela sala, o cheiro forte de cera queimando me embrulha o estômago. Lembra a cemitério.

— Luke? — grito, mas ninguém responde. Segurando a arma, sigo em direção às escadas, mais velas aqui também. — Que porra é essa, Luke? — murmuro para mim mesmo.

A porta do quarto deles está aberta e o brilho das chamas iluminam lá dentro. Caminho pelo corredor, entro no quarto devagar e me deparo com a cena mais assustadora da minha vida.

No quarto, em meio as velas acesas, Luke está em pé segurando o pescoço da Erin. Jesus Cristo! Ela está usando só uma camisa que vai até os joelhos. Manchas de sangue cobrem o tecido, dos seios até a barra.

Minha visão ficar turva.

— Não é que ele veio mesmo, *querida*... — diz assim que me vê.

NACIONAIS-ACHERON

— Solta ela, Luke! Isso é entre nós dois. — Ele sorri.

— Tsc... tsc... tsc.. Estamos todos juntos nessa, meu irmão. Mas sinto ter que lembrá-lo que na vida nem sempre conseguimos tudo que queremos. — Ele passa o nariz no pescoço da Erin e continua. — Às vezes ganhamos, às vezes perdemos. No nosso caso, eu vou perder, mas você também vai. Vou ser misericordioso dessa vez e te dar a chance de escolher com qual delas você quer sair dessa casa. — Quando acaba de cuspir sua baboseira fica me olhando com cara de entediado.

— Luke, irmão... Vamos conversar, você... — Mas ele não me deixa terminar.

— EU TE DISSE PARA FAZER UMA ESCOLHA, IRMÃO! — berra. — Sua namoradinha da escola ou a amiga vagabunda. — Ele aponta para o sofá, e só então que vejo Estela desacordada com as mãos amarradas nas costas. Seu rosto está coberto de hematomas. Instintivamente, dou um passo à frente.

— Sabia! Ver a amiguinha deixou ele com raiva. Está vendo, querida. Eu não te disse que você era apenas um troféu para ele? — sussurra no ouvido da Erin, e uma lágrima rola pelo rosto dela.

Maldito manipulador.

— Solte elas, Luke. Não quero atirar em você, mas não vou hesitar se for preciso. — Aponto a arma na sua direção.

— Se atirar em mim, eu corto a garganta dela. — Um pequeno fio de sangue começa a escorrer. — Posso pegar bem na aorta, sabia? — ironiza com sorriso presunçoso. — E, se ficar pensando muito, sua amiga ali — Ele aponta Estela com a cabeça. — Pode começar a entrar em colapso. Você deve ter uns cinco minutos, no máximo.

— Você é um doente — cuspo as palavras.

— Tem certeza de que o doente sou eu? Porque eu acho, irmão, que você é tão desequilibrado quanto eu. Nossa garota aqui já sabe que você matou um cara? — Vejo os olhos da Erin se arregalarem assustados. — Pela tensão no corpo dela, não sabia, não é?

— Erin, não dê ouvidos a ele.

— O homem morreu ou não? CONTA PRA GENTE! — grita, pressionando o bisturi em Erin, que geme. Eu fecho os olhos.

As lembranças daquela noite ainda estão fresca na memória. A sensação que tive quando segurei seu corpo inerte. A adrenalina correndo nas veias.

— Ele mereceu — digo, porque é o que eu acredito. Bradon Cox era o padrasto da Estela, o homem que abusou dela durante anos. E que tinha tentado abusar dela naquela noite.

Quando cheguei em seu apartamento, tudo que enxerguei na minha frente era Erin na noite em que a vi com Luke. Quando jurou que estava com ele por vontade própria.

Luke ri.

— Viu só, querida, não somos tão diferentes assim — diz com desdém.

Olho em volta e noto algo que não tinha visto antes, ou melhor, alguém. Liam está deitado no chão.

— O que foi que você fez com ele? — Aponto o menino.

— Ele o sedou — Erin fala pela primeira coisa desde que entrei no quarto.

— Não seria legal ele ver a mãe nesse estado... — divaga Luke, e percebo minha chance.

Sem hesitar aponto a arma para Liam.

— O que pensa que está fazendo? — rosna Luke.

— Você tinha razão, Luke. Nós dois perderemos hoje. Cinco minutos foi o que disse? — Olho no relógio digital da cabeceira. — Já se passaram três.

— Você não seria capaz de machucar seu filho, idiota. — Erin me olha em pânico.

— Tem certeza disso? — encaro Luke friamente.

Erin choraminga em seus braços, mas ele não alivia o aperto. Destrovo a arma e engatilho.

— Sabe, Luke... Você pode ser o diabo, mas esqueceu de um detalhe importante.

— Que detalhe? — Seu tom é duro.

— Que você tem um irmão gêmeo. — Estreito os olhos nele. — Seu tempo acabou. — Volto a olhar para Liam. Erin sufoca um grito.

— Não seja estup... — Ele para assim que vê meu dedo começar a entortar no gatilho.

— Vou soltá-las. — diz apressadamente, assim que solta Erin eu abaixo a arma. Ela corre para ver Liam, mas não sem antes me lançar um olhar mortal.

— Erin, tire a Estela daqui. — Luke disse que ela tinha pouco tempo antes de entrar em colapso, por isso Liam estando sedado não corre o mesmo perigo. — Daniel está lá em baixo, pede pra ele chamar uma ambulância. E depois volte para pegar o Liam.

— Cage, eu não... — suplica.

— Agora, Erin! — Minhas palavras saem duras. Ela se afasta a contragosto e ajuda uma Estela grogue a levantar.

Luke apenas nos observa. Sinto o ódio emanando dele, mas eu não me importo, eu só quero que todos saiam dessa maldita casa.

— Primeiro Liam, depois a vagabunda — exige Luke, me encarando.

Erin faz exatamente o que ele disse e não posso culpá-la, seu filho é a prioridade. Ela parece uma leoa, pegando Liam como se não pesasse nada.

Daniel entra instantes depois que Erin sai. Ele não faz perguntas quando peço para tirar Estela daqui. Carregando minha amiga nos braços ele começa a sair do quarto, mas antes que atravessasse a porta, Luke solta: — Sabe, a sua esposa chupava meu pau como ninguém. — Daniel vira para encará-lo com os olhos arregalados. — É uma pena que ela não soube manter a boca fechada. Mesmo quando estava sangrando até a morte, ainda queria que eu a fodesse.

— Seu... — Impeço Daniel de continuar porque quem vai parar Luke sou eu e ninguém mais.

— Saia, Daniel! Agora! — exijo, meu amigo me encara e depois olha para Luke.

— Você merece tudo que está vindo para você, Luke — diz antes de sair.

— Acho que somos só nós dois — ironiza Luke assim que Daniel sai.

— Como nos velhos tempos, não é mesmo? — Jogo a arma para longe e ele faz o mesmo com o bisturi.

— Me diz... É isso que você quer, não é? — Ele gira a aliança no dedo. — Foi por isso que voltou? Para tê-la de volta. E o idiota do velho Nolan achou que tinha te manipulado.

— Não meta nosso pai nessa merda que você criou.

— Ah, sim, o *quase* falecido velho Nolan. Ele não gostou de saber que o filho favorito dele matou um homem. Não mesmo. — Ele sacode a cabeça, depois me encara. — Arrisco dizer que ele quase morreu de desgosto.

Suas palavras me atingem muito além do imaginável. Pensei que já tivesse todas as facetas do Luke. Mas insinuar que foi o responsável pelo ataque cardíaco que quase matou nosso pai e não demonstrava nenhum arrependimento, é demais para mim.

— Você não...

Ele começa a gargalhar.

— Vou matar você, Luke — ameaço.

— Não espero menos que isso de você, irmão. — Ele ergue a mão e gira a aliança mais uma vez. — Porque se quer mesmo isso, só vai ser possível comigo morto. — Ele enfia a mão no bolso e tira um isqueiro.

O estalo do isqueiro acendendo soa alto no silêncio do quarto.

Luke o joga para trás na direção das cortinas.

— Bem-vindo ao inferno, Cage — diz enquanto as chamas se espalham.

— Lugar do qual nunca deveríamos ter saído — completo, partindo para cima dele.

Meu punho acerta em cheio seu rosto e ele revida a altura.

Não é a luta do anjo e do demônio.

Somos iguais, lutando por algo que os dois querem, mas que não merecem.

PERIGOSAS

Somos dois diabos que merecem arder no fogo do inferno.

NACIONAIS-ACHERON

Cage

Meu punho acerta o rosto dele repetidas vezes. Assim como seus golpes também me atingem. Sinto a mão sangrar, mas não dá para saber se é meu ou de Luke.

— Pensei que fosse melhor que isso — zomba, dando um passo para trás. O calor do fogo começa a me sufocar. Retiro a camisa e a jogo longe.

— É como um maldito espelho — comenta ao me ver. Agora estamos iguais, apenas de calça jeans.

— Você nunca reclamou disso antes — retruco, debochando. Ele avança e consegue me derrubar.

— Como se sente sabendo que ela vai enxergar a mim sempre que olhar para você? — Ergo o joelho e acerto suas costelas, ele rola de lado e eu aproveito o movimento para me sentar sobre ele.

— Você fodeu com a cabeça da Erin. — Soco seu rosto novamente. O desgraçado sorri.

— Da mesma forma que ela fez com a minha. Então, estamos quites. — Disparo socos e mais socos, as juntas dos meus dedos estão esfoladas, mas nem isso me impede de continuar quebrando a cara dele. Sangue jorra de seu nariz, boca, bochecha e sobranalha. Um verdadeiro estrago, fico um pouco satisfeito, mas só um pouco, porque isso não chega aos pés do que ele fez com a Erin.

— Revide, seu filho da puta — grito quando ele não revida. Tenta abrir os olhos que já estão começando a inchar e com a boca toda estourada, sorri. Porra, ele parece um lunático. — Você a usou, Luke! Você a estuprou, retalhou o corpo dela... você...

— ELA. ERA. MINHA — explode.

— E você deveria ter cuidado dela, caralho! — Tenho vontade de esfregar esse sorriso no chão do quarto.

— Mas cuidei, eu não a toquei por meses. Só aconteceu depois que ela

teve o meu filho.

— Seu filho? Você quer dizer *meu* filho. — Sua expressão se fecha.

— Ele nunca vai ser seu filho, Cage! Foi comigo que ele esteve esse tempo todo. O primeiro choro, aprendendo a andar, a jogar e muito mais. Ele nunca será seu, nunca! — Suas palavras desencadeiam uma nova avalanche de golpes.

— Vou gostar quando isso acabar. — Ambos viramos a cabeça ao ouvirmos um estalo, as madeiras estão começando a ceder.

— Conto com isso.

— Você é um psicopata, Luke.

— E você também, Cage. — Ele se debate para tentar me tirar de cima dele. Acertando um soco na minha costela e eu urro de dor.

Mas ela é bem-vinda, e isso só aumenta a minha fúria.

Luke consegue girar o corpo, fazendo com que eu caia de lado. Meu olhar segue o dele enquanto procura e acha a arma. *Nada de jogar sujo, irmãozinho.*

Ele levanta para pegá-la e eu não penso duas vezes. Meu corpo voa em direção ao dele, colidindo de uma forma brutal. Consigo derrubá-lo e com as mãos no seu pescoço, começo a apertar. Ele tenta afastá-las, mas eu jogo a cabeça para trás e a desço com tudo no seu nariz. Isso é o suficiente para ele amolecer.

Gosto mais do que deveria conforme o observe engasgar.

— Está na hora de dizer suas últimas palavras, meu irmão. — Outro estalo. A fumaça começa a tomar conta de tudo, a temperatura está insuportável.

— A gente se vê no inferno, Cage — diz sem afastar o olhar. Aumento a pressão nas mãos e o enforco. Ele não reage. Com os olhos ainda grudados aos meus, assisto a vida se apagar dentro deles conforme seu corpo fica mole.

Abaixo a cabeça e sussurro em seu ouvido as palavras que eu sei que ele vai escutar: — Nos vemos no inferno, Luke, mas não hoje.

Crec.

NACIONAIS-ACHERON

Dessa vez, o estalo que ouço é do pescoço do meu irmão sendo quebrado. Rolo de cima dele e fico estirado ali mesmo.

Esgotado fisicamente e mentalmente.

Olho ao redor e vejo o lençol no chão, as chamas estão ficando cada vez mais altas, mas a porta do banheiro ainda não pegou fogo. Pego o lençol e vou até lá.

Essa merda vai ter que servir, porque eu vou sair daqui.



Ouçó muitos sons que não consigo decifrar. Várias vozes falando rápido demais, luzes piscando. E calor. Muito calor.

Tento me mover, mas sem sucesso. Sinto o braço direito pesado feito chumbo, olho para ele e o encontro todo enfaixado. Merda.

— Erin? — Até para falar dói.

— Meu Deus! — Ouço sua voz e suspiro aliviado. — Cage? — Ela parece receosa ao dizer meu nome.

— Sou eu. — Minha voz sai uma mistura de gemido com rangido.

— Você se lembra da nossa primeira vez? Lembra o que foi que me disse logo depois? — Ela ainda parece apreensiva, como se não estivesse acreditando que sou eu. Entendo seu receio, mas é porque ela não ouviu o som, o mesmo som que ainda consigo ouvir, o do pescoço do meu irmão sendo quebrado pelas minhas mãos.

Sorrindo, lembro da nossa primeira vez, e digo a primeira palavra que falei quando a tive.

— *Desculpe.* — Ela sorri.

Jamais vou me esquecer daquela noite. Queria que ela tivesse aproveitado mais, mas foi um fiasco total e no final eu só consegui pedir desculpas.

— Graças a Deus... — É a última coisa que escuto antes de apagar de novo.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

EPÍLOGO

Erin

Cinco anos depois

Deitada na espreguiçadeira, aprecio a praia. Deixo o livro que estava lendo de lado quando lembranças daquela noite me vêm à cabeça. Ambulâncias, sirenes, vizinhos aglomerados e o fogo consumindo tudo. É como pesadelo que sempre volta para me assombrar.

Quando dois corpos foram retirados, meu mundo desabou. Um deles irreconhecível, enquanto que o outro estava bastante machucado. Um foi encontrado no quarto, uma viga de madeira havida caído sobre ele e desfigurando seu rosto.

O outro, fora encontrado no banheiro, inconsciente com graves queimaduras no braço direito.

Foram três dias sem sair do hospital. Não tinha como identificá-los — sendo gêmeos idênticos —, era praticamente impossível distinguir, mesmo com DNA.

Três dias agonizantes de espera, até que ele acordou. Sua voz chamando meu nome foi o suficiente para iluminar aquele dia cheio de tristeza e apreensão. E as palavras que se seguiram depois disso soaram como música no meu ouvido.

Cage estava vivo. Só isso que importava.

Seu pai cuidou de tudo referente ao funeral de Luke. Depois de muita conversa, Cage e eu decidimos não contar a Liam que ele não era seu verdadeiro pai. Sabemos que Luke não merecia nenhum tipo de bondade, mas a sua morte já era difícil demais para nosso filho superar.

Cage também precisou lidar com seus demônios. Jamais conseguiremos esquecer aquela noite. As cicatrizes existirão para sempre. As minhas reluzentes à mostra, enquanto que as dele ficam escondidas profundamente em seus pesadelos. Ele tinha dias bons e ruins.

Passo a mão na minha barriga inchada. Nossa filha chuta como se

soubesse o que estou pensando. Ela é o nosso milagre. Depois de anos passando por tentativas de inseminações frustradas, finalmente conseguimos nosso pedaço de paraíso. Nossa pequena Luz; é assim que a chamamos, já que desde quando a inseminação deu certo, os terrores noturnos de Cage diminuíram significativamente.

Há dois anos, Cage decidiu vender o apartamento em Nova Iorque já que não jogava mais. Agora somos os felizes proprietários de uma casa na Califórnia, com uma praia no quintal.

Tom Nolan faleceu um ano depois daquela tragédia, o câncer finalmente o venceu. Ele foi resistente e enfrentou até o final. Cage não entendia porque o pai não quis procurar tratamento, sempre dizendo que era merecedor de uma morte dolorosa.

De todo aquele caos, outras duas partes quebradas conseguiram formar um todo. Estela e Daniel começar a sair dois anos depois do incêndio e estão juntos até hoje. Eles foram profundamente feridos por Luke; de formas diferentes, mas não menos avassaladoras. Nossos amigos aos poucos estão recuperando a confiança nas pessoas outra vez. Mas algumas coisas nunca mudam, Daniel continua um tolo e Estela uma desbocada.

Eles também se mudaram e agora estão aqui na Califórnia, a mudança de cenário foi algo mais do que bem-vinda a todos.

Olho para praia de novo e vejo Liam e Cage brincando, jogando a bola um para o outro e sorrindo. Liam está em uma idade delicada e mais do que nunca precisa da presença do pai. Cage, sempre presente, aconselha nosso filho e participa de tudo. E cada ação simples como essa, eu me apaixono por ele mais e mais. No ano passado Liam perguntou se poderia chamá-lo de pai — meu marido chorou feito criança a noite inteira.

Levanto com certa dificuldade. Estou no sétimo mês de gravidez e meus movimentos estão lentos. Cage repara que fico em pé e isso o distrai, Liam joga a bola e por puro reflexo, ele a pega.

Com a mão esquerda.

Sinto o ar evaporar dos pulmões, sento rapidamente tentando controlar a respiração, e antes que eu perceba, Cage está na minha frente com o olhar preocupado.

NACIONAIS-ACHERON

— Está tudo bem? — Ele segura meu pulso, conferindo os batimentos. E meu corpo se retrai. — Você está fazendo aquilo de novo, Erin.

— Fazendo o quê? — pergunto com os olhos fechados. Eu sei a resposta pois não é a primeira vez que isso acontece, mas só uma coisa me acalma e ele sabe disso.

— Você está me confundindo com ele. — Ele segura meu rosto. — Abra os olhos, Erin. — Eu obedeco. — Acabou, meu amor. Você sabe o que eu fiz aquele dia. Ele morreu pelas minhas mãos e não tem qualquer chance de ele voltar do inferno, entendeu?

— Sim. — Meu lado racional entendia, mas uma parte da minha mente que foi para sempre danificada teimava em dar as caras.

Acabei aprendendo durante os anos que não existe possibilidade alguma de esquecê-lo. Jamais. Ele fez parte de nossas vidas, porém hoje é apenas uma cruel lembrança.

E não importa quantas vezes eu olhe para Cage e lembre dele.

É lá onde ele pertence. Em nossas memórias.

FIM.

AGRADECIMENTOS

Há uma turma louca.

Mulheres tão perturbadas quanto eu.

Elas me apresentaram esse tipo de literatura.

Costumo dizer que elas não são normais... mas, afinal, quem não é?

Então, dessa loucura, nasceu esse livro.

E o *obrigada* nunca será suficiente, pois amizade iguais as delas...

Loucas...

Doentes...

Porém sinceras, a gente não encontra tão fácil.

Muitas pessoas vão estar ao seu lado ao longo do caminho, mas poucas vão embarcar nas suas loucuras.

Dri, Mi, Carol, Raquel, Deb, Dê, Sam, Soso... vocês são as loucas que subiram nesse navio, que me incentivaram ser mais, a buscar mais e não ter medo.

Romance Dark não é para qualquer um, mas certamente é para nós.

NOTA DA
AUTORA

É difícil identificar cada Estela ou Erin que surge na nossa vida. O ser humano tem o grande defeito de só enxergar aquilo que lhe convém.

Veja além. Você pode conviver com alguém que passou ou passa pelas mesmas coisas que essas personagens passaram, seja o apoio que elas precisam. Não se acovarde, o mundo não precisa de mais pessoas assim.

A *você* que inspirou essa personagem tão forte, Estela, espero que tenha gostado dessa pequena homenagem, e que eu tenha conseguido transmitir toda sua força e garra em tão poucas linhas.

No Brasil, existe um canal de atendimento à mulher vítima de violência por meio do número telefônico 180, central telefônica para atendimento às vítimas, criada pela Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM). O serviço é gratuito e funciona 24 horas todos os dias, inclusive nos finais de semana.

“Todos somos capazes de conseguir o que queremos, Erin. Basta ter coragem. E não se esqueça, você não está mais sozinha.” – Estela

Andy Collins.

BIOGRAFIA



Andy Collins é um pseudônimo usado pela autora brasileira. Sua primeira obra publicada foi INSANO, primeiro livro da série Originals, que começou a ser postado na Plataforma Wattpad e depois passou a ser publicado pela Editora PL. Desde então, a autora já publicou de forma independente várias obras. Entre elas está FENOMENAL, INSENSÍVEL e COLATERAL – primeiro livro e segundo livro da série Willers Family – e o conto dark ELA ESTÁ SOZINHA.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON